

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGeo**

Thaís Luíse Monteiro de Souza Barreto

**PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA NA CIDADE DE MANAUS:
OS MAPAS MENTAIS DO POLICIAL MILITAR**

Manaus – Amazonas

Maio/2013

Thaís Luíse Monteiro de Souza Barreto

**PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA NA CIDADE DE MANAUS:
OS MAPAS MENTAIS DO POLICIAL MILITAR**

Dissertação de Mestrado do Curso de Pós-Graduação em Geografia para obtenção do título de Mestre em Geografia. Área de concentração “Amazônia: Território e Ambiente”. Linha de pesquisa: Território e Cultura na Amazônia.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Amélia Regina Batista Nogueira

Manaus – Amazonas

Maio/2013

Ficha Catalográfica

(Catalogação realizada pela Biblioteca Central da UFAM)

B273p	<p>Barreto, Thais Luíse Monteiro de Souza</p> <p>Percepção e representação da violência na cidade de Manaus: os mapas mentais do policial militar / Thais Luíse Monteiro de Souza Barreto. - Manaus: UFAM, 2013.</p> <p>108 f.; il. color.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Geografia) — Universidade Federal do Amazonas.</p> <p>Orientadora: Prof^ª Dr^ª Amélia Regina Batista Nogueira</p> <p>1. Policiais militares – Amazonas 2. Mulheres policiais – Psicologia 3. Violência policial – Manaus (AM) I. Nogueira, Amélia Regina Batista (Orient.) II. Universidade Federal do Amazonas III. Título</p> <p>CDU (2007): 351.745(811.3)(043.3)</p>
-------	---

Thaís Luíse Monteiro de Souza Barreto

**PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA NA CIDADE DE MANAUS:
OS MAPAS MENTAIS DO POLICIAL MILITAR**

Dissertação de Mestrado submetida à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Geografia/ Mestrado em Geografia do Departamento de Geografia do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Amazonas como parte dos requisitos necessários para obtenção de título de mestre em geografia.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª. Amélia Regina Batista Nogueira
Universidade Federal do Amazonas – PPG-GEOG

Prof. Dr. Benhur Pinós da Costa
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

Profª Drª. Tatiana Schor
Universidade Federal do Amazonas – PPG-GEOG

**MANAUS, AM – BRASIL
JUNHO DE 2013**

DEDICATÓRIA

Aos meus pais por todo carinho e dedicação, mesmo quando eu disse que não conseguiria, eles estavam prontos para me apoiar.

Às minhas irmãs por me dizerem o quanto eu estive chata durante todo o processo.

E ao meu sobrinho querido, Luís Henrique (KIKE) por fazer meus momentos de loucura parecer sempre uma brincadeira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar forças para concluir essa dissertação. Agradeço ao Luís Henrique por fazer com que cada brincadeira, durante o processo, tenha sido uma forma de esquecer todo o meu estresse. À minha mãe, por todo seu amor e carinho, sem exigir nada em troca. Ao meu pai por exigir de mim todo o meu esforço para me manter firme frente às adversidades. As minhas irmãs por me deixarem louca, brigarem e depois curtirem com a minha cara.

Ao pessoal do trabalho (Priscila, Aline, Thaís, Delmara, Diego e Márcio) por vocês terem sido muito importante para a conclusão desta tarefa. Especialmente à Priscila, por ter me trazido de volta à realidade, muitas vezes, quando eu me desesperava. A Aline, por me dizer sempre a verdade quando estava errada. E a Thaís, por ter me ajudado com as entrevistas e me orientar durante todo o trajeto.

Às minhas amigas Ana, Luciana e Mônica. A Ana por ter me suportado durante esse processo exaustivo do mestrado, sendo ela quem me ouvia rir e chorar. A Mônica por me dizer que eu ia conseguir chegar ao final disso tudo. A Luciana, por fazer piada da minha cara e descontrair nos momentos de estresse.

À minha orientadora, Professora Amélia Regina, por me orientar e me ensinar que às coisas podem ser diferentes, só precisa enxergar mais claramente.

Ao Comandante da minha unidade, TC EBER BOH, por toda a dedicação e ajuda, ao me liberar para cursar as disciplinas do mestrado. Ao Cmd. Geral da Polícia Militar do Amazonas, por me permitir realizar a pesquisa com as polícias militares femininas.

Agradeço a todos aqueles que intervieram de forma positiva na minha vida, vocês foram importantes para a conclusão deste trabalho. E aqueles que interferiram de forma negativa, porque sem vocês não conseguiria saber o que queria ser hoje e nem aquilo que não queria ser amanhã.

EPÍGRAFE

Mulheres de Farda

Autora: Thaís Luise Monteiro de Souza Barreto

Guerreiras, mães, amigas,
Mulheres...
Objeto de Estudo...
É principalmente,
Não podemos esquecer
Mulheres de farda.
Motivo do meu orgulho e admiração
PFEM.

RESUMO

A Polícia Militar do Amazonas está presente em todos os municípios do estado, e não seria diferente na cidade de Manaus. A segurança pública é uma parte importante da sociedade. Em Manaus, a estrutura dessa segurança pública vem passando por mudanças constantes, procuramos saber o que acham os policiais militares que estão envolvidos diretamente neste processo, principalmente as policiais femininas que são o foco da pesquisa. A policial militar é, dentro do bairro, o referencial de segurança pública. Conhecer o bairro é perceber o espaço através das pessoas que trabalham e residem no lugar. Buscamos neste texto refletir sobre as categorias, lugar e percepção, tomando como ponto de partida a visão que a policial militar feminina tem sobre o seu ambiente de trabalho, e como a mesma lida com a violência e o medo gerado pela insegurança. Adotamos a fenomenologia como abordagem metodológica, sendo utilizadas entrevistas abertas, para caracterizar a visão da policial militar. A partir daí, foram confeccionados mapas mentais a respeito da violência presenciada pela policial militar dentro da cidade, seu envolvimento com o lugar. O estudo busca compreender como a policial militar percebe a cidade de Manaus, tomando como referência os índices de criminalidade. A relação da mesma com o lugar requer novo olhar para problemática em torno da violência.

Palavras-chave: Lugar; percepção; violência; medo; mapas mentais.

ABSTRACT

The Military Police of Amazonas is present in all municipalities of the state, and would be no different in the city of Manaus. Public safety is an important part of society. In Manaus, the structure of that public safety has been undergoing constant change, we want to know what you think of the military police who are directly involved in this process, especially female officers who are the focus of research. A police officer is in the neighborhood of the reference public safety. Knowing the neighborhood is to realize space through the people who work and reside in place. We seek in this paper reflect the categories, place and perception, taking as starting point the view that the female police officer has over your work environment, and how it deals with violence and fear generated by insecurity. We adopt phenomenology as a methodological approach being used, open interviews to characterize the vision of the military police. From there, we made mental maps about the violence experienced by military police within the city, his involvement with the place. The study seeks to understand how the police officer perceives the city taking as reference the crime rates. The ratio of military police to the place requires new look at issues around violence.

Keywords: place; perception; violence; fear; mental maps.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – NOVA DIVISÃO TERRITORIAL DE SEGURANÇA PÚBLICA DE MANAUS.....	59
FIGURA 02 – MAPA DA CIDADE DE MANAUS – OCORRÊNCIAS DE HOMICÍDIO POR BAIRRO.....	62
FIGURA 03 – MAPA DA CIDADE DE MANAUS – OCORRÊNCIAS DE ROUBO POR BAIRRO.....	65
FIGURA 04 – MAPA DA CIDADE DE MANAUS – OCORRÊNCIAS DE FURTO POR BAIRRO.....	68
FIGURA 05 – MAPA DA CIDADE DE MANAUS – OCORRÊNCIAS DE TRÁFICO DE ENTORPECENTES POR BAIRRO.....	71
FIGURA 06 – MAPA MENTAL 01 – REPRESENTAÇÃO DA PFEM Nº 07.....	85
FIGURA 07 – MAPA MENTAL 02 – REPRESENTAÇÃO DA PFEM Nº 08.....	86
FIGURA 08 – MAPA MENTAL 03 – REPRESENTAÇÃO DA PFEM Nº 12.....	87
FIGURA 09 – MAPA MENTAL 04 – REPRESENTAÇÃO DA PFEM Nº 13.....	88
FIGURA 10 – MAPA MENTAL 05 – REPRESENTAÇÃO DA PFEM Nº 15.....	89
FIGURA 11 – MAPA MENTAL 06 – REPRESENTAÇÃO DA PFEM Nº 23.....	90
FIGURA 12 – MAPA MENTAL 07 – REPRESENTAÇÃO DA PFEM Nº 27.....	91
FIGURA 13 – MAPA MENTAL 08 – REPRESENTAÇÃO DA PFEM Nº 10.....	92
FIGURA 14 – MAPA MENTAL 09 – REPRESENTAÇÃO DA PFEM Nº 11.....	93

LISTA DE TABELAS

GRÁFICO 01 – SÉRIE HISTÓRICA E VARIAÇÃO PERCENTUAL DA NATUREZA HOMICÍDIO EM MANAUS	60
GRÁFICO 02 – COMPARATIVO DA NATUREZA HOMICÍDIO POR ZONA (2011-2012)	61
GRÁFICO 03 – SÉRIE HISTÓRICA E VARIAÇÃO PERCENTUAL DA NATUREZA ROUBO EM MANAUS	63
GRÁFICO 04 – COMPARATIVO DA NATUREZA ROUBO POR ZONA (2011-2012)).	64
GRÁFICO 05 – SÉRIE HISTÓRICA E VARIAÇÃO PERCENTUAL DA NATUREZA FURTO EM MANAUS	66
GRÁFICO 06 – COMPARATIVO DA NATUREZA FURTO POR ZONA (2011-2012)...	67
GRÁFICO 07 – SÉRIE HISTÓRICA E VARIAÇÃO PERCENTUAL DA NATUREZA TRÁFICO DE ENTORPECENTES EM MANAUS	69
GRÁFICO 08 – COMPARATIVO DA NATUREZA TRÁFICO DE ENTORPECENTES POR ZONA (2011-2012)	70

LISTA DE ABREVIATURAS

CPA – Comando de Policiamento de Área

DIP – Delegacia Integrada de Polícia

PFEM – Policial Militar Feminina

PM – Policial Militar

PMAM – Polícia Militar do Estado do Amazonas

POG – Policiamento Ostensivo Geral a Pé

SEAI – Secretaria Executiva Adjunta de Inteligência

SISP – Sistema Integrado de Segurança Pública

SSP/AM – Secretaria de Segurança Pública do Estado do Amazonas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1 – PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL DO ESTUDO FENOMENOLÓGICO DO LUGAR	20
1.1 LUGAR COMO LÓCUS DA EXPERIÊNCIA VIVIDA E CULTURAL.....	21
1.1.1 A GEOGRAFIA CULTURAL E OS LAÇOS COM O LUGAR.....	21
1.1.2 LUGAR COMO LÓCUS DA EXPERIÊNCIA VIVIDA.....	25
1.2 PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO LUGAR ATRAVÉS DOS MAPAS MENTAIS	31
1.2.1 MAPAS MENTAIS: A REPRESENTAÇÃO DO SENTIMENTO HUMANO DO LUGAR.....	35
1.3 O LUGAR ENTRE A TOPOFILIA E A FOBIA.....	38
CAPÍTULO 2 - A POLICIAL MILITAR FEMININA E A VIOLÊNCIA: UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO POLICIAL	44
2.1 IDENTIDADE DE GÊNERO: O PAPEL DA POLICIAL FEMININA NA CORPORAÇÃO	44
2.1.1 A POLICIAL FEMININA E A POLÍCIA MILITAR DO AMAZONAS	47
2.2 SEGURANÇA PÚBLICA: UMA GESTÃO SOCIAL	50
2.2.1 PROGRAMA RONDA NO BAIRRO: UMA ALTERNATIVA PARA SEGURANÇA PÚBLICA EM MANAUS	54
2.3 PERCEPÇÃO DA POLICIAL MILITAR NA CORPORAÇÃO E A ESTATÍSTICA OFICIAL DOS NÍVEIS DE CRIMINALIDADE	56
2.3.1 ESTATÍSTICAS OFICIAIS DOS NÍVEIS DE CRIMINALIDADE: COMPARATIVO DOS ANOS DE 2011-2012.....	57
CAPÍTULO 3 - MAPAS MENTAIS: UMA REPRESENTAÇÃO DO LUGAR A PARTIR DA VISÃO DA POLICIAL MILITAR	73
3.1 IDENTIDADE DO LUGAR: DOMÍNIO DA EXPERIÊNCIA VIVIDA.....	73
3.2 PERCEBER O LUGAR ATRAVÉS DA PROFISSÃO: OS RELATOS SOBRE A EXPERIÊNCIA DO COTIDIANO	78
3.3 MAPAS MENTAIS: A VIOLÊNCIA NA CIDADE DE MANAUS REPRESENTADA PELAS POLICIAIS MILITARES	82
3.4 MEDO SOCIAL: A POLICIAL FEMININA E O PERIGO NAS RUAS DA CIDADE DE MANAUS	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97

REFERÊNCIAS	101
ANEXO - A	106
ANEXO - B	107
ANEXO - C	108

INTRODUÇÃO

O estudo partiu da ideia de tentar compreender o espaço percebido pela policial militar feminina através de sua atividade no combate ao crime. Enquanto pesquisadora e policial comecei a perceber que a atividade policial militar vai muito além do que é reconhecida, principalmente para a mulher.

Ao decidir estudar a policial militar feminina, tinha como ideia principal, retratar o serviço policial a partir do que eu vivenciava, trazendo assim, para minha realidade, a experiência das demais policiais militares das unidades que compõem a Polícia Militar na cidade de Manaus.

Tivemos como objetivo geral, compreender a partir da percepção das policiais militares femininas, quais as áreas de maior incidência de criminalidade identificadas por elas. Trazendo para os objetivos específicos, foram identificadas através da percepção das policiais femininas as áreas de maior violência; foram verificados os mapas oficiais da violência dentro da cidade de Manaus; e foi representada a violência da cidade de Manaus através dos mapas mentais das policiais militares.

A Polícia Militar do Amazonas, enquanto instituição admitiu a entrada de mulheres apenas após 143 anos de existência. As policiais militares ou como nós chamamos na corporação, as PFEM, tiveram seu ingresso no dia 08 de fevereiro de 1980, com o Decreto – Estadual nº 4819 (anexo) que permitiu que as mulheres fizessem parte da corporação.

O trabalho nos mostrou qual é o lugar representado pela policial feminina a partir de suas experiências vividas na área de serviço. Reconhecemos que estas, por vivenciarem o dia a dia da cidade, no que diz respeito ao crime e estando inserida diariamente em um bairro ou comunidade, percebem o cotidiano desses lugares, tendo informações e imagens desses que vão além dos dados estatísticos.

O lugar adquire uma familiaridade para o indivíduo que é capaz de perceber esse ambiente, pois é ali que contém seus vínculos familiares, amigos de infância, vizinhos muito antigos. As interpretações do lugar são caracterizadas por símbolos sociais unificados pelo comportamento social.

A percepção que cada ser humano tem de um lugar, ainda que haja muitos pontos em comum com a de outras pessoas, é sempre única, particular. Isso porque

a percepção de cada indivíduo é moldada por sua história de vida, por sua idade, pelo tipo de trabalho que exerce e pelo tipo de interesse que possui em relação às pessoas, aos objetos e aos lugares.

O policial militar é, dentro do bairro, o referencial de segurança pública. Conhecer o bairro não é apenas identificar ruas e avenidas, monumentos ou comércios; é também perceber o espaço através das pessoas que trabalham e vivenciam o lugar.

O indivíduo que exerce a segurança pública conhece a cidade através dos pontos, onde os índices de violência são mais intensos e os aspectos do serviço policial militar se mostram mais evidentes. A visão do policial militar sobre o ambiente urbano é diferente da percepção de um cidadão comum. O cotidiano do policial é voltado para a violência produzida na cidade.

A relação do homem/lugar faz parte da vivência, que consiste na experiência do espaço vivido. A policial militar elabora conceitos sobre o lugar e violência que nele existe. O espaço vivido transforma experimentação da policial na criação de novas concepções a partir da vivência no lugar. A relação da policial militar no processo de sua reação com o espaço promove novos olhares: a problemática em torno da violência.

O medo da violência, não apenas traz inquietação para a população, mas também para o indivíduo que veste a farda e se prepara para combater o abuso gerado na cidade, e o policial militar trabalha sem saber se voltará para casa.

A metodologia deste projeto consiste inicialmente em fazer o levantamento bibliográfico de informações, onde foram analisadas e compreendidas as categorias lugar e percepção. A compreensão dessas categorias foi complementada a partir da definição das policiais militares femininas (PFEM's).

A pesquisa é de cunho fenomenológico, pretendendo assim, fazer uma abordagem da vida da policial militar durante suas atividades. Tentamos compreender como a policial feminina visualiza a violência em que está inserida; qual seria o outro lado da estatística de quem convive com a criminalidade todos os dias, estando atuando ou não como policial.

Para entrevistar as policiais militares femininas empenhadas no policiamento ostensivo, foi necessária autorização do comandante de policiamento, o qual as

policiais, que seriam entrevistadas, estavam subordinadas. Essa autorização foi devidamente obtida, constando no Boletim Geral da PMAM nº043 do dia 05 de março de 2012, pág. 2005-2006 (anexo). Fizemos uso da pesquisa qualitativa para obter os dados pertinentes ao nosso trabalho, utilizamos entrevista individual com as policiais militares, que tinham entre de 4 a 15 anos de corporação, estando numa faixa etária de 25-40 anos de idade. A pesquisa teve como instrumento de coleta principal as entrevistas com as praças da corporação (soldados, cabos). Foram entrevistadas 27 policiais militares femininas com o intuito de evidenciar quais seriam seus maiores receios da atividade policial militar. Foram escolhidas as PFEM's que estavam empregadas no policiamento ostensivo. O policiamento ostensivo, dentro da cidade de Manaus, está dividido em: 6 CPAs (Comando de Policiamento Área) das zonas Norte, Sul, Leste, Oeste, Centro – Oeste e Centro – Sul e suas respectivas DIP's (Delegacia Integrada Polícia).

As entrevistas foram individuais tendo por finalidade identificar como a policial militar feminina descreveria as áreas mais violentas da cidade. Ao final foram confeccionados os mapas mentais como forma de representação da experiência do policial militar a respeito do lugar.

Procuramos definir conceitos para a percepção dessas profissionais a respeito da violência que esses indivíduos presenciam na atividade policial militar. A Geografia Humanística nos ofereceu os pressupostos para entender como a policial militar feminina percebia a cidade e como elas vivenciavam essa realidade.

Os mapas mentais foram confeccionados com o intuito de representar suas percepções. Esse recurso nos deu pressupostos para entender como a policial militar feminina absorvia a violência presente em seu trabalho, como o indivíduo compreende a realidade que vive.

Os sujeitos da pesquisa tiveram suas identidades mantidas em sigilo a pedido das mesmas. Antes da entrevista foi apresentado o termo de livre consentimento e esclarecimento (anexo), sendo utilizado como garantia de que as informações colhidas durante os encontros não comprometessem a corporação da Polícia Militar.

A partir dos resultados, foram analisados e comparados com os dados estatísticos oficiais da Polícia Militar, para dar início a representação da realidade dos índices de criminalidades existentes na cidade de Manaus.

O trabalho foi estruturado em três capítulos. No primeiro momento, trabalhamos o lugar e a percepção como categoria de análise da problemática. Usamos a abordagem fenomenológica para caracterizar a percepção da policial feminina de acordo com a sua rotina de trabalho. Procuramos também, mostrar no primeiro capítulo, como a policial feminina lida com a violência urbana, gerada na cidade de Manaus.

No segundo capítulo, foram trabalhados o gênero e a identidade feminina, além do surgimento dentro da Polícia Militar, dessa classe de mulheres combatentes. Foram ainda apresentados, a face da segurança pública no Estado do Amazonas, com a implantação do Ronda no Bairro, inicialmente na cidade de Manaus, sendo feito um comparativo dos dados estatísticos produzido pela Secretaria de Segurança Pública do Estado do Amazonas – SSP/AM.

No terceiro capítulo, foram apresentados os resultados referentes à temática dos mapas mentais das policiais militares femininas. Sendo representados os conceitos de violência das mulheres entrevistadas durante a pesquisa. Os mapas foram trabalhados como forma de expressar a percepção das policiais militares a respeito da violência urbana durante sua rotina diária.

Assim procuramos mostrar neste trabalho como a policial militar vivencia a problemática da violência em seu cotidiano, dentro e fora do serviço policial militar.

CAPÍTULO 1 – PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL DO ESTUDO FENOMENOLÓGICO DO LUGAR

A Geografia Humanista compreende o lugar como produto das relações sociais. É a partir do lugar que é possível construir as relações de identidade, sendo o indivíduo capaz de ter afeição pelo ambiente e atribuir valores a eles.

O lugar apresenta características que somente o indivíduo onde está inserido, em um bairro ou comunidade, aprende a reconhecê-lo. É a partir de pontos existentes no lugar, como um supermercado ou um bar, uma praça ou uma rua; pontos que referenciem a identidade do espaço e das pessoas que o habitam. O lugar adquire uma familiaridade para o indivíduo que é capaz de perceber esse ambiente, é ali que estão presentes seus vínculos familiares, amigos de infância, vizinhos muito antigos. É nesse lugar que se constroem suas relações sócio-espaciais.

Passaremos nesse capítulo, por diversas categorias. Inicialmente, falaremos sobre lugar e a importância para o homem que o vivencia em seu cotidiano. Nesse primeiro momento, damos início à relação do policial militar como temática a ser estudada. Faremos também uma passagem pela geografia cultural para explicar a interação do homem com o meio.

Trabalhamos com algumas premissas da fenomenologia para retratar o policial militar, enquanto indivíduo capaz de perceber e “experenciar” o meio. A percepção que temos de um lugar, ainda que haja muitos pontos em comum com a de outras pessoas, é sempre única, particular. Isso porque a percepção de cada indivíduo é moldada por sua história de vida, por sua idade, pelo tipo de trabalho que exerce e pelo tipo de interesse que possui em relação às pessoas, aos objetos e aos lugares. Inserido neste contexto, ressaltamos como os mapas mentais são construídos a partir do conhecimento diário do lugar. Os mapas mentais são formas de representação do ambiente. É através desses mapas que compõe a relação do homem com o lugar, que procuraremos compreender o envolvimento do policial militar com o bairro e os pontos de violência identificados por ele.

Finalizaremos o capítulo, discutindo a questão do medo, este representado

pela violência em cidades de grande porte, como é o caso da cidade de Manaus. O policial militar é constantemente envolvido com a violência e os índices de criminalidade recorrentes na cidade, nesse momento, o indivíduo dá lugar ao profissional, capaz de perceber, vivenciar e representar seu cotidiano.

O policial militar elabora conceitos sobre o espaço e violência que nele existe. O espaço vivido transforma experimentação do policial na criação de novas concepções a partir da vivência no lugar. A relação do policial militar com o espaço requer novo olhar para problemática em torno da violência. A Polícia, muitas vezes, parece ser a única presença efetiva do Estado no bairro e tem um papel fundamental na transformação desta realidade. O policial militar é muitas vezes um mediador de conflitos, lidando com todo tipo de situação, portanto, pode nos apresentar uma visão diferenciada daquela que conhecemos através da mídia.

1.1 LUGAR COMO LÓCUS DA EXPERIÊNCIA VIVIDA E CULTURAL

A geografia humanista nos apresenta uma relação homem – lugar. O olhar da geografia para as necessidades sociais e composição de uma inter-relação com o lugar nos faz perceber a importância deste na construção da vida, dos laços afetivos e dos valores estabelecidos.

Pensando nisso, a geografia cultural aborda esses laços construídos no lugar através das relações compostas nele. Uma construção social de produção do espaço. É através da cultura que estabelecemos nossas características comuns ao lugar que representamos. O conhecimento que adquirimos *in loco* é retratado a partir da cultura que produzimos. A cultura é uma linguagem das origens de um povo.

É a partir da cultura que somos capazes de conhecer e conceber o lugar. Assim atribuímos ao lugar um valor, um significado próprio da experiência vivida em sociedade.

1.1.1 A GEOGRAFIA CULTURAL E OS LAÇOS COM O LUGAR

O homem primitivo, desde sua origem, sente a necessidade de conhecer o lugar. As sociedades pré-históricas faziam uso de suas representações para o reconhecimento do espaço e produção da cultura.

Os homens primitivos já compreendiam suas relações sociais e as modificações que eram capazes de fazer no espaço. Por isso, como forma de mostrar sua linguagem própria, faziam representações do seu cotidiano, assim sua cultura ficou perpetuada, dando início à cultura como conhecemos atualmente.

A elaboração de representações e discursos sobre o espaço não é monopólio da geografia acadêmica, e sim uma atividade que se realiza em qualquer época e em todos os campos da cultura, já que toda sociedade necessita conhecer o espaço em que habita para controlá-lo e para dele extrair os recursos com os quais produz sua cultura. (DINIZ, 2010, p. 20)

A geografia cultural explica a relação de apropriação do espaço a partir da inter-relação afetiva com o lugar. Cada sociedade retrata o seu lugar, de acordo com as atividades exercidas tradicionalmente pelos indivíduos que a compõe. A cultura é a maneira, que o povo de determinado lugar tem, para expressar um sentido único para os conceitos adquiridos ao longo de sua existência. O indivíduo aprende com o cotidiano a ter afetividade pelo povo e pelo lugar através da cultura repassada de geração para geração. Assim, o ser humano é capaz de se identificar dentro de uma cultura.

A identidade do lugar é estabelecida através da experimentação cotidiana da cidade, do bairro e das pessoas que o vivenciam a partir de seu envolvimento e sua observação. É através da cultura que o indivíduo adquire as predileções para saber observar e aproveitar o lugar com todos os seus benefícios e malefícios. Segundo Claval (2007 p. 106), “o indivíduo é moldado pela cultura: o que sabe fazer, suas maneiras de sentir e de ver, suas aspirações, são recebidos de seu círculo ou construídos a partir dos elementos por ele fornecidos”.

A abordagem cultural da geografia renova-se durante o século XX e volta-se para as relações homem-natureza e a diversidade cultural. As novas perspectivas transformam o conhecimento do lugar em ciência. A geografia cultural apresenta

para o indivíduo outras formas de se ater ao lugar. É através da apreciação da cultura que percebemos a valorização das subjetividades do ser, as relações contidas no lugar e a diversidade do espaço. A fim de uma compreensão da realidade, nos é atribuído o olhar das perspectivas humanas. A integração da relação homem-lugar ocorre através das experiências vividas pelo indivíduo, que reconhece o lugar como seu.

A abordagem cultural nos proporciona discutir sobre uma comunidade, um conjunto de regras e comportamentos que normatizam o convívio em sociedade. Sendo assim, são formadores de valores de uma unidade social, estabelecendo padrões socioculturais ao lugar. Na cidade, os padrões sociais são formadores de grupos individualizados por suas especificidades. A cultura é uma forma de representar as relações estabelecidas em sociedade. Ao analisar as perspectivas apresentadas pela geografia cultural, percebemos que a contribuição humana para com a identidade de cada lugar, se consegue através das experiências vividas nele.

Os elementos que compõe a cultura são representados pela capacidade de comunicação dos indivíduos e os aspectos experimentados em conjunto. É através do comportamento e ações em comum com o padrão social constituído pelo grupo que se criam distinções de uma comunidade para outra. Com as facilidades impostas pela comunicação globalizada e a circulação dos mais diversos grupos dentro da cidade, a cultura vem apresentando uma multiplicidade, mas é através dos valores associados a uma comunidade e seu caráter subjetivo que podemos especificar a que círculo o indivíduo pertence.

As relações dos homens com o meio ambiente e com o espaço têm uma dimensão psicológica e sociopsicológica. Nascem das sensações que as pessoas experimentam e das percepções a elas ligadas. (CLAVAL, 2001, p.39)

A cultura não é apenas um conjunto de costumes de uma comunidade, e sim a experiência contínua do dia-a-dia, construindo características para o comportamento da população que reside no lugar. De acordo com Correa (2001, p.12) “a cultura é um fenômeno que se origina, difunde-se e evolui no tempo e no espaço, sendo compreendido no tempo e traçável no espaço (...).”

O envolvimento do policial com o lugar e com a cultura do ambiente é diferenciado. O policial militar que trabalha dentro da cidade de Manaus observa de forma distinta a cultura. Muitas vezes o indivíduo que trabalha tirando o seu serviço em uma área nobre, mora em uma zona marginalizada e por isso, tem uma visão diferenciada do lugar. A experiência desse policial é dividida em estar de serviço e estar de folga, por isso esse indivíduo é obrigado a ter duas posturas para se inserir no ambiente.

O ser humano tem necessidade de construir um meio que seja favorável às condições de sobrevivência do mesmo. O homem se apropria do espaço sem medir as consequências do conjunto cultural que se adquire com a ocupação humana. O homem vivencia o lugar, limitando-se não apenas ao bairro em que vive, mas percebe a cidade a partir das características que “experencia” no seu ambiente. Segundo Claval (2001, p. 45) “o problema não é somente explicar por que a terra muda de acordo com os lugares. É compreender por que as pessoas associam aos lugares, sentimentos, atitudes e humores diferentes.”

O policial militar tem dentro da cidade uma mobilidade muito grande, conhece vários lugares diferentes da cidade e diferentes pontos do bairro que reside e/ou trabalha. No entanto constrói uma relação de proximidade com seu lugar, sendo nele, o lugar onde tem mais identificação, muitas vezes, é o lugar onde morou na infância ou onde morou há algum tempo, mas permanece com os vínculos das relações sociais que ali manteve. O indivíduo é tudo aquilo que constrói durante a vida, o lugar percebido por ele é uma busca do seu espaço em sociedade.

O espaço frequentado pelos homens não se limita jamais àquele revelado pela observação: ele é acompanhado de um outro, refletido num outro mundo, ao qual são atribuídos virtudes e charmes superiores àqueles do meio familiar. (CLAVAL, 2007 p. 140)

A geografia cultural constrói uma dimensão para as formas de conceber o lugar a partir do reconhecimento da cultura. O homem através da relação com o espaço produz ligações, cria símbolos e atribui sentimento ao lugar. É através da cultura que o indivíduo percebe e analisa o lugar em que está inserido. Essa observação inconsciente do lugar é capaz de construir representações humanas

sobre o ambiente que se vive. A construção do lugar acontece com o indivíduo que o vivencia, tornando-se protagonista das manifestações existentes no espaço. A observação de cada ponto se transforma em referencial no bairro em que se vive.

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite inovações e as invenções. (LARAIA, 2009, p.45)

A cultura não é apenas um conjunto de costumes de uma comunidade, e sim a experiência contínua do dia-a-dia, construindo características para o comportamento da população que reside no lugar. Para o indivíduo que vivencia o bairro, o uso da percepção é uma das formas de saber onde está contida a identidade do lugar e sua própria essência. A percepção consiste em mostrar essas expressões do espaço. Aqui ressaltamos o ambiente enquanto *lócus* da experiência vivida. O lugar é fruto da percepção e das representações do cotidiano, por isso nosso trabalho chama atenção para o sujeito que vive ali.

1.1.2 LUGAR COMO *LÓCUS* DA EXPERIÊNCIA VIVIDA

O lugar é compreendido não apenas como localização, mas como espaço vivido. Desta forma, o lugar é produzido ao longo da existência do indivíduo, fazendo parte das relações afetivas do homem. O bairro é visto através das relações interpessoais sempre presentes, um ambiente onde parentes e vizinhos se misturam proporcionando uma identidade familiar com o lugar. Para isso, trabalhamos com a abordagem da geografia humanística para compreender o entendimento das relações humanas a respeito do espaço e do lugar.

Segundo Tuan (1983, p.153), “a afeição duradoura pelo lar é em parte o resultado de experiências íntimas e aconchegantes.”. O lugar ganha caráter familiar e afetivo a partir da rotina exercida pelas atividades humanas. É esse indivíduo que

é capaz de compreender a importância de um lugar para sua existência, assim como atribuir características para a modificação desse ambiente de forma que seja mais condizente com sua realidade.

O lugar tem característica de lar para as pessoas que o vivenciam. As experiências mantidas no lugar retratam uma proximidade quase que familiar com a vizinhança e proporciona um ambiente afetuoso no bairro. Esse caráter aproximado de lar para as pessoas que experimentam o lugar remonta uma sensação de segurança, tanto para quem reside como para quem trabalha em um ambiente harmonioso.

Para a Geografia Humanista, o conceito de lugar é tratado não apenas como parte do espaço, mas é palco das relações sociais, usualmente, a elas são atribuídas às familiaridades com o ambiente. O lugar apresenta uma característica “identitária”, sendo assim, uma representação aproximada de lar a partir da relação social. A permanência do homem no lugar promove, através da cultura, elementos que distinguem o ambiente, fazendo com que o mesmo se sinta parte integrante do espaço.

A Geografia Humanística procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e idéias a respeito do espaço e do lugar. (TUAN, 1982, p. 143)

Procuramos entender a cidade através da visão do policial militar sobre o lugar. Para o indivíduo que vive e constrói o lugar com experiências diárias, esse lugar não é apenas um ponto qualquer no mapa da cidade, mas sim uma referência afetiva das suas relações pessoais. Retomamos o conceito de lugar, como já salientamos, não apenas como uma noção de localização, mas como um lugar constituído e percebido através das experiências individuais. Segundo Tuan (1983, p. 151), “o espaço transforma-se em lugar na medida em que adquire definição e significado”. Aprender a conhecer o lugar é atribuir significado a ele. As relações pessoais construídas no lugar em que vivemos são orientadas pelas referências estabelecidas no espaço.

O lugar para Massey (2009) é conferido de suas próprias internalizações, suas particularidade. Essas diferenciações entre os espaços construídos por suas relações sociais promovem a autenticidade de cada lugar. Este passa por uma transformação, sendo disposto em seus limites conceitos e culturas pertinentes ao ambiente. Essa construção é peculiar à relação dos seus habitantes com o lugar, podendo ser estendida para os que nele trafegam ou trabalham.

‘Lugares’ vieram a ser considerados delimitados com suas próprias autenticidades internamente geradas e definidos por suas diferenças em relação a outros lugares que estavam fora, além de suas fronteiras. Tratava-se de uma forma de imaginar o espaço – uma imaginação geográfica. (MASSEY, 2009, p.102)

A relação entre homem–lugar é vivenciada a partir da sensação de pertencimento, que o indivíduo tem ao se apropriar do espaço. O lugar é conferido de signos que o identifiquem, devido à quantidade de símbolos pertencentes à cultura imposta pelo espaço e pelas pessoas que nele se constituíram. Para o homem é necessário saber reconhecê-los.

É através da interação com o lugar que se pode conceber uma identidade particular. As relações concebidas são desprovidas de interesse, portanto são de cunho familiar, afetivo. Grandes cidades como Manaus fazem com que as pessoas não sejam capazes de reconhecer sua totalidade, porém podem conhecer bem uma porção, um fragmento do lugar onde vivem e trabalham. Os arranjos dos bairros podem ser considerados como símbolos.

Aprender a conhecer o bairro exige a identificação de locais significantes, como esquinas e referenciais arquitetônicos, dentro do espaço do bairro. Objetos e lugares são núcleos de valor. Atraem ou repelem em graus variados de nuanças. Preocupar-se com eles, mesmo momentaneamente é reconhecer a sua realidade e valor. (TUAN, 1983, p.20)

Aqueles que vivenciam o lugar e são capazes de trafegar em outros bairros, diferenciam os traços existentes em seu lugar de origem e o lugar de passagem. Para muitos, essa observação é crucial para o entendimento das relações existentes

com a valorização do lugar. Segundo Claval (2010, p.51), “a experiência geográfica é a diversidade de lugares e de homens”. Portanto, é necessário conhecer os limites culturais e geográficos de um bairro, para percebê-lo em suas relações afetiva e de identidade espacial.

O lugar nos mostra a realidade dos indivíduos que ali habitam e constroem esse mundo. É através dos símbolos pertencentes a um lugar, que podemos identificar quem esteve por ali e o que marcou para a sociedade que permaneceu nesse lugar.

A identidade do lugar é essência humana traduzida através da percepção de mundo vivido, o envolvimento do homem sobre as situações constantes de determinado ambiente. As relações sociais que se distinguem no lugar são produtos da essência do indivíduo. Para compreender essa relação é necessário conhecer o lugar onde viveu e as ações que o transformaram. Cada lugar tem um sentido próprio.

As abordagens científicas para o estudo do homem tendem a minimizar o papel da conscientização e do conhecimento humano. A Geografia Humanística, em contraste, tenta especificamente entender como as atividades e os fenômenos geográficos revelam a qualidade da conscientização humana. (TUAN, 1982, p. 146)

O lugar assume significado a partir da importância dada a espaços como: onde nascemos, onde crescemos, onde casamos e onde morreram entes queridos. Esses lugares adquirem importância para nós, dando um sentido para a vida de cada um. É importante salientar que as experiências construídas com o lugar são únicas, cada pessoa reconhece de uma forma diferente os mesmos símbolos, podendo ter significado parecido, mas nunca igualmente experienciado. Segundo Claval (2007, p. 157), “o símbolo reúne: ele faz esquecer as diferenças que existem entre os membros de um grupo ou de uma mesma cultura, ele realça aquilo que compartilham.”

Podemos atribuir característica ao lugar como um cheiro ou som específico que nos lembra de uma pessoa, ou alguém muito querido. As pessoas tendem a perceber de forma diferenciada a realidade a sua volta. Quem vivencia o lugar,

percebe-o através de vários fatores. Podemos descrever que a percepção do lugar pode ser diferenciada por experiências de vida, educação e cultura que o indivíduo exerce no decorrer de sua permanência no lugar. Os interesses exercidos por ele, que vivencia o lugar, também determina sua percepção. O indivíduo que mora e/ou trabalha no lugar como o policial militar, é alguém que está envolvido na produção desse espaço. Por isso, perceber o mundo não é apenas vê-lo e sim senti-lo, explorá-lo com todos os sentidos.

Uma pessoa que simplesmente 'vê' é um espectador, um observador, um alguém que não está envolvido com a cena. O mundo percebido através dos olhos é mais abstrato do que o conhecido por nós através dos outros sentidos. Os olhos exploram o campo visual e dele abstraem alguns objetos, pontos de interesse, perspectivas. (TUAN, 1983, p.12).

Compreender o lugar é atribuir algo especial a ele. Os seres humanos procuram dar significado ao mundo, capturar a essência do lugar e condicioná-lo a eventos importantes de apropriação do espaço. Os habitantes de um lugar aprendem que mesmo onde existam outros bairros e outras direções, a sua é a melhor e mais confiável, sendo uma perspectiva de autoconhecimento da realidade e virtudes do lugar. Este é um atributo do conhecimento humano.

A ciência geográfica passa a ter um olhar objetivo, ao analisar e reconhecer imagens, observação e hipóteses, enquanto cartografia; mas na geografia humanística, o olhar do homem sobre o lugar é moldado através das experiências vividas. O homem é o centro das experiências com o lugar. O lugar aqui não é apenas um objeto sem movimento nem especificações, é conferido ao lugar uma "personalidade" adquirida das pessoas que o experimentam. Somos capazes de criar dentro do lugar detalhes que percebemos em nosso dia-a-dia.

A identidade do lugar se caracteriza da observação do espaço percorrido por quem o experiencia. A essência do lugar é reconhecida através de indicadores que se aplicam valores ao conteúdo experimentado. O policial militar através de sua movimentação dentro da cidade tem uma visão ampla da segurança pública e dos problemas que assolam a cidade. A percepção do policial militar está atrelada às

informações que recebe em seu cotidiano, onde estabelecem vínculo com o lugar em que trabalham, criando novos conceitos para a formação da identidade.

A rua onde se mora é parte da experiência íntima de cada um. A unidade maior, o bairro, é um conceito. O sentimento que se tem pela esquina da rua local não se expande automaticamente com o passar do tempo até atingir todo o bairro. Ao conceito depende da experiência, porém não é uma consequência inevitável da experiência. (Tuan, 1983, p. 189)

Somos capazes de nos orientarmos através dos símbolos construídos pelos homens que vivenciam o lugar. Ele começa a se identificar com o lugar a partir do momento em que associa seus sonhos e esperanças ao espaço. É então onde começa a construir uma realidade, um sentimento, um vínculo.

Os elementos de produção do lugar, enquanto conteúdo experimentado por nós, pode ser caracterizado a partir das relações concebidas nesse lugar escolhido para viver ou trabalhar. A vizinhança diferente dos padrões idealizados por nós, transforma “nosso lugar” em uma multiplicidade de conceitos e características que apenas quem faz parte do lugar consegue reconhecer os símbolos pertencentes a ele.

Para Dardel (2010, p. 65),

A Terra é, na geografia mítica, uma relação que, vista de nosso universo objetivado moderno, aparece como uma aderência total e absoluta: sonho e vertigem, indissociação; nela o homem se abandona e confia.

Procuramos trazer como parte de nossos estudos, a compreensão do homem sobre o lugar, neste caso, o policial militar, pois este está inserido na sociedade, tanto no âmbito familiar quanto no seu ambiente de trabalho. O policial, em sua residência, é um cidadão comum, inserido na comunidade, sendo ele associado a um símbolo de segurança, mesmo em seu convívio social. Em seu local de atuação, o policial observa o bairro com muito mais cautela, por conta da sua convivência com a violência da cidade. A realidade do policial militar se diferencia do cidadão comum, devido aos constantes momentos de vigilância.

O policial militar não deixa de ser policial quando sai de serviço, principalmente se estiver fardado, pois a sociedade o cobra uma reação 24 horas por dia, não importando as condições a qual esteja enfrentando. O policial militar é observado em todas as situações que participa, sendo julgado de forma positiva ou negativa pela população. São nesses momentos que o policial militar inserido no lugar, presencia de forma mais aproximada às situações de maior violência. O policial militar reconhece os perigos decorrentes do emprego de sua atividade.

A realidade geográfica é, para o homem, o lugar onde ele está, os lugares de sua infância, o ambiente que atrai sua presença. Terras que ele pisa ou onde ele trabalha, o horizonte do seu vale; ou a sua rua, o seu bairro, seu deslocamento cotidiano através da cidade. (DARDEL, 2010 p.34)

O policial militar se envolve com os problemas sociais do lugar em que trabalha. Em algumas ocasiões, o policial militar trabalha e reside no mesmo bairro, reconhecendo as pessoas que praticam as atividades perigosas da área, como seus próprios vizinhos, nos quais às vezes, são amigos de infância que não tiveram as mesmas oportunidades. Portanto, não são considerados perigosos ou não intimidam esses policiais.

Outra forma de se explicar o lugar é através da cultura. A geografia cultural explica o lugar como formação de identidade afetiva e ligação com signos adquiridos da experimentação da sociedade. Dessa forma, queremos ainda mostrar como a cultura abre espaço para os laços afetivos com o lugar.

1.2 PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO LUGAR ATRAVÉS DOS MAPAS MENTAIS

A construção do lugar se dá a partir das percepções que se tem do mundo a sua volta. No decorrer da vida do ser humano, as observações se constroem de forma muito restrita à movimentação na cidade. Durante a fase infantil, a criança só presencia e assimila os lugares que os pais estão acostumados e no bairro em que

residem, mas é a partir dessa primeira percepção construída do lugar, que o indivíduo começa a caracterizar os fenômenos pertencentes ao lugar. Na adolescência, o indivíduo se movimenta um pouco mais dentro da cidade. Ao ir para a escola, ele percebe a cidade e observa outras realidades, além daquela conhecida dentro do bairro.

Os fenômenos sociais percebidos pelo indivíduo são adquiridos conforme se vivencia o lugar. É a partir daí que usaremos uma abordagem fenomenológica para explicar a percepção dos fenômenos sócio-espaciais.

O sujeito deve ser capaz de produzir o espaço, adaptar-se a ele e construir símbolos, percebendo o lugar em que está inserido. O indivíduo interpreta as imagens, cria conceitos e se adapta conforme suas necessidades. Para um Policial Militar não seria diferente, já que a área a ser percebida e identificada produziria símbolos para facilitar o trabalho, prevenir lugares de grande risco à vida do mesmo, produzindo assim, signos pertinentes à sobrevivência do policial em serviço.

Para Dardel (2010), a consciência geográfica habilitou o homem a observar e definir o mundo a sua volta. Essas predileções humanas incentivaram a uma observação *in locu* da natureza com toda sua energia. Isso significa que o homem é impulsionado a fazer suas constatações do mundo, não apenas de dentro de seu lar, mas direcionada a buscar novos meios de compreender sua própria condição.

A fenomenologia em si é um retorno das experiências pela descrição dos fenômenos vividos. É através da fenomenologia, que podemos nos opor aos parâmetros concebidos pela geografia científica e propor novas concepções para descrever a essência humana. Sendo assim, a fenomenologia busca compreender o mundo através do seu sentido e das experiências vividas.

Nogueira (2004 p. 209-210) diz que,

A geografia por nós estudada sempre teve como interesse analisar o mundo embora por um longo período, este tenha sido tratado mais enfaticamente nos seus aspectos físicos e mais tarde nos aspectos humanos, em que este humano foi ora tratado como mais um elemento da natureza física, ora enquanto classes sociais que produz um espaço a partir de suas relações sociais. O homem com suas experiências pessoais do lugar, com suas emoções em relação a ele, com suas experiências agradáveis e desagradáveis dele, foi pensado pela geografia, mas logo sufocado pelas críticas de que ele

seria uma análise subjetiva e individual do mundo, e à ciência não interessaria.

Para perceber um objeto, é necessário um conhecimento, uma consciência da existência do mesmo. Assim, nos faz reconhecer de maneira eficaz a representação do objeto e sua essência. Para o policial militar faz-se necessário o reconhecimento da área de serviço e seus pontos críticos. Nesse momento, o policial internaliza o trajeto e constrói uma imagem do lugar.

A natureza humana é capaz de construir o lugar e moldar suas características a partir da personalidade geométrica, reconhecendo-o através de símbolos e coisas que evidenciam a essência do espaço. O lugar adquire características de objeto, sendo a ele estipulado valor e sentimento, como afirma Tuan (1983 p. 20), “o lugar é um tipo de objeto”.

O ser humano está no mundo independente de suas ações, consciente ou não do mundo a sua volta. A percepção do que existe entorno do indivíduo determina a sua vivência no lugar. É através desses esboços construídos durante nossa vida, que somos capazes de atribuir ao lugar uma realidade, cultura ou crença. É no sujeito que se constitui a consciência e o sentido a ele necessário, para perceber os fatos ocorridos em sua própria rotina.

A percepção do lugar é diferenciada a partir dos signos de representação do espaço desenvolvido por cada indivíduo. Segundo Lowenthal (1982, p. 104), “(...) a Geografia observa e analisa aspectos do meio ambiente na escala e nas categorias em que comumente são apreendidos na vida diária”. O lugar percebido indica o envolvimento do indivíduo e sua relação de afetividade. Um bairro representa para o morador um ambiente familiar, pois suas relações estão contidas ali, mas para o policial o mesmo representa trabalho.

A inteligência se manifesta em diferentes tipos de realidade. Uma é a capacidade de reconhecer e sentir profundamente o particular. (...) Um objeto ou um lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, através de todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva. (TUAN, 1983 p. 20).

No lugar em que vivemos, instituimos um determinado valor a objetos que estão significativamente ligados aos ambientes produzidos pela inter-relação social. A cidade pode ser percebida como um conjunto de símbolos divididos em ruas e avenidas, representados pela individualidade de cada bairro. O lugar passa a ter vida, sendo um resultado da experimentação das pessoas que o vivenciam. A identidade com o lugar pode ser construída através da visão de mundo, adaptada aos elementos característicos de uma cultura. Segundo Tuan (1980, p. 107), “(...) o lugar ou meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo.”

A percepção pode ser determinada pelas condições do meio geográfico e das tensões a ele aplicada. Por exemplo, o policial pode se sentir ameaçado próximo a sua casa, dado ao isolamento em que se encontra, e sentir-se protegido estando em serviço na companhia dos demais policiais.

A fenomenologia é retratada pela percepção do homem a partir da concepção de “ser-no-mundo”, é através desta expressão utilizada por Dartigues (2008) que buscamos privilegiar o fenômeno, enquanto a experiência vivida pelo indivíduo e a compreensão do mundo a sua volta. A consciência humana é construída através de percepção e hábitos do cotidiano, no qual se constitui durante o período de aprendizagem na fase infantil.

Toda representação é um fenômeno psíquico, no sentido de que possui um caráter psicológico individual, mas se refere sempre a um objeto, isto é, algo que chama atenção das pessoas e que, por isso, é pensado como ente que se destaca no conjunto das coisas. (DINIZ, 2009, p.161)

O policial militar vê o seu trabalho como algo perigoso para uma atividade remunerada. Muitos desses policiais têm a idéia de que a Polícia Militar do Amazonas poderia se ater a novos conceitos para a geração de melhorias quanto à proteção do mesmo. Antes de sermos policiais, somos pessoas comuns, temos nossas famílias. As condições de trabalho e o material a ser utilizado devem estar em condições de uso. Para o policial militar a segurança pública é uma questão de extrema importância, mas a vida em primeiro lugar.

O policial militar é um indivíduo que se arrisca para manter a segurança dos demais. O simples fato de caminhar nas ruas de farda, já é perigoso, estando ou não de serviço, pronto para servir e proteger a população.

É durante as situações mais caóticas que o policial militar realiza o seu trabalho, mostrando que veio para solucionar todo tipo de circunstâncias. Pensar o lugar através da ótica do policial é enxergar que somos frágeis diante das circunstâncias enfrentadas na rotina diária do serviço militar, muitas vezes nos desdobramos para tratar da melhor forma possível, as crises encontradas nas ruas da cidade.

A imagem da cidade é observada por nós de uma ótica simplória através da mídia e dos meios de comunicação, mas não sabemos de todos os fatos ocorridos durante as noites, em que temos pessoas arriscando as suas vidas, para que possamos dormir tranquilos.

O ser humano percebe características no lugar, que somente ele pode explicar. A representação do lugar a partir da percepção é individualizada, quando esse homem vive o espaço que quer representar. Na abordagem que estamos propondo, essas representações são materializadas através dos mapas mentais.

1.2.1 MAPAS MENTAIS: A REPRESENTAÇÃO DO SENTIMENTO HUMANO DO LUGAR

A consciência humana, adquirida pela vivência e experimentação do lugar, proporciona meios para a representação do mesmo através de mapas, mentalmente construídos a partir da influência que esse ambiente tem para cada um. Uma das formas mais efetivas para compreender o lugar, é pedir para um morador fazer um mapa daquilo que ele conhece em seu cotidiano, desenhando o que para ele é importante e faz a diferença na localização dentro do espaço. As referências construídas por esse morador nada mais é que a visão de mundo compreendida através de desenhos, mapas mentais identificados pelo indivíduo.

O desenho de mapas é evidência incontestável do poder de conceituar as relações espaciais. É possível determinar o caminho através do cálculo de posição, sem usar observações astronômicas e através da considerável experiência, sem procurar desenhar as relações espaciais globais das localidades. (TUAN, 1983 p. 86)

O homem ao construir relação com o lugar insere-se de forma harmônica no ambiente e promove uma interação entre homem-lugar, fazendo com que sua presença nesse ambiente construa valores e símbolos que caracterizem o espaço a partir de quem o vivencia. As manifestações no lugar transformam o mesmo, para que tenha peculiaridades específicas do morador desse espaço. O indivíduo que constrói o lugar é capaz de representá-lo de diversas formas, compreendidas apenas através da referência do seu modo de vida.

As trajetórias identificadas por nós são obedecidas a partir das marcas convencionadas no lugar. Independentemente das direções a serem tomadas, são estabelecidos marcos que determinam os rumos experienciados. O lugar que conhecemos é capaz de nos fornecer imagens favoráveis ou não a nossa percepção, dando materialidade às construções sentimentais de apreço ao lugar.

O mapa mental, enquanto desenho e representação de símbolos do cotidiano, mostra-nos a habilidade que o ser humano tem de distinguir o seu lugar. É a partir da apropriação do espaço, construção dos signos e valores atribuídos ao lugar, que criamos imagens para a representação do lugar. De acordo com Tuan (1983, p. 114), “o espaço construído pelo homem pode aperfeiçoar a sensação e a percepção humana.”

O policial por sua vez é capaz de retratar o lugar através dos pontos, que identifica como perigoso ou onde haja mais características para os índices de criminalidade. A presença do mesmo pode evidenciar um lugar mais ou menos violento, ou seja, o policial é referência dentro da cidade, e esse identificador é a presença social imposta no espaço.

De acordo com Tuan (1983 p. 42),

O homem, pela simples presença impõe um esquema no espaço.(...) Marca sua presença nas ocasiões rituais, que elevam a vida acima do cotidiano e forçam-no a uma consciência dos valores da vida, incluindo aquelas manifestadas no espaço.

A percepção policial militar é empregada através de mapas construídos a partir da presença e observações feitas pelo mesmo do lugar. Os mapas mentais são estabelecidos por meio da visão de mundo que cada indivíduo tem, e a importância que o lugar exerce sobre os valores e símbolos de cada um. O policial é capaz de ter dois parâmetros para visualizar a cidade frente à violência: no primeiro caso, esse policial é um cidadão comum que vive a cidade e o bairro onde mora, sente-se ameaçado pela violência que assola a cidade como um todo; no segundo caso, a perspectiva é diferenciada, devido o mesmo ser a presença do Estado dentro da cidade, como profissional da segurança pública, trabalhando a violência urbana.

Os mapas mentais representam os significados e valores que o homem atribui ao espaço. O lugar é utilizado como identidade, com diversos significados para cada um que o experiencia, nossa busca é expor os índices de violência mais frequentes que assolam a cidade, na visão do policial militar. Tuan (1983, p.180) diz que, “o ser humano pode dirigir um mundo porque tem sentimento e intenções”. O indivíduo passa a ser autor das suas experiências vividas, sendo a mesma, principal fonte de interpretação. O homem é parte de um todo, vivendo, percebendo e construindo o mundo ao seu redor.

A relação com o lugar analisado através da percepção de violência nos traz novos paradigmas para a questão do meio urbano. A violência social apresenta o medo de viver na cidade, tanto para o cidadão quanto para o policial. Dentro desse aspecto, mostraremos o medo a partir do contexto do serviço policial militar. Os desenhos são nossa forma de mostrar como vemos o mundo a nossa volta, sendo assim, é nossa capacidade de retratar as relações sócio-espaciais. O indivíduo que vivencia a rotina do lugar não precisa fazer uso dos pontos cardeais para representar o lugar, é necessário, o conhecimento dos símbolos para criar o mapa mental.

O conhecimento geográfico pode significar uma familiaridade com o meio ambiente local apenas conceituada. As pessoas conhecem bem sua própria vizinhança. O conhecimento geográfico também quer dizer uma apreensão consciente e teórica das relações

espaciais entre os lugares que gente raramente visita. (TUAN, 1983, p. 90)

É preciso esclarecer que enquanto a percepção e o conhecimento dos objetivos implicam um contato direto e atual (imediatamente) com os mesmos, a representação baseia-se em evocar os objetos em sua ausência, duplicando a percepção em sua presença. De certa maneira, a representação prolonga a percepção, ao introduzir um elemento novo que é irreduzível: um sistema de significações que comporta diferenciação entre o significante e o significado. Vale ressaltar que os resultados das representações dos policiais militares serão apresentados em outro momento, no terceiro capítulo.

1.3 O LUGAR ENTRE A TOPOFILIA E A FOBIA

O medo é uma condição humana explicada pela psicologia como atitudes que causam apreensão, fobia a determinada situação. No dicionário da Língua Portuguesa, o Aurélio, encontramos como definição de medo: “1. Sentimento de viva inquietação ante a noção de perigo real ou imaginário, de ameaça; pavor, temor”. Na cidade as fobias se multiplicam, a principal causa é a constante violência proporcionada por problemas socioeconômicos.

A problemática da violência se resume em tentar combater a insegurança e o medo generalizado através da segurança pública. Em Manaus, o crescimento da cidade e o desenvolvimento em potencial dos recursos urbanísticos têm trazido para a sociedade características de composição de uma metrópole de grande porte, com capital e geração de emprego também, logo pode verificar, em grande proporção, os efeitos nocivos do crescimento social (a violência, o desemprego e a insegurança).

As cidades ganham características de serem lugares onde a concentração da criminalidade é posta em questionamento, os indivíduos por sua vez remontam seus lugares, fechando-se em suas angústias causadas pela violência das grandes metrópoles. A segregação da população se constitui pela imagem que é construída

da cidade, a representação e a incerteza não nos fazem perceber a complexidade dos problemas ocasionados pela violência.

O ser humano precisa se ater às características, mesmo que ilusórias de segurança. O cotidiano conturbado é um referencial das mudanças extremas no qual o indivíduo passa em busca por segurança. Para Tuan (2005, p. 345) “o paradoxo humano é tal que até a recusa de ser consolado por falsas imagens pode se transformar em uma fonte de consolo e força.” Faz-se necessário mostrar onde se procuram espaços construídos que ofereçam o mínimo de segurança, mesmo que esta seja privada, como é o caso de condomínios fechados que é um dos pontos de identidade das cidades grandes brasileiras.

O aumento da violência criou espaços de “autossegregação”, termo utilizado por Marcelo Lopes (2008) para definir a construção de condomínios residenciais fechados que não possuem contato social externo com o mundo. Para Souza (2008, p.73), “a autossegregação é uma solução escapista. Representa uma fuga e não um enfrentamento construtivo.”. Esses espaços de autossegregação se criam a partir da vontade de se conter a violência existente na cidade. Os indivíduos da classe média e da classe alta se isolam do contexto social numa espécie de fuga da realidade para construir uma “sensação de segurança” através de cancelas e portões.

Segundo Bauman (2009), as casas existentes nas áreas urbanas são construídas de forma a isolar o indivíduo do mundo a sua volta. Essas pessoas que fazem parte dos condomínios fechados dão valor a ambientes reclusos, restritos a qualquer interface do mundo externo. Para ele, as pessoas se fecharam em seus mundos, devido aos contratempos globais ocasionados pela violência que é recorrente nas grandes cidades. Ele chama de “desarmados” as pessoas que se fecham em seus muros de concreto e devido a isso não tem poder para mudar e decidir o sentido de sua própria identidade, vivendo apenas naquilo que foi projetado como uma fortaleza dentro da cidade.

Podemos verificar na letra da música “*Minha Alma (A PAZ QUE EU NÃO QUERO)*” da banda *O Rappa*, com a letra de Marcelo Yuka, fica bem claro para as pessoas que a segurança pública e o medo da violência fazem parte do cotidiano da cidade, nas quais se sentem a necessidade de se fechar ao individualismo dos condomínios residenciais fechados.

“Minha Alma (A Paz Que Eu Não Quero)

(Letra: Marcelo Yuka)

O Rappa

A minha alma tá armada e apontada

Para cara do sossego!

(Sêgo! Sêgo! Sêgo! Sêgo!)

Pois paz sem voz, paz sem voz

Não é paz, é medo!

(Medo! Medo! Medo! Medo!)

Às vezes eu falo com a vida,

Às vezes é ela quem diz:

"Qual a paz que eu não quero conservar,

Pra tentar ser feliz?"

As grades do condomínio

São pra trazer proteção

Mas também trazem a dúvida

Se é você que tá nessa prisão ”

Para muitos, a cidade ideal é aquela livre das inconstâncias do mundo. A criminalidade, que domina a vida dos indivíduos residentes na cidade, vem acarretando uma reclusão destas pessoas. Os lugares antes abertos, com pessoas sentadas a frente de suas casas, tem diminuído com a mesma frequência em que os índices de violência aumentam a insegurança da população. O medo recorrente na cidade faz com que os indivíduos se fechem em um mundo de autosegregação.

O indivíduo se isola dentro dos muros de condomínios de luxo e se fecha para uma existência social, sem o convívio com os vizinhos e demais funcionários que prestam serviços nesses lugares. A classe média e a classe baixa, que não tem condição de morar em lugares de alto padrão, convivem com o medo de ser o próximo a sentir o peso da violência em suas casas. Com isso, cresce a proporção de conjuntos habitacionais para a população de baixo poder aquisitivo. Com prédios

e condomínios, as ruas passam a ser fechadas e condicionadas para entrada e saída de pessoas “conhecidas” pelo morador.

Buscamos características que nos dê alívio ao medo desesperado da violência como as ânsias sociais e transtornos causados pelo crescimento da cidade. Esta se tornou um grande labirinto, onde os muros nos transformam em prisioneiros do nosso embarreiramento, cujo isolamento dos condomínios nos faz vigilantes de uma falsa segurança.

Em meados de 1980 e início de 1990, a cidade de Manaus passa por uma transformação, tem um crescimento populacional exacerbado, sendo alvo de constante aumento dos níveis de criminalidade. Com isso, a segurança pública passa a ser questionada pela população. A sociedade, ao mesmo tempo em que produz violência, quer combatê-la.

A Polícia Militar do Estado do Amazonas (PMAM) tem como papel principal “Preservar a Ordem Pública”, neste cenário, a Secretaria de Segurança Pública do Estado do Amazonas (SSP/AM) desempenha em suas funções o objetivo de elaborar técnicas de planejamento e execução, para uma efetiva ação contra a criminalidade.

Dentro dessa teia de apontamentos, o policial militar faz parte dessa massa combatente da violência existente na cidade, sendo ele mero espectador da preparação do planejamento em que vai ser engajado.

O indivíduo que exerce a segurança pública conhece a cidade através dos pontos, onde os índices de violência são mais intensos e os aspectos do serviço policial militar se mostram mais evidente. A visão do policial militar sobre o ambiente urbano é diferente da percepção de um cidadão comum, pois o cotidiano do policial está voltado para a violência produzida na cidade.

Enquanto sobrevivemos, conhecemos a segurança. O tamanho e caráter desse mundo seguro varia enormemente de pessoa para pessoa. Quanto mais saudáveis são os indivíduos, maior e mais complexo é o cenário no qual atuam com confiança. (TUAN, 2005 p. 322)

A sociedade estabelecida pelo homem é mutável, com isso as sensações criadas nesse cenário, se transformam em uma parte desconexa da realidade. A violência gerada em sociedade é prova disso. Alguns aspectos não seriam encontrados em coletividades mais antigas, como a banalização da violência, fator este de diversão, para aquele que a comete. O medo assola os centros urbanos devido à descaracterização de valores pré-concebidos. Bauman (2009, p.35) afirma: “é nos *lugares* que se forma a experiência humana, que ela se acumula, é compartilhada, e que seu sentido é elaborado, assimilado e negociado.”.

A tendência da cidade é estreitar as relações sociais e comerciais, mas paradoxalmente em cidade como Manaus, segregam a população com a construção de condomínios de luxo fechados, em virtude da segurança. Assim como ressalta Bauman (2009), os ricos se fecham nestes locais para manter os demais (pobres, empregados ou pessoas de baixo poder aquisitivo) afastados das vistas, mantendo-se em segurança.

Tuan (2005 p. 11) diz: “conhecer é arriscar-se a sentir mais medo”. O ser humano é passível ao medo, assim como é para a morte. O medo é construído a partir da vivência em sociedade e caracterizado pelos símbolos de violência, que estão presentes em sua vida social. Identifica-se a violência ao ver o indivíduo fazer parte de um círculo fechado, como morar em condomínios residenciais cercados de grades e cerca elétrica nos muros. Entretanto, quem vivencia o bairro e está em contato direto com a violência, tem uma maneira de ver a sociedade como um lugar incompreensivo, sem oportunidade para mudança, porém familiar, porque a pessoa que faz parte desse ambiente conhece o bairro em que vive, sabe onde estão localizados os pontos negativos ao seu redor.

As metrópoles habituaram-se a construir “trincheiras”, como forma de padronizar de um modo comum, a segurança destinada a nos proteger de uma insegurança onipresente, separando-nos dos demais, através da intimidação dos condomínios e das câmeras de vigilância. Atualmente, as cidades são conduzidas pelo medo dos seus habitantes. Reféns do medo, esses moradores perturbados pela violência das grandes cidades buscam segurança das mais diversas maneiras. Certamente, pensar como um profissional de segurança pública não é fácil, somos controlados pelo medo da população e pelos nossos próprios medos. Buscamos

fazer diferença nas ações que determinam a segurança da sociedade, porém somos aqueles que, de repente, mostram seus rostos frente aos criminosos e, como consequência, ficamos visados em nossas residências, fragilizados diante da insegurança que nos cerca. Portanto, o policial militar é também intimidado diante das adversidades da profissão.

A insegurança alimenta o medo: não há novidade, portanto, no fato de que a guerra à insegurança tenha grande destaque na lista das prioridades dos planejadores urbanos.(...) O problema, porém, é que com a insegurança, estão destinados a desaparecer das ruas da cidade a espontaneidade, a flexibilidade, a capacidade de surpreender e a oferta de aventura, em suma, todos os atrativos da vida urbana. (BAUMAN, 2009, p. 68)

Sendo assim, o medo também é uma sensação de pertencimento do lugar, adquirido a partir da experimentação social da violência. A violência se transforma em mais um signo construído e percebido no lugar, permitindo que o sentimento de segurança seja mais procurado que as próprias necessidades básicas do cidadão. Ou seja, para comprar uma casa e construir uma família é preciso grades e muros de proteção. O policial em meio a isso está no centro desse turbilhão, já que é responsabilizado por falhas institucionais, que muitas vezes não pode resolver, sendo um coadjuvante social. Para ele, nem sempre o mapeamento da violência na cidade elaborado por seus superiores, reflete as áreas realmente violentas. Verificaremos melhor essa discussão no capítulo seguinte, no qual trataremos a percepção da policial feminina e a estatística oficial de criminalidade na cidade de Manaus.

CAPÍTULO 2 - A POLICIAL MILITAR FEMININA E A VIOLÊNCIA: UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO POLICIAL

Neste capítulo decidimos estudar o gênero feminino, em contrapartida a relação à dominação masculina de ordem a segurança pública. Dentro das corporações militares a prevalência é masculina e representa uma visão um tanto truculenta dos fatos. A proposta neste trabalho é ter a visão feminina da criminalidade a partir da perspectiva de policial militar.

Faremos uma abordagem durante este capítulo da percepção feminina das ocorrências apresentadas durante o serviço policial militar, assim como, um resgate da história da inclusão feminina na corporação.

Trataremos da Segurança Pública da cidade de Manaus como um todo, fazendo um comparativo das ocorrências recebidas durante os anos de 2011 - 2012. E subsequentemente, a inclusão do Programa Ronda no Bairro. O Programa Ronda no Bairro é uma alternativa para Segurança Pública criado pelo Governo do Estado do Amazonas, apresentado como uma solução para a problemática dos altos índices de criminalidade.

2.1 IDENTIDADE DE GÊNERO: O PAPEL DA POLICIAL FEMININA NA CORPORACÃO

O gênero é atribuído pelo papel social desenvolvido por homens e mulheres em sociedade. É a partir da definição de gênero, mas também do sexo, masculino e feminino que somos capazes de desenvolver atividades respectivas a nossa função biológica e social. O gênero pode ser definido como um conceito desenvolvido pelo “ritmo” social.

Outros fatores que impõem essa divisão é o atributo cultural, onde o papel da mulher vai ser diferenciado pelo contexto histórico. A cultura social descreve um fator biológico desempenhado pelo sexo masculino/ feminino como uma forma de atuação em sociedade. “Gênero é uma representação que é vivenciada pelas

performances dos sujeitos sociais que a experienciam através da vivência espacial cotidiana e concreta.” (SILVA, 2008, p. 06). Esse contexto cultural é atribuído a uma carga histórica da dominação dos papéis.

A mulher é considerada frágil, devido às tradições sociais de construção do lar; o homem, por sua vez é considerado mentor do lar e biologicamente mais forte que a mulher, estimulado pela masculinidade e virilidade que o sexo lhe proporciona. Esses estímulos são construídos durante a fase infantil, como forma da criança perceber o seu papel social no mundo e, este é trazido para a vida adulta como referência social, ou seja, o que sou perante a sociedade.

“A paisagem como natureza passiva é feminina, exemplificada pela noção da ‘Mãe Terra’; em oposição, constrói-se a idéia de conquista e dominação da natureza, realizada pela razão e pelo trabalho ‘homem’ que produz o espaço.” (SILVA 2009, p. 30)

O objetivo do estudo de gênero é mostrar que a identidade feminina não está apenas nos movimentos feministas, mas em todos os pontos que compõem a sociedade. Aspectos estes que queremos mostrar ao representar a policial feminina do Estado do Amazonas, não apenas como militar, mas sim, como mulher disposta a mudanças.

Percebemos que durante nossas atividades diárias existe uma centralidade masculina não apenas no âmbito social, mas no profissional. Dentro das corporações militares a mulher muitas vezes é afastada como uma forma de “cuidado”. Não somos maioria na Polícia Militar, muito menos nas áreas de serviço.

“O trabalho policial, que vinha sendo visto, necessariamente, como uma ocupação masculina, apresenta desde então uma estrutura que está sofrendo mudanças, na medida em que entram em crise valores característicos da organização, como a força física e a identificação tradicional com a figura masculina. Passaram-se a buscar outros valores condizentes com a realidade atual, como a inteligência, a capacidade de resolução de conflitos, a inovação e o trabalho em equipe, uma vez que os policiais defrontam-se com novas situações em que não é tão necessária a força física, tais como a redução de situações potencialmente violentas e conflituosas e o atendimento a coletivos que exigem tratamento diferenciado” (CALAZANS, 2004,p.144)

O gênero feminino é considerado pelos teóricos como repleto de fragilidade e emoção, porém, ao passo que os atributos masculinos considerados cheios de dominação e agilidade, vão de encontro com a natureza feminina hoje, onde é a mulher quem trabalha para manter a família. Acreditamos que a identidade do gênero feminino é como diz Joseli Silva (2009, p.31): “as mulheres estão à mercê do corpo e das emoções, ao passo que os homens representam a superação desses aspectos considerados ‘primários’”. Por isso, as mulheres motivaram uma nova concepção de mundo para o século XXI, frágeis sim, mas fortes e determinadas.

O olhar dos gêneros se diferencia pelo papel exercido por eles em sociedade. Atender ao objeto de sua percepção se torna presente dentro das iniciativas por ele tomadas. Sendo assim, Tuan (1980, p.71-72) ressalta: “nas culturas em que os papéis dos sexos são fortemente diferenciados, homens e mulheres olharão diferentes aspectos do meio ambiente e adquirirão atitudes diferentes para com ele”.

A condição feminina somente adquire esse caráter, quando também é assumido o contexto social e cultural. Como podemos constatar na fala de Simone de Beauvoir (1967, p.09): “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. As ações a que ela se refere é que através das subjetividades do mundo vão se construindo a compreensão do ser, sendo ele menino ou menina.

Para Joseli Silva (2009), a concepção social é criada a partir dos papéis sociais desempenhado por nós, enquanto seres humanos. A condição criada pelo contexto social que nos é ensinada já na infância, onde devemos assumir a relação postural feminina ou masculina.

A relação de gênero dentro das corporações militares se traduz em uma dominação da organização espacial, na Polícia Militar do Amazonas. Isso também está presente. A dominação masculina das hierarquias militares ainda permanece, exercendo uma relação de influência sobre o gênero. SILVA (2009, p.35) afirma: “Cada organização espacial é produto e condição das relações de gênero instituídas socialmente, contudo, hierarquizada, com primazia dos homens em relação às mulheres.”

No Brasil, a filosofia tradicional de policiamento é movida pelo espírito belicoso do Exército Nacional e por ideologias machistas, assim, o tratamento para a inserção de mulheres no quadro das

polícias dá-se de uma forma muito limitada e com pouca visibilidade. (CALAZANS, 2004, p.143)

A pretensão desta iniciativa é a representação dos espaços sob a ótica feminina de segurança pública e a violência. Incorporamos a discussão de lugar e gênero ao sentimento de pertencimento que temos pela Polícia ao adentrar neste contexto socioespacial. O fato de ser mulher nos faz olhar com outros olhos a corporação Polícia Militar do Amazonas.

Dentro da corporação Polícia Militar, as divisões produzidas pelo gênero não são diferentes das sociais. A cultura ocidental cria dentro dos quartéis uma divisão bem distinta entre homens e mulheres. Apesar das relações de produção espacial serem diferenciadas entre homens e mulheres, existe um caráter pluralista nas ações tomadas.

A identidade feminina policial e a feminização da profissão policial ganham visibilidade na inserção em subgrupos de trabalho, ou mesmo em subtrabalhos dentro da instituição, dado o domínio masculino desse ofício, rechaçando-se, de diversas formas, a presença da mulher. (CALAZANS, 2004, p.146)

Percebemos no decorrer da pesquisa que a maneira para explicar a presença feminina na polícia é pelo fato delas serem consideradas naturalmente dóceis, ou seja, menos violentas.

2.1.1 A POLICIAL FEMININA E A POLÍCIA MILITAR DO AMAZONAS

As instituições de Polícia Militar da federação brasileira são, em grande parte, compostas por homens em seus efetivos, não seria diferente com a Polícia Militar do Estado do Amazonas (PMAM). A cultura do militarismo brasileiro se traduz na função de que o gênero masculino é capaz de suportar as adversidades impostas pela necessidade do serviço.

A condição humana determina que o sexo masculino, biologicamente falando, é mais forte para exercer as atividades do serviço militar. Porém com o passar dos anos, as demais polícias militares do Brasil foram aceitando a inclusão feminina em seus efetivos, sendo a primeira delas a Polícia Militar de São Paulo na década de 1950.

Inicialmente, as primeiras mulheres ao adentrarem nesta categoria tinham o objetivo de recepcionar e conduzir as primeiras-damas que visitassem o estado com o intuito de proteger durante a estadia. Em uma passagem da primeira-dama do Estado do Amazonas a São Paulo, a senhora Amine Lindoso, esposa do governador José Lindoso (1979-1982), gostou da idéia de ter sua segurança feita por mulheres, a partir daí se deu o início da história da Polícia Militar Feminina na PMAM.

A instituição Polícia Militar do Estado do Amazonas (PMAM) teve, desde sua implementação, um efetivo composto por homens. A força física de gênero masculino impulsionava a corporação para desempenho do serviço de proteção social. O conceito de gênero passou a fazer parte da instituição a partir da década de 1980 com a incorporação da primeira turma de mulheres na PMAM. Essas mulheres adentraram na corporação com o intuito de fazerem serviço administrativo.

A Polícia Militar do Amazonas, enquanto instituição admitiu a entrada de mulheres apenas após 143 anos de existência. As policiais militares apenas femininas, ou como nós chamamos na corporação as PFEM's, tiveram seu ingresso no dia 08 de fevereiro de 1980, com o Decreto – Estadual nº 4819 que permitiu que as mulheres fizessem parte da corporação.

A primeira turma de policiais femininas entrou no quadro da corporação como praças. Porém, elas entram já na graduação de sargento, sendo, após algum tempo, encaminhadas para um curso de oficiais de polícia.

Dentro da PMAM, faz-se aqui uma distinção nítida de gêneros através da inclusão das PFEM's. Nos quadros da corporação perdura até hoje a diferença entre homens e mulheres. O processo de aprovação para o ingresso na corporação é feito separadamente, sendo um concurso para cada sexo, devido às cobranças nos testes físicos para a aceitação.

A proporção de mulheres é de 1/10 por concurso público, cada edital é oferecido apenas 10% das vagas. Não sabemos ao certo o quantitativo de policiais

militares femininas que fazem parte da corporação hoje, estimamos que hajam cerca de 900 policiais femininas. “Atualmente, na maioria dos estados, o efetivo de mulheres não pode ultrapassar 10% do total, e a participação feminina nas polícias militares corresponde a, aproximadamente, 5% do conjunto do efetivo.” (CALAZANS, 2004, p.143)

O serviço ao qual a PFEM exerce é o mesmo do policial militar masculino. Pode se dividir em várias escalas, dentre elas, as mais comuns são o serviço administrativo (horário de expediente das 8 às 16 horas), serviço de viatura (escala de 12/24 - 12/48horas) e o POG (serviço de policiamento ostensivo geral a pé que pode variar de 6 a 8 horas). Sendo os dois últimos podendo variar em diferentes turnos.

As mulheres dentro da corporação fazem um papel secundário, sendo muitas delas “empregadas” apenas no serviço administrativo. O papel feminino na Polícia pode ser caracterizado como uma manutenção da organização dos quartéis a que fazem parte. Muitas vezes a policial feminina é vista como uma intrusa por seus pares masculinos. São alvo de atitudes machistas por parte de seus oficiais comandantes e alguns colegas de farda.

(...) existência de uma cultura policial feminina, que estaria identificada e valorizada as formas preventivas – portanto, menos truculentas – de policiamento; a despeito dessa realidade, há restrições as tarefas femininas, sustentadas na noção de que as mulheres não são capazes de assumir todas as formas de ação de polícia e a conseqüente tendência de atribuir-lhes sobretudo funções burocráticas ou atividades associadas, no imaginário, a extensões do mundo doméstico; necessidade de equiparação de oportunidades. (CALAZANS, 2004, p.143)

No decorrer das entrevistas podemos evidenciar que algumas das PFEM's sentem-se desconfortáveis com as atribuições. As diferenciações começam desde o simples fato de dirigir uma viatura até o comando de uma operação durante o serviço desempenhado. A policial feminina nem sempre tem o mesmo tratamento. Às mulheres são atribuídos os serviços mais simples, não sendo dada a elas a credibilidade necessária para o funcionamento do serviço.

Notamos que existe uma divergência de opiniões quanto ao serviço. A confiança é maior nos homens que estão de serviço. A opinião feminina não conta muito. Segundo a PFEM N° 07:

“Geralmente, eles pegam as mulheres para os serviços mais fáceis. Às vezes, fica um policial graduado como coordenador de operações e ele pega uma menina (uma policial feminina) só para ficar coordenando e dividindo policiamento. Eles confiam mais nos homens na parte operacional do que nas mulheres. A opinião feminina nem conta muito quando se está na área. Eles só fazem o que eles querem, quando você vai opinar eles não escutam não.”

O papel da mulher dentro da corporação é tentar resolver as ocorrências atendidas de forma menos violenta possível. Tendo assim, uma maneira mais eficaz de solucionar problemas.

Observamos que, para se adequarem ao rigor do “ser policial”, essas mulheres suportaram uma longa e árdua aprendizagem, como uma espécie de sacrifício físico, encontrando, na suportabilidade, a garantia de tornaram-se “donas de si”, de apropriarem-se de seus destinos, ainda que tal “propriedade” fosse limitada, principalmente, quanto à autonomia no ambiente de trabalho e que as aspirantes fossem levadas à exacerbada submissão ao autoritarismo próprio da instituição. (CALAZANS 2004, p. 145)

Assim, acreditamos que o papel da mulher dentro das corporações militares ainda não possui a notoriedade que merece, porém é um importante passo para o funcionalismo da Segurança Pública.

2.2 SEGURANÇA PÚBLICA: UMA GESTÃO SOCIAL

As cidades brasileiras são construídas a partir da população que habita o lugar. O povo se instala no lugar e depois vêm as instalações feitas pela prefeitura, governo estadual e governo federal. As cidades vão “ganhando” estruturas mais aperfeiçoadas no decorrer de sua história. Crescimento econômico e populacional

vai abrindo novas oportunidades. Com isso, há um aumento da demanda e um clamor por infraestrutura adequada para suportar o crescente inchaço das cidades.

O crescimento muito rápido e exacerbado de cidades como Manaus requer um planejamento estrutural, assim como uma adequação nos serviços prestados pelo Estado. Sem planejamento urbano adequado as cidades do Brasil, em particular Manaus, tem uma dificuldade muito grande em fazer funcionar as atividades básicas do Poder Estatal. Dentre essas atividades mencionadas, estão os planejamentos político-sociais obrigatoriamente oferecidos pelo Estado, porém discutiremos apenas a vertente da Segurança Pública.

A questão política influencia bastante no decorrer deste processo, uma vez que, a atividade política negligência a qualidade técnica do planejamento urbano, oferecendo um serviço inferiorizado. Como comenta Souza (2008, p. 96), “(...) na realidade, uma consequência do desinteresse em informar a população, sem falar no desinteresse em investir em educação”. No Brasil, a cultura de planejamento urbano é aquela do desinteresse e da falta de recursos, assim como, o da desinformação. Não se aplica o planejamento urbano, pelo fato de achar que a população não se preocupa com as situações ocorridas na sua cidade ou em seu país. A cultura dos “achismos” trata o povo de forma ignorante.

(...) o planejamento urbano promovido pelo Estado tem, no Brasil como em outros países, servido, na maioria das vezes, para tornar mais fácil a vida das elites (enquanto capitalistas e moradores de bairros nobres) e, secundariamente, da classe média. Quando aos pobres, o Estado, mediante o planejamento, não costuma facilitar-lhes a vida para além da viabilização das condições de sua reprodução e de seu deslocamento na qualidade de vendedores de força de trabalho, ou então sob pressão e consideração estrita de algum cálculo eleitoral. (SOUZA, 2008, p. 102)

Segundo Souza (2008, p. 106-107), “A criminalidade violenta avança como um fator importantíssimo de degradação social da qualidade de vida nas grandes cidades brasileiras”. Em Manaus, ainda conseguimos visualizar em dados momentos um pouco de “segurança”, até o presente, conseguimos andar nas ruas à noite, de carro com o vidro aberto, coisa que sabemos não ser possível em alguns estados do Brasil.

Nas entrevistas em que aplicamos durante a pesquisa com as policiais militares, conseguimos observar que a maioria delas ainda acredita que a cidade de Manaus oferece segurança em comparação com outras cidades. Muitas delas fazem referências ao Rio de Janeiro e São Paulo, evidenciando a diferença gritante com a nossa realidade.

Constatamos também que a representatividade que tem de trabalhar fardada para todas elas, é de alguma forma, muito perigoso. A farda (ou azulão como é conhecido o fardamento dentro da corporação) é um chamariz para a população, um exemplo disso foi citado por uma PFEM (entrevistada de nº 23) “a farda já é motivo para você achar ocorrência em qualquer lugar que você esteja. Pode ser dentro de um ônibus que está sendo assaltado, onde a população exige que você tome uma atitude estando armado ou não.”

Por outro lado, na cidade de Manaus não temos com frequência criminosos matando policiais militares pelo simples fato de sê-lo, coisa que podemos identificar em outros estados. A mesma referência nós fazemos quando falamos dos bairros em Manaus. A população é segregada em bairros mais “modestos”. Nestes há segregação induzida, bairros taxados pelo alto índice de criminalidade nas mídias, bairros que representam uma falta de reconhecimento ou um “reconhecimento negativo”, porém as pessoas que vivem nesse lugar não compartilham da mesma idéia.

Durante as entrevistas percebemos que existe um preconceito perante as próprias PFEM's. Os bairros que compõe a Zona Leste da Cidade de Manaus são taxados como lugares perigosos. É lá que ocorrem os mais diversos tipos de crime e é onde os índices são muito altos.

Somos muitas vezes levados a ter medo do que não conhecemos e caracterizá-lo como perigoso. Podemos verificar no decorrer das entrevistas, muitas mulheres tinham medo do que não conheciam, apenas por se basear em notícias de jornal e parte das estatísticas.

As estatísticas nos levam a crer que um lugar é perigoso pela mídia negativa que a ele se atribui, porém observamos que para as mulheres nas quais moram nesse local, mais especificamente na Zona Leste da cidade, não se caracteriza como verdade absoluta.

O medo existe em todas as vertentes. A maioria das PFEM's, cerca de 93% das entrevistadas, sentem receio ao se “envolver” em ocorrências com a criminalidade da área de trabalho, principalmente se for nas proximidade de suas casas. Elas têm medo por ficarem em evidência ao atender uma situação crítica e serem seguidas até suas casas. O perigo espreita em muitas ocasiões.

A eficácia dos sistemas de segurança pública se baseia na punição e restrição de meios para a prática de novos crimes. Na verdade, o sistema deveria funcionar de modo contrário ao existente.

A punição deve representar uma forma de repreensão para que o delito não seja repetido pelo infrator. A criação de meios para uma melhoria do Sistema de Segurança Pública no Amazonas é característica primordial do programa implantado pelo Governo do Estado.

A Segurança Pública para funcionar de forma efetiva faz-se necessárias medidas de repressão, porém, esses aspectos punitivos devem ser utilizados se houver condições para as relações de castigo e políticas públicas de planejamento. Os sistemas de policiamento ostensivo são necessários para permitir ao Estado controlar e reprimir atos criminosos, antes que seja completamente efetivada a consumação do fato.

A Polícia Militar está incumbida de manter em funcionamento o policiamento ostensivo – como forma de visibilidade. O policial militar é a presença do Estado para fazer valer a lei – assim deverá identificar os infratores e detê-los antes ou logo após a infração. O policial militar tem por dever, impor uma dinâmica para o não acontecimento de ocorrências.

O aumento de riqueza do país gera um crescimento populacional, que como consequência, se associa a uma disputa por espaço. A sociedade passa a se abster de um convívio social entre si. Ao se segregar, a população tenta fugir das mazelas provocadas por uma sociedade desordenada.

A busca por segurança pública parte da vontade de viver em sociedade com igualdade de direitos entre todos, porém, os partidários dos excessos (capitalistas), aqueles que geram lucro e dividem classes, criam seus próprios criminosos.

2.2.1 PROGRAMA RONDA NO BAIRRO: UMA ALTERNATIVA PARA SEGURANÇA PÚBLICA EM MANAUS

O Projeto Ronda no Bairro foi criado como uma alternativa da Gestão de Segurança Pública no Estado do Amazonas para minorar os índices de criminalidade na capital. O Programa Ronda no Bairro foi instituído no estado em 2011 e apenas posto em campo em 2012.

O programa foi criado com o objetivo de aproximar a polícia militar da comunidade. O foco do projeto é aperfeiçoar a segurança pública, atuando em conjunto com todos os ramos da segurança do Estado (Polícias Militar, Civil, Bombeiros Militares, DETRAN, etc.).

O programa não busca apenas desenvolver um sistema ativo para cumprimento do dever de proteger o cidadão, mas também instruir os policiais que irão para as ruas com o objetivo de receber e tratar de forma qualificada a população.

A estratégia do Programa Ronda no Bairro se baseia em modelos de polícia comunitária. Essa filosofia é amplamente empregada nas polícias do Brasil, fazendo parte da Segurança Pública de quatorze estados da federação, entre eles: Espírito Santo, Pará, Paraná, Sergipe, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Distrito Federal, Ceará, Pernambuco, Paraíba, Minas Gerais, Santa Catarina e Bahia.

O policiamento comunitário é voltado para tratar o crime antes que aconteça. Esse policiamento ostensivo visa um aparecimento da polícia nas ruas, em constante vigilância com o objetivo de inibir a criminalidade “intimidando” com a presença dos policiais militares. O desenvolvimento das técnicas de policiamento comunitário consiste em estar voltado para a população, estando presente nas atividades desde o planejamento inicial até o cliente final (sociedade).

Combater o crime, a partir de uma visão preventiva, pressupõe inibi-lo, evitar que ele aconteça, para não ter de se preocupar tanto, depois, com a repressão e a punição dos transgressores. (SOUZA 2008, p.178)

O Programa Ronda no Bairro veio para aumentar a sensação de segurança da população, na tentativa de contribuir com soluções mais eficazes da participação do Estado. Na teoria, o programa busca de forma eficaz mostrar-se presente diante da sociedade, num policiamento ostensivo para evitar a efetivação do delito propriamente dito.

A natureza preventiva do crime se caracteriza como uma forma de policiamento comunitário. A participação do Estado se dá num contexto, onde a manutenção da ordem se constitui antes de acontecer o crime. O desafio da polícia é encontrar caminhos para agir de forma expressiva sem fazer uso da força, como uma maneira de repressão. Em algumas das entrevistas, identificamos uma preocupação no momento em que vão agir e tratar com o cidadão.

Polícia comunitária é muito mais do que mera aproximação, é uma filosofia que busca a qualidade de vida da comunidade. Não sendo mero assistencialismo social, mas uma efetiva participação social, onde se buscam reunir todos os segmentos da sociedade para o alcance da segurança pública efetiva e o conseqüente bem estar social. (MANUAL DO GESTOR E OPERADOR RONDA NO BAIRRO, 2011, p.10).

O Programa Ronda no Bairro tenta tornar os policiais mais visíveis aos olhos da sociedade, com o aumento do efetivo e a ampliação dos recursos para novas tecnologias e equipamentos voltados para a ação de pronto atendimento às necessidades da população. Em reflexão ao contexto social do programa, podemos identificar uma medida paliativa para as mazelas da segurança pública na capital Manaus. A violência urbana tende a aumentar os enfoques sociais a se perder devido à sistematização das disparidades entre as classes.

Os bairros mais afastados e desprovidos de serviços de infra-estrutura social identificam o policiamento como uma forma de presença estatal. Se esses serviços não têm um bom funcionamento (saúde, saneamento, educação, etc.), a população que vivencia o bairro passa a sentir menosprezada pelo serviço público – segregada pelo Estado.

Não podemos encarar o Programa Ronda no Bairro como um sistema de soluções ideológicas. Sabemos que o programa tem suas falhas.

Cabe à polícia militar passar uma imagem diferenciada para a resolução das ocorrências. A população tem na polícia, principalmente a militar, uma visão de corporação em que as ações são violentas e truculentas. Cabe a nós mudarmos essa visão de policiamento pronto para agir violentamente, em virtude do convencimento da sociedade. Agora com esse programa, a Polícia Militar pode estar mais bem preparada para servir e proteger o cidadão.

2.3 PERCEPÇÃO DA POLICIAL MILITAR NA CORPORÇÃO E A ESTATÍSTICA OFICIAL DOS NÍVEIS DE CRIMINALIDADE

Segurança Pública deve estar associada à qualidade de vida da sociedade em questão. Temos que trabalhar um planejamento e uma gestão urbana voltada para o bem social, assim conseguiremos produzir um contexto avançado de segurança pública.

As dimensões das relações sociais (economia, política, cultura...) são interdependentes. Os processos se interligam, os agentes modeladores do espaço urbano interagem incessantemente, as escalas dos problemas e das soluções são completamente entre si. (SOUZA 2008, p. 167)

O objetivo de retratar a Segurança Pública é nos ater em uma sociedade subdividida em classes sociais fechadas entre si. Estas, em consequência, se segregam em localidades conforme sua condição financeira, portanto, tudo aquilo que é diferente não faz parte do seletor grupo social. A criminalidade, por sua vez, está às margens sociais criadas pela “seleção natural econômica”. A grande dificuldade aqui é gerar possibilidades para manter uma sociedade firme o suficiente, para enfim estabelecer a ordem necessária à paz social.

Procuramos adaptar a uma nova forma de pensamento: a utilização da fala das policiais militares femininas, como maneira de se proporcionar uma visão diferenciada sobre o lugar, enquanto efeitos positivos para um planejamento de ações voltadas para segurança da cidade de Manaus.

A criminalidade existente na cidade de Manaus é diferenciada apenas pela proporção em cada bairro. Os efeitos do crime seguem padrões pré – estabelecidos pela consciência social, não podemos estigmatizar um bairro apenas a partir dos dados colhidos das estatísticas, faz-se necessário ter uma ideia do lugar através de quem o vivencia.

2.3.1 ESTATÍSTICAS OFICIAIS DOS NÍVEIS DE CRIMINALIDADE: COMPARATIVO DOS ANOS DE 2011-2012.

As estatísticas oficiais dos índices de criminalidade são métodos auxiliares para a tomada de decisão por parte dos oficiais comandantes da Polícia Militar do Estado do Amazonas. É através dessas informações que são compostas as equipes de policiamento das mais diversas regiões dentro e fora da cidade de Manaus.

As informações contidas neste trabalho foram obtidas através da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Amazonas (SSP – AM), vinculada a Secretaria Executiva Adjunta de Inteligência (SEAI). O sistema utilizado como base de dados é chamado de SISP (Sistema Integrado de Segurança Pública), é um sistema onde contém as ocorrências registradas em todas as delegacias da cidade de Manaus.

Os dados estatísticos da criminalidade foram trabalhados contendo quatro naturezas de crime a serem analisados das diversas zonas da cidade de Manaus. Trabalhamos com a variação percentual por ano e subsequentemente, um comparativo por zona, sendo empregado nas naturezas de homicídio, roubo, furto e tráfico de entorpecentes nos anos de 2011-2012.

Escolhemos essas naturezas para explicar os crimes mais frequentes na cidade de Manaus: indicadores dos crimes contra a vida (homicídios), crimes contra o patrimônio (roubo e furto) e indicadores de produtividade (tráficos de entorpecentes).

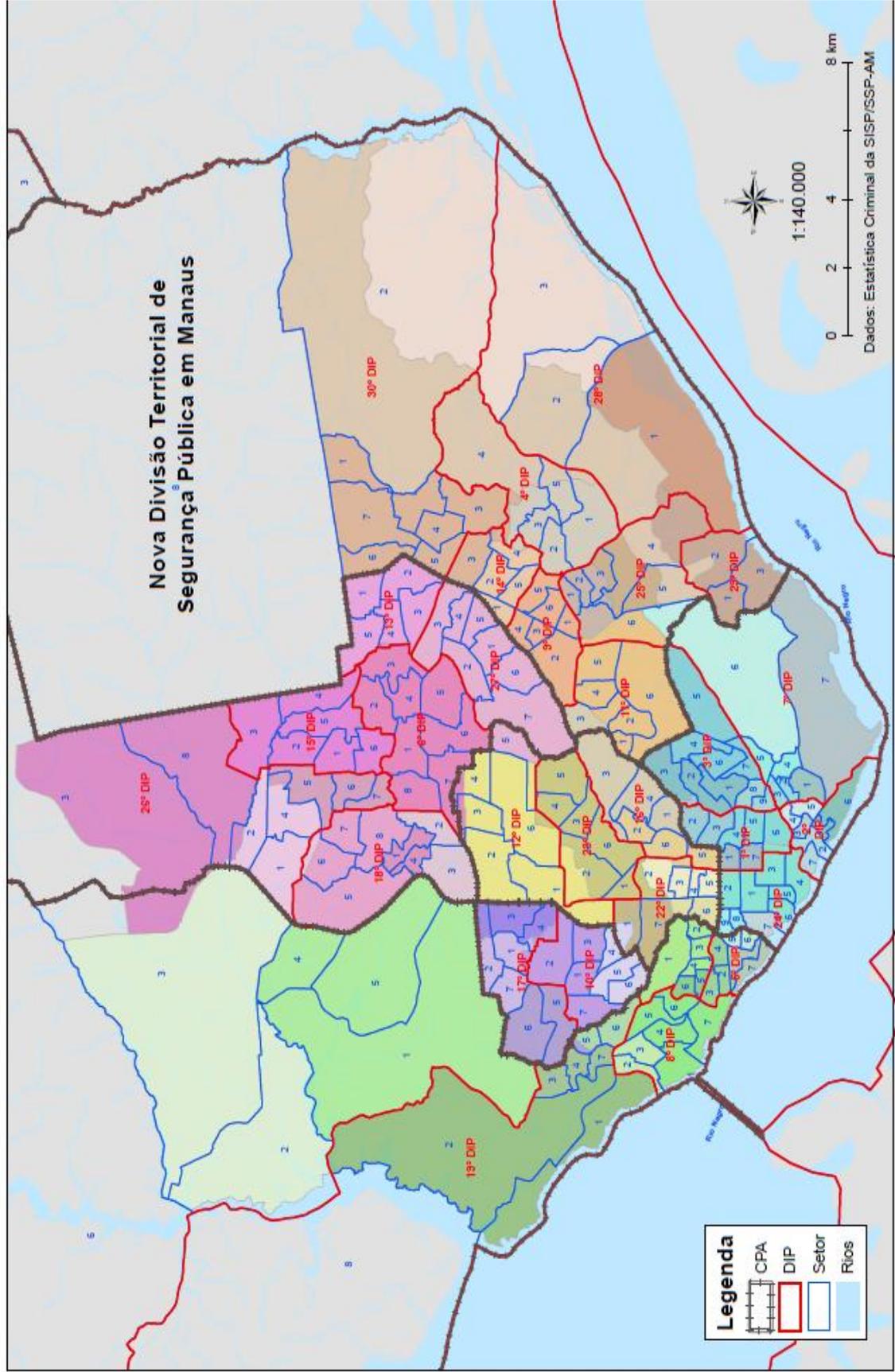
Anteriormente, ao programa Ronda nos Bairros a cidade de Manaus estava subdividida em quatro zonas especificamente, sendo elas: Norte, Sul, Leste e Oeste. As referidas zonas foram re-demarcadas pela criação do Ronda no Bairro, onde a

cidade de Manaus foi subdividida em 6 grandes áreas: zonas norte, sul, centro-sul, oeste, centro-oeste e leste (como mostra o mapa 01).

As novas demarcações que compõem o Programa Ronda no Bairro são uma forma para diminuir os espaços sem policiamento nas áreas mais periféricas. Dentro dessa demarcação aplicada com a implantação do Programa, verificamos no mapa 01, que cada CPA (Comando de Policiamento de Área) possui DIP's (Delegacia Integrada de Polícia) que englobam a região atendida pelo policiamento ostensivo. Podemos ver no mapa 01, dentro da área de cada delegacia existem setores de policiamento que compõe a região atendida. Esses setores são divididos de acordo com a demanda de policiamento da área em questão, assim, podendo ser atendidos pelos mais diversos tipos de policiamento (de quatro rodas, duas rodas e a pé).

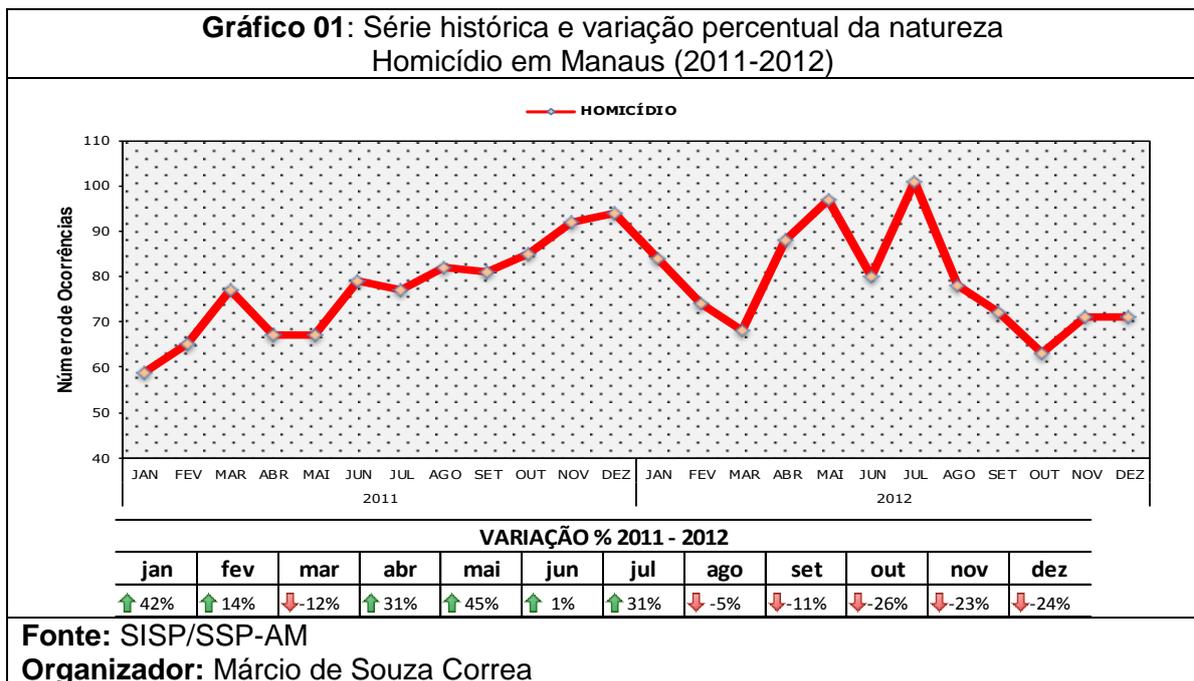
Os setores de policiamento não englobam apenas um bairro. Alguns setores podem ser estabelecidos por mais de um bairro. São chamados de setores administrativos utilizados pelo poder público para aproximar o policiamento, potencializando a ação rápida. Verificamos também que os setores de policiamento abrangem tanto da zona urbana quanto da rural. Temos DIP's que são responsáveis por atender a demanda do policiamento na área rural, sendo um setor da delegacia presente na cidade. Os policiais subordinados a essa área fazem o policiamento ostensivo da região.

Mapa 01
Nova Divisão Territorial da Segurança Pública de Manaus

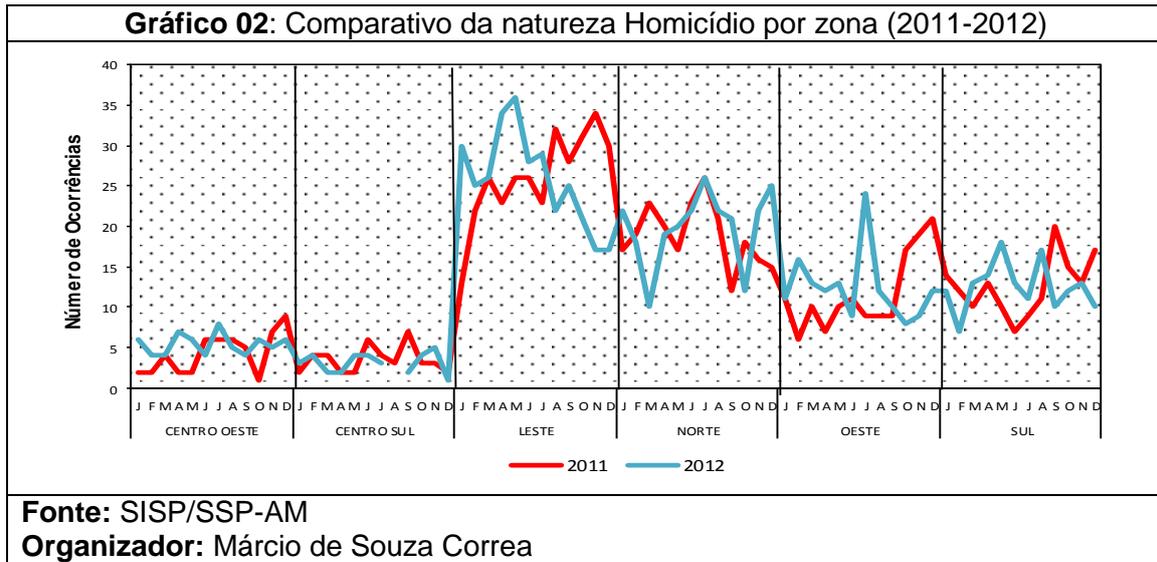


Fonte: SISP/SSP-AM
Organizador: Glauber Amorim de Carvalho

No primeiro momento, os dados referentes à criminalidade fazem um comparativo entre os anos de 2011-2012, sendo que, foram apresentados os dados referentes aos números de ocorrências de homicídios registrados nos anos acima mencionados (no Gráfico 01). No decorrer do ano de 2012, podemos verificar uma redução no número de homicídios nos períodos em que foi implementado o programa Ronda no Bairro na zona Norte da cidade.

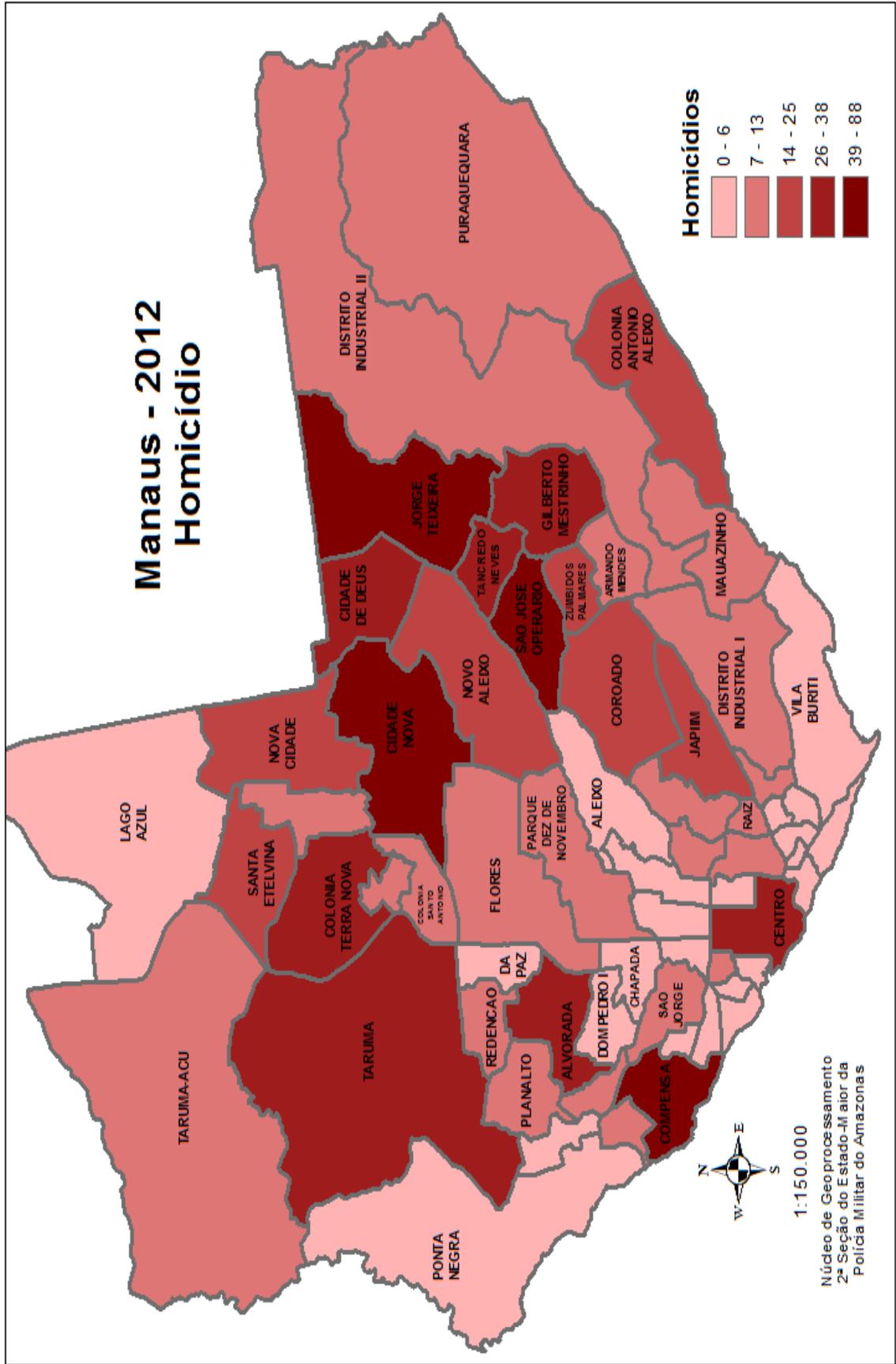


Os homicídios ocorridos em 2012, analisados através dos dados coletados junto a SSP/AM, tiveram uma redução em toda a cidade. Porém, ao fazer um comparativo entre as zonas da cidade de Manaus, vemos que as zonas Norte e Leste ainda são as áreas onde os números de ocorrências são de grande volume (Gráfico 02), mesmo após a implantação do Programa Ronda no Bairro. No entanto, nos meses seguintes a inauguração do projeto, houve uma diminuição, respectivamente, fevereiro e julho.



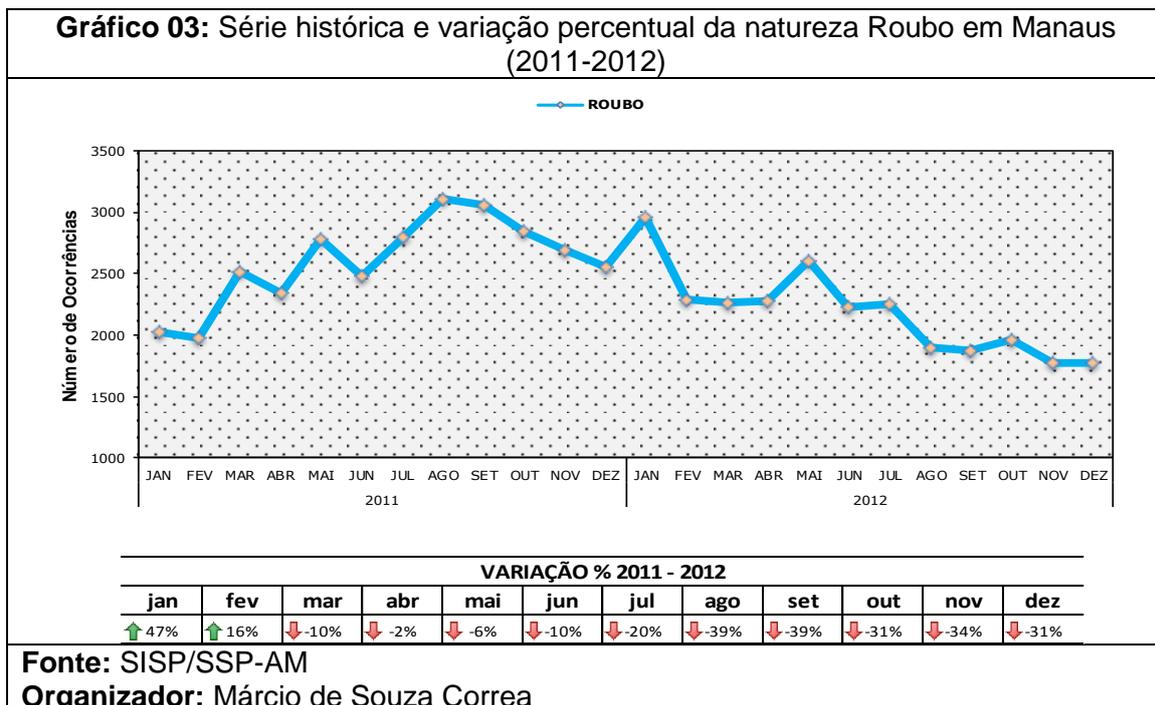
Ao observarmos o mapa 02, referente às ocorrências de 2012 do crime de homicídio, identificamos que não é uma zona especificamente onde os números são elevados. Os bairros que compõem a Zona Norte, como Cidade Nova e Cidade de Deus, e na zona Leste da cidade, os bairros Jorge Teixeira e São José Operário, estão com um número maior de ocorrências registradas, porém verificamos que na zona Oeste de Manaus, mais especificamente no bairro da Compensa, os índices são muito elevados contrapondo as regiões mais mistificadas.

Mapa 02
Mapa da Cidade de Manaus – Ocorrências de Homicídio por Bairro

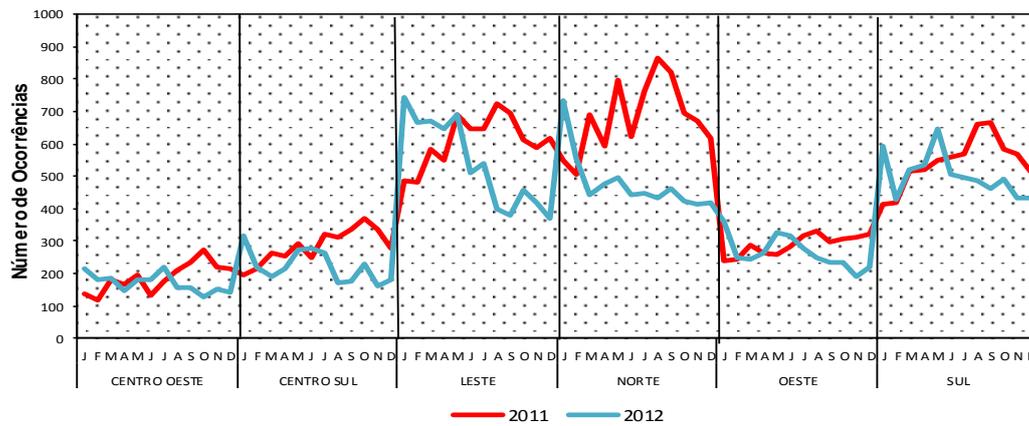


Fonte: SISP/SSP-AM
Organizador: Glauber Amorim de Carvalho

O gráfico abaixo nos mostra, em termos relativos, a distribuição de natureza “roubo” na área da Cidade de Manaus. Nos crimes referentes a este ato, tivemos no ano de 2012 uma redução em praticamente todos os meses do referido ano, sendo exceção apenas os meses de janeiro e fevereiro, onde ocorreu um aumento. Podemos dizer que a redução ocorreu após o início das atividades do Programa Ronda no Bairro (Gráfico 03).



Fazemos referência mais uma vez ao Programa Ronda no Bairro, de acordo com o comparativo de ocorrências por zonas, houve uma diminuição da criminalidade dentro da natureza Roubo no ano de 2012. Este programa implantado em 2012 manteve os índices de criminalidade reduzidos frente ao ano anterior. Porém as Zonas Norte, Leste e Sul ainda apresentam um grande percentual no número de ocorrências (Gráfico 04). Essa região apresenta uma grande variação por terem áreas comerciais com um grande volume de pessoas, principalmente a zona Sul.

Gráfico 04: Comparativo da natureza Roubo por zona (2011-2012)

Fonte: SISP/SSP-AM

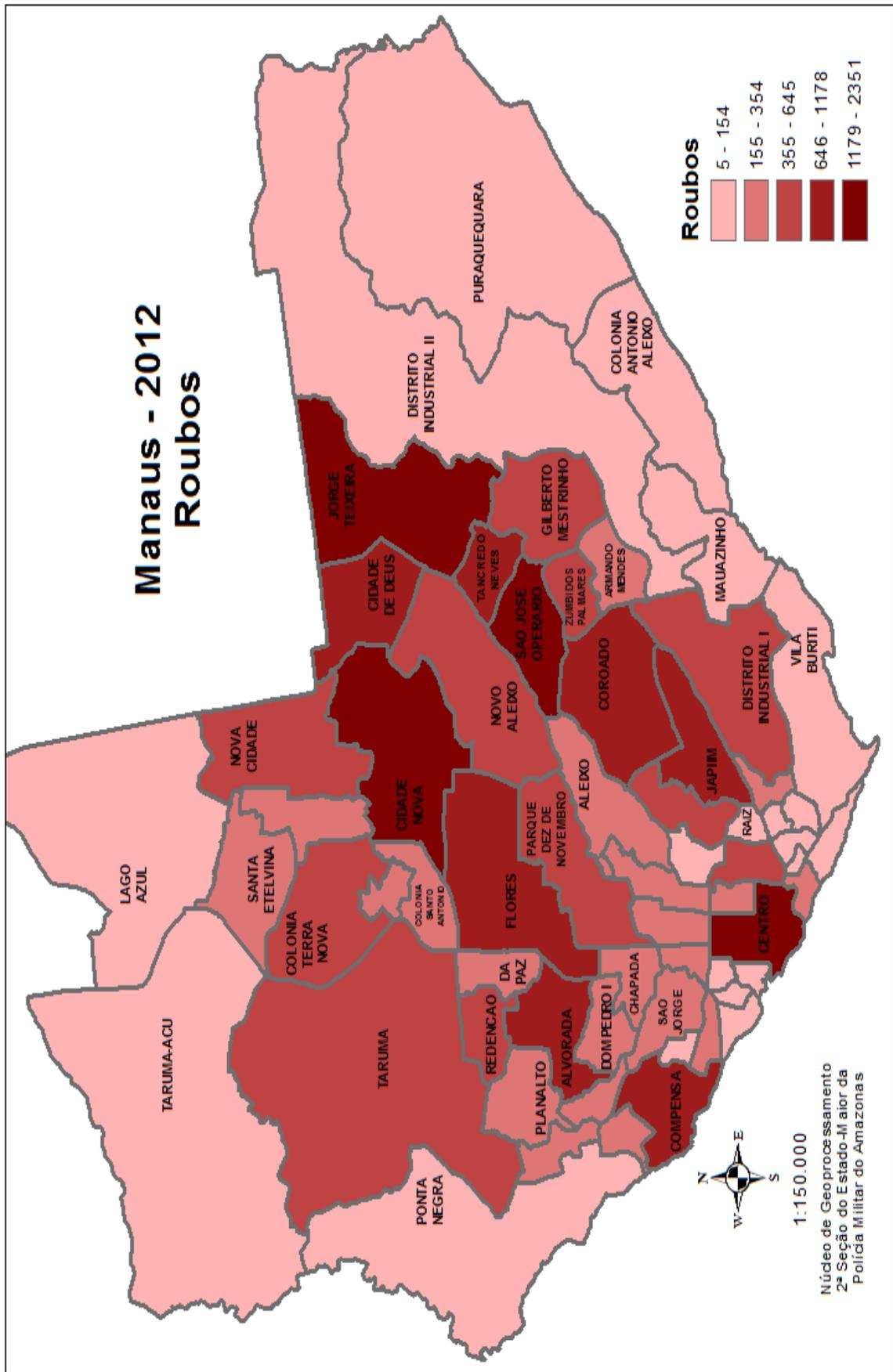
Organizador: Márcio de Souza Correa

No mapa 03, referente às ocorrências de 2012 do crime de roubo, identificamos que não é uma zona especificamente onde os números são elevados. Os bairros são alguns dos que se destacam nessa natureza.

Os Bairros com grandes áreas comerciais e um fluxo intenso de pessoas transitando, estão com um número maior de ocorrências registradas, como o Centro da cidade e principalmente os bairros Jorge Teixeira e São José Operário.

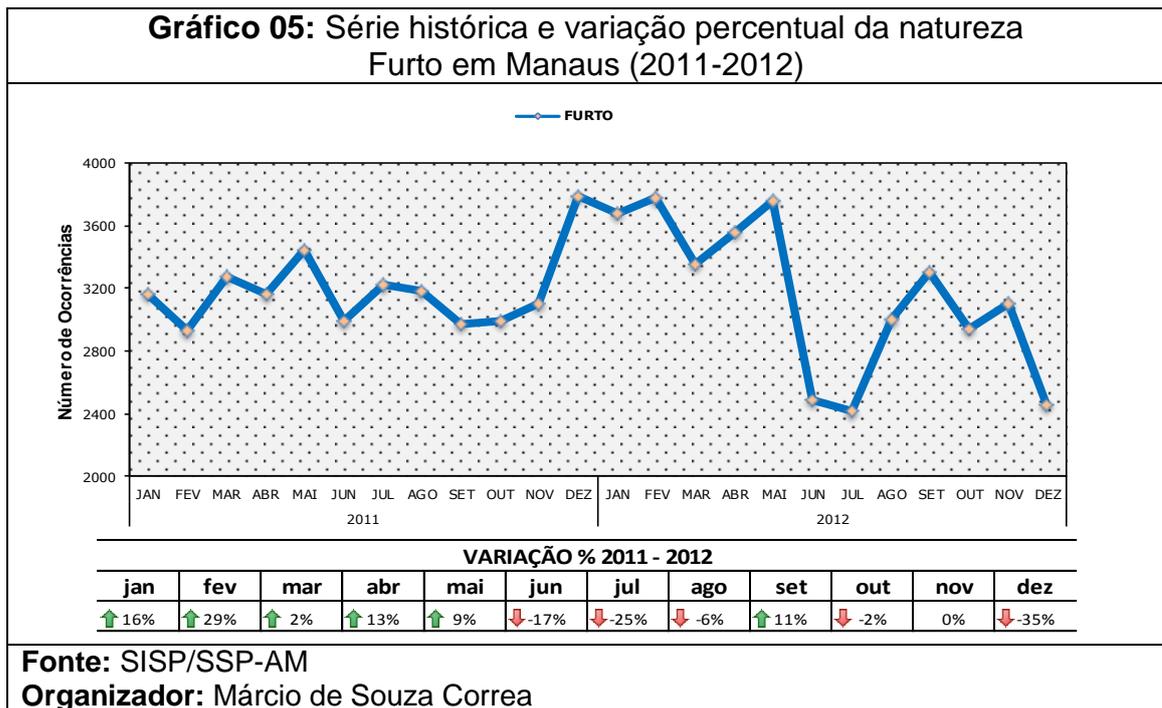
Mapa 03

Mapa da Cidade de Manaus – Ocorrências de Roubo por Bairro



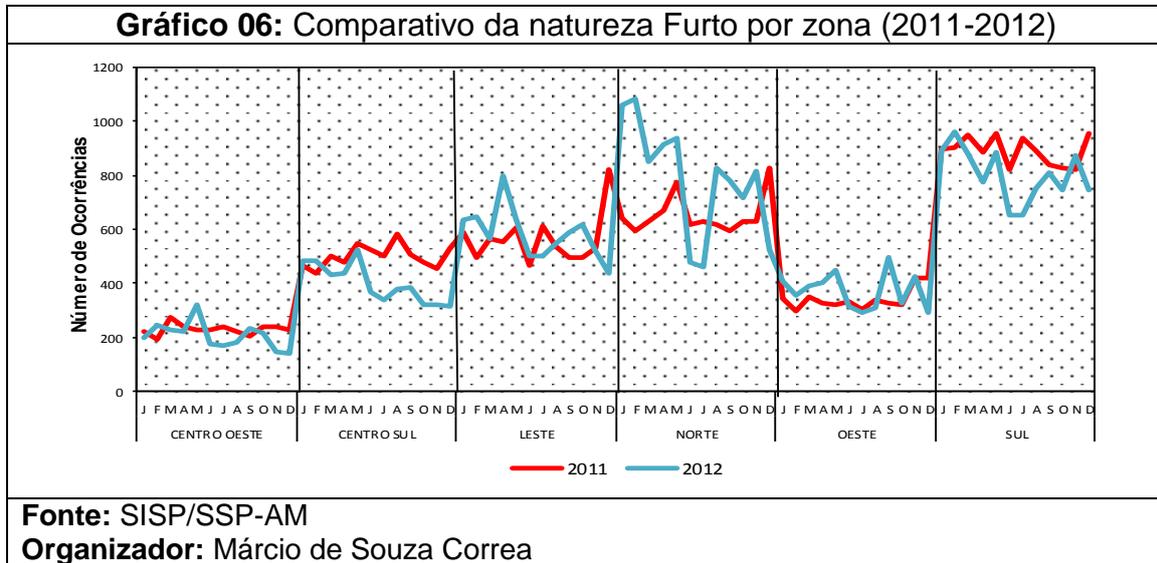
Fonte: SISP/SSP-AM
Organizador: Glauber Amorim de Carvalho

Na natureza Furto, tivemos uma redução nos meses de junho - agosto do ano de 2012, ocorrendo nos meses seguintes um aumento sutil. Em dezembro voltamos a ter uma redução. Mesmo com índices altos nessa natureza, o segundo semestre do referido ano foi de uma redução favorável de ocorrências registradas (Gráfico 05).



No comparativo por zonas, essa natureza se apresenta mais frequente nas regiões Norte e Sul, no entanto, na zona Oeste o número de ocorrências aumentou no referido ano (Gráfico 06). O bairro de maior circulação comercial é o Centro da Cidade, e na fala da PFEM nº 04 podemos verificar, “acho o Centro um bairro perigoso devido a grande aglomeração de pessoas por conta do comércio”. Nessa área da cidade, as ocorrências de maior volume são os furtos aplicados devido à grande movimentação no comércio. O Centro ainda faz parte das relações de consumo da população de Manaus, apesar de nos demais bairros ter também áreas de grande comercialização. É nessa área que se caracteriza a entrada e saída para

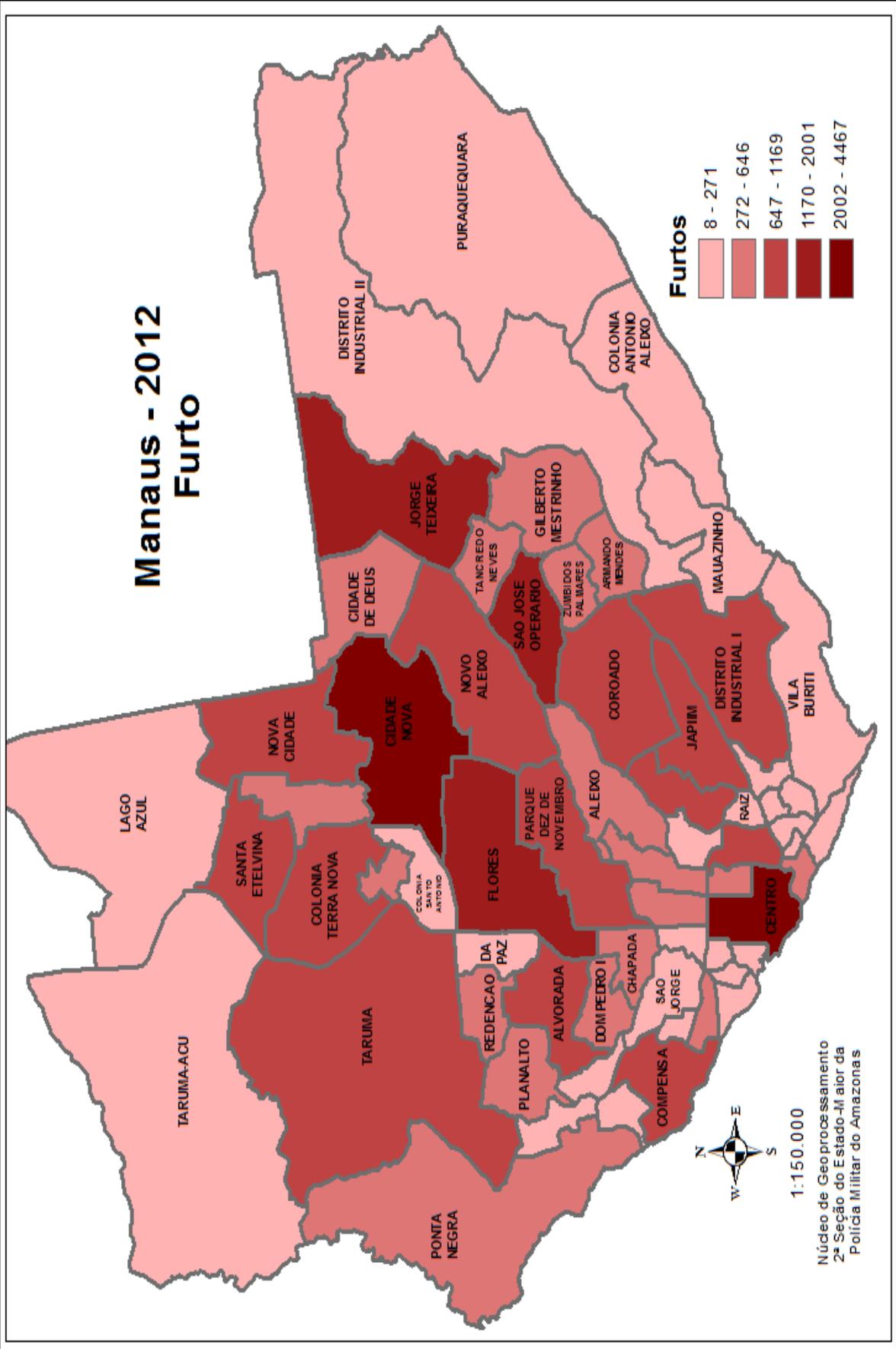
os municípios mais afastados da capital, tendo grande rotatividade de pessoas e recursos, tornando um alvo de ocorrências desse tipo.



No mapa 04, as ocorrências de furto, estão mais presentes nas zonas Oeste e Norte. Porém na Zona Sul houve uma redução. No entanto, os bairros que aparecem com maior intensidade nesta natureza são o Centro e Cidade Nova. Aparecem também, os bairros de Flores, São José Operário e Jorge Teixeira, potencializando a demanda de ocorrências para essa natureza.

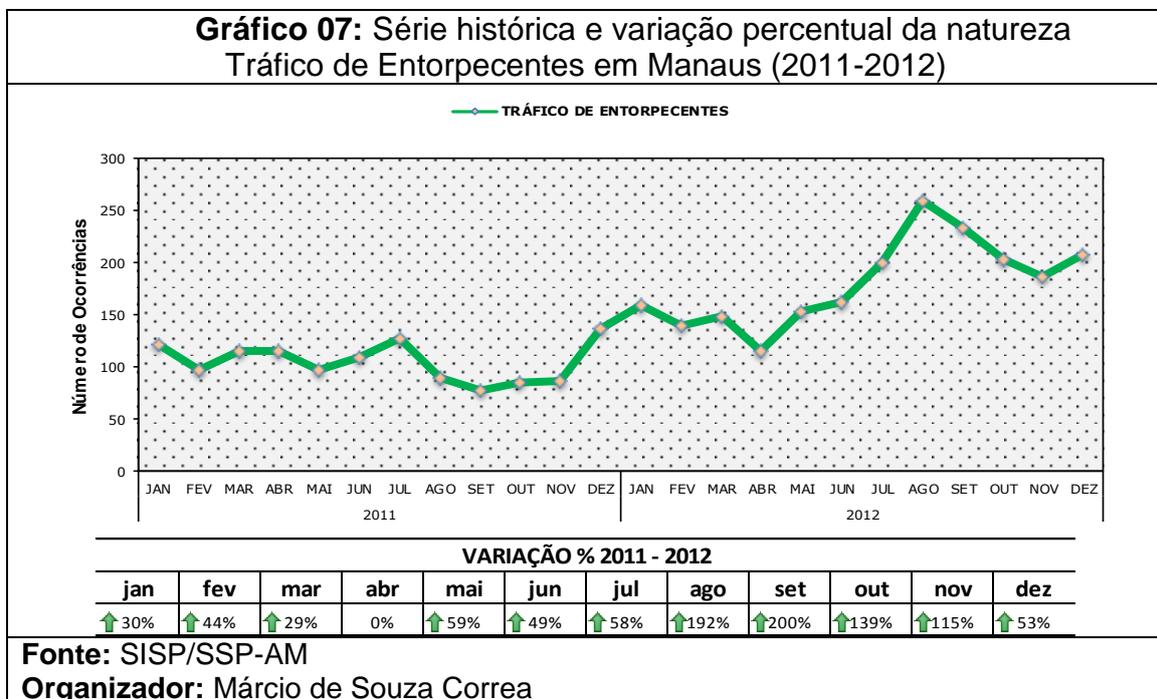
Mapa 04

Mapa da Cidade de Manaus – Ocorrências de Furto por Bairro



Fonte: SISP/SSP-AM
Organizador: Glauber Amorim de Carvalho

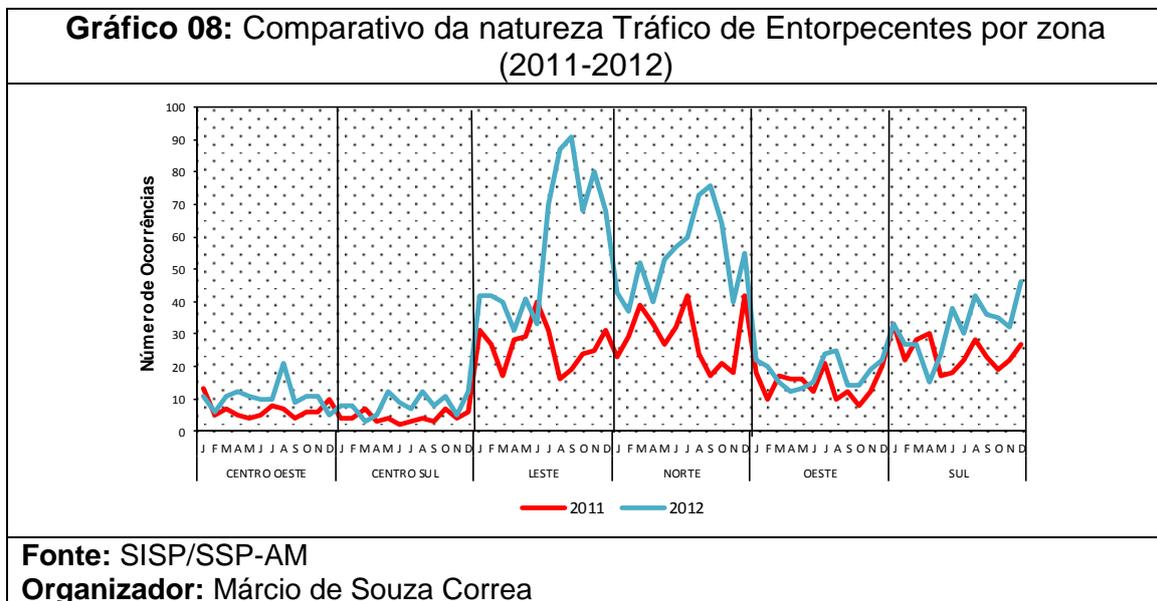
A série histórica da natureza do tráfico de entorpecentes demonstra um efetivo trabalho das polícias no combate as drogas. Houve um aumento no número de ocorrências registradas pela polícia, principalmente, entre julho – outubro de 2012 (Gráfico 07). Os indicadores de tráfico de entorpecente significam uma produtividade dos policiais no combate a crimes desta natureza. Podemos observar que os altos índices de que compõem esse gráfico, mostram uma ampliação do policiamento nas áreas de maior fluxo de tráfico de entorpecentes.



Identificamos no gráfico 08, um aumento considerável de ocorrências em todas as zonas da cidade de Manaus. Nas zonas Leste e Norte aparece mais evidente o número de ocorrências registradas, porém a zona Sul também teve um aumento considerável nas apreensões desta natureza. Para nós, fica claro um aparecimento maior da polícia em identificar e combater as áreas de tráfico com maior empenho. Percebemos na fala da PFEM nº 09, “o bairro em que eu moro é complicado, tem muito tráfico de entorpecentes. Eu moro no Educandos.” Esse

bairro não é muito frequente nas estatísticas de tráfico de entorpecentes, porém, faz parte de uma situação que incomoda a policial devido a proximidade de sua casa. Para outra policial a PFEM nº 16 “o bairro da Compensa, zona Oeste da cidade, já foi muito violento quando se refere a essa natureza (tráfico de entorpecentes), porém ainda existem alguns pontos do bairro que são muito perigosos.”

O bairro do Petrópolis não aparece nos dados estatísticos como um bairro com grandes índices referentes ao tráfico de entorpecentes, mas na visão da PFEM nº 25 “Petrópolis não é um bairro violento, o problema maior é que é comum o tráfico de drogas naquela área”.



No mapa 05, fica evidente que os bairros que compõe a zona Norte e Leste são os que apresentam grande variação na natureza de tráfico de entorpecentes, porém aparece neste momento um bairro que não foi destaque nos demais item por nós estudado. O referido bairro é o Zumbi dos Palmares, área de interseção para as Zonas Norte e Leste, potencializando a demanda de ocorrências para essa natureza especificamente neste local.

O Estado expõe as estatísticas do Programa Ronda no Bairro, como se o método fosse a solução para os problemas da segurança pública do Estado do Amazonas. Entretanto, atribuímos o sucesso do Programa ao policial militar e o seu devido lugar na corporação Polícia Militar do Estado do Amazonas.

Procuramos representar as características da violência urbana através de pessoas que a experienciam diariamente. Soluções ideológicas são importantes apenas se forem concretizadas, para que se melhore o que já existe. Os vestígios do crime não se encontram apenas nas Zonas mais apontadas nas estatísticas, mas estão presentes em todas as áreas da cidade de Manaus.

No próximo capítulo, veremos como são apresentadas as experiências vividas pelas mulheres que compõem os quadros da corporação Polícia Militar do Estado do Amazonas. Suas queixas e seus anseios como forma de representação do seu lugar dentro da cidade.

CAPÍTULO 3 - MAPAS MENTAIS: UMA REPRESENTAÇÃO DO LUGAR A PARTIR DA VISÃO DA POLICIAL MILITAR

Os mapas mentais são envoltos de significados e simbologia. É a partir deles que percebemos o envolvimento do indivíduo com o lugar. Assim retomamos a discussão sobre percepção e de identidade do lugar para descrevermos a visão da policial militar. Através desse paradigma, apresentaremos os mapas mentais como um processo de finalização deste trabalho.

Neste capítulo faremos uma análise dos mapas confeccionados durante entrevistas com as PFEM's. Procuramos analisar como são percebidos os trajetos de casa para o trabalho e se a violência também é percebida próximo a residência, assim como na área de serviço. É através desses mapas que podemos fazer um reconhecimento dos índices de criminalidade existente na cidade através da percepção das policiais militares.

Faremos uma abordagem da percepção da policial feminina, o que vem a ser para essas mulheres, profissionais da segurança pública, os índices de criminalidade.

3.1 IDENTIDADE DO LUGAR: DOMÍNIO DA EXPERIÊNCIA VIVIDA.

O lugar é uma representação da experiência vivida pelo indivíduo. Procuramos reafirmar os conceitos de lugar, a partir da observação das policiais militares que fizeram parte de nossa pesquisa.

A identidade comum ao lugar é estabelecida por quem o vivencia. Ele é constituído e renovado pelas atividades do cotidiano de seus indivíduos. É através da contribuição desses indivíduos que o lugar é composto, sendo uma inter-relação entre homem – lugar.

O lugar é percebido por quem o conhece e atribui valor a ele. O indivíduo que reconhece um lugar como seu, é capaz de representá-lo, portanto cria raízes que fazem parte da sua essência enquanto ser.

“Lugar não é meramente aquilo que possui raízes, conhecer e ser conhecido no bairro; não é apenas a distinção e apreciação de fragmentos de geografia. O núcleo do significado de lugar se estende, penso eu, em suas ligações inextricáveis com o ser, com a nossa própria existência. Lugar é um microcosmo.” (RELPH, 2012, p. 31)

Procuramos representar nos mapas mentais, a observação do lugar através da percepção da policial militar, a identidade que compõem ao indivíduo que vivencia o ambiente. Dentre as várias facetas na qual podemos identificar, é uma constante o medo provocado pela violência na cidade de Manaus, apesar de muitas vezes esse medo ser absorvido pelo tratamento com a atividade policial militar.

O ponto chave desta descrição da experiência vivida pelas policiais militares femininas é a reprodução da violência percebida por elas durante o serviço. Essa atenção proporcionada pela disciplina militar acaba por indicar situações próximas ao local de moradia que nos provocam insegurança.

O enfrentamento do crime como atividade diária acaba por proporcionar uma visibilidade muito grande do profissional, pois este mesmo indivíduo quando sai do seu serviço está desprovido da “proteção” garantida pela corporação.

Os lugares de moradia são muitas vezes próximos de áreas, onde a criminalidade pode não aparecer sempre com altos índices nas estatísticas, porém está muito perto da residência da policial militar. As PFEM's entrevistadas são sensíveis às mudanças dos seus lugares de moradia, porém mais da metade delas se sentem seguras no bairro em que mora.

(...) uma pessoa pode interpretar os índices perceptivos de maneira diferentes, como um exercício em racionalidade. Uma interpretação é preferida e por parecer verdadeira, apegam-se fortemente a ela. A verdade não é dada através de nenhuma consideração objetiva da evidência. A verdade é subjetivamente admitida como parte da experiência e da perspectiva global da pessoa. (TUAN, 1980, p.70)

A percepção da policial fica mais aguçada quando se trata da sua segurança pessoal ou de sua família, no entanto, ser reconhecida como policial militar pode causar alguns transtornos.

A policial militar não deixa de ser policial ao sair de serviço ou estar a paisana (termo utilizado para identificar o policial que não está fardado ou descaracterizado). A obrigatoriedade de uma reação em uma ocasião de perigo é quase que instantânea para a policial militar. Conhecer os perigos é importante para saber como enfrentá-los.

Como já mencionamos, o lugar é onde vivenciamos momentos importantes do cotidiano. É no lugar que interagimos com as pessoas e nos relacionamos afetivamente, seja no trabalho ou em casa. Os lugares, por sua vez, trazem em si uma carga de simbolismo que somos capazes de entender e apreciar, a partir do momento em que se vivencia.

O bairro, como já mencionamos anteriormente, assume características próprias para cada indivíduo. A cultura nos proporciona um modo de ver o lugar através de características específicas, podemos verificar a sensação de pertencimento com o lugar em que vivenciamos em nosso cotidiano.

A geografia se propõe a estudar o lugar, porém ultrapassa as fronteiras do real, transformando-se em símbolos para materialização do imaginário do homem.

Na fronteira entre o mundo material, onde se insere a atividade humana, e o mundo imaginário, abrindo seu conteúdo simbólico à liberdade do espírito, nós reencontramos aqui uma geografia interior primitiva, em que a espacialidade original e a mobilidade profunda do homem designam as direções, traçam os caminhos para um outro mundo; leveza se liberta dos pensadores para se elevar aos cumes. (DARDEL, 2010, p.05)

Propomo-nos a entender o indivíduo através das leituras que ele tem do mundo que o cerca. É a partir daí que nos chama a atenção para a violência vivenciada pelas PFEM's entrevistadas no decorrer desta pesquisa.

Procuramos pensar a policial feminina, enquanto agente produtor do lugar em que vive, assim, ela é considerada apta a traduzir os símbolos que se apresentam em cotidiano. A relação entre a policial-lugar pode ser concebida de várias maneiras.

Os componentes geográficos das práticas indispensáveis a qualquer vida social compreendem tudo aquilo que torna possível habitar a Terra e aí se instalar. Eles norteiam a escolha dos sítios favoráveis, guiam não somente o desenho das vias e redes de comunicação, mas igualmente os materiais e as formas que convêm dar aos lugares, às necessidades daqueles que ali vivem e às atividades que estes ali desenvolvem. (CLAVAL, 2010, p.30)

Os indivíduos são considerados por aquilo que vivenciam, porém são taxados por tudo o que representam. A profissão exercida pela policial é rotulada pela sociedade. Aprendemos, enquanto sujeitos sociais, a agir de acordo com o comportamento estipulado pela sociedade. Ao adentrarmos na Polícia Militar, o rigor do dever de ser idôneo, criando assim uma postura puramente militarizada.

As relações passam a ser estabelecidas na nova forma assumida por nós. Compreender os riscos faz parte do processo de ser um(a) policial militar. Não podemos pensar em uma sociedade sem fazer a relação entre homem-lugar. É nessa relação que são construídas as noções de pertencimento com o lugar e os valores que atribuímos a eles. Não podemos também nos abster do ritmo social que nos é empregado em uma metrópole, como a cidade de Manaus.

Nesse ritmo, verificamos que a violência urbana é uma das características mais frequentes das mazelas sociais. Neste sentido, trabalhamos os mapas mentais na busca de características vivenciadas pelas PFEM's em seu dia-a-dia, que possamos evidenciar a proximidade delas com a violência social.

No primeiro capítulo, relatamos o medo social e a segregação das pessoas que possuem algum poder aquisitivo, e o que elas são capazes de fazer para se abster da violência urbana. Contudo, as policiais militares nem sempre pode fazer parte deste seletivo grupo. Dentre as observações feitas pela grande maioria delas, condomínios fechados são os lugares mais seguros para se morar, porém com a seleção feita nesses lugares residenciais, eles acabam sendo muito mais visados por bandidos.

A compreensão da realidade é fundamentada aqui por quem a vivencia, identificando o valor das experiências cotidianas do indivíduo. Segundo Nogueira

(2001, p.38), “o mundo é aquilo que eu experiencio e que é experienciado pelo outro”.

Para muitos a Polícia é a segunda família e o quartel o segundo lar. É nele que passamos maior parte nosso tempo. Quando ficamos afastados por algum motivo, sentimos falta daquela rotina, ficamos perdidos, desorientados; sendo assim, compõem um significado. É através deste cotidiano experienciado que construímos o lugar com uma relação afetiva, emocional e expressiva daquilo que somos.

O lugar é dado a partir da experiência de cada um, o lugar se apresenta como vivenciado pelos seus habitantes, o lugar, portanto, é constituído a partir da experiência que temos dele. Nesta experiência, está expressa uma relação, sobretudo afetiva, emocional, simbólica e mítica com o lugar. (NOGUEIRA, 2001, p.43)

Na tentativa de interpretarmos a experiência vivida pelas policiais femininas, percebemos que o conhecimento do lugar não se distancia das expressões do cotidiano. O contexto simbólico do indivíduo está intimamente ligado às atividades exercidas em seu cotidiano. O processo de construção dos mapas mentais, a partir da percepção, pode ser feito não somente através dos sentidos aguçados do indivíduo, mas de toda uma coletividade de conceitos referentes à experiência, através da representação da realidade vivida.

Acreditamos que a construção dos mapas mentais se dá através de uma assimilação do lugar. Este é uma contínua construção de símbolos e valores referentes à experiência vivida. Porém a conduta humana não se apresenta como uma simples construção do lugar. O ser humano é muito mais complexo no que se refere aos sentidos, percebemos além da nossa condição física. Construímos uma discussão a partir do que vivemos e as relações que estabelecemos com o lugar.

Ao estudarmos a abordagem fenomenológica, percebemos a subjetividade como a principal característica do indivíduo. Assim, podemos dizer que ele é o único perante aquilo que vivencia. É esse indivíduo que percebe e constrói o lugar, sendo influenciado e influenciando o mesmo.

Perceber o mundo a sua volta é um ato de conhecer a si mesmo. Não se trata apenas de saber do lugar, mas de reconhecê-lo como seu. Aprimorar as relações sociais, fortalecendo os laços construídos com aqueles que vivenciam o lugar.

O lugar percebido pelo indivíduo faz parte de todo um sentimento. A PFEM, que é o nosso objeto de estudo, se identifica com o lugar por fazer parte dele, pois observam as concepções do lugar de dentro para fora, mesmo sendo sua área de serviço. Isso ocorre porque ela vivencia o lugar em que trabalha, não apenas na perspectiva da violência, mas o ambiente como um todo. O lugar está em constante movimento, porém é no indivíduo que se caracterizam as concepções percebidas e valorizadas pelo mesmo.

3.2 PERCEBER O LUGAR ATRAVÉS DA PROFISSÃO: OS RELATOS SOBRE A EXPERIÊNCIA DO COTIDIANO

A cidade de Manaus, enquanto metrópole, é considerada um lugar que está começando a sofrer com as mudanças ocorridas pelo crescimento populacional. No capítulo anterior, podemos verificar novos rumos para a Segurança Pública no Estado do Amazonas, discutimos sobre o Programa Ronda nos Bairros e suas evoluções para melhoramento dos índices de criminalidade no Estado do Amazonas.

O Programa Ronda No Bairro foi iniciado na cidade de Manaus, como projeto piloto para redução da criminalidade dentro do contexto político-social do Estado do Amazonas. Voltado para as comunidades de baixa renda, o programa deu início na Zona Norte, como já foi mencionado no capítulo anterior.

Manaus é uma cidade de grandes proporções, sendo em seu pólo industrial, a maior parte dos recursos que dominam a economia do estado. Porém, é uma capital que fica próxima à fronteira de vários países, sendo também uma rota para o tráfico e consumo de entorpecentes.

As mudanças provocadas pelos avanços tecnológicos, acompanhados das alterações significativas que ocorrem na produção em escala mundial, afetam profundamente o mercado informal de trabalho e têm impacto significativo na vida das pessoas.

Os processos de globalização se intensificam de tal maneira que se dão não somente nas dimensões econômicas, políticas e sociais. Vivemos, como nunca, a globalização da miséria e da criminalidade. (BAIERL, 2004, p.20)

Na visão de 74% das policiais femininas entrevistadas por nós, a cidade de Manaus ainda é considerada um ambiente seguro para se morar. A cidade apesar de está em constante movimentação, é tratada como um lugar de poucas ocorrências. Muitas das PFEM ainda acham Manaus um lugar bom para se viver. Dentre os relatos, podemos descrever a PFEM N°05: “Ainda possuímos aquela sensação de segurança”. Na cidade em que vivemos apesar de todas as ocorrências que podemos observar no capítulo expostos, as policiais militares acreditam que podem andar de farda nas ruas, sem sofrer grandes intervenções como identificamos nos demais estados. Ressaltamos na fala da PFEM N°24: “Em relação a outros estados, ainda conseguimos andar de janelas abertas nos carros”.

Não devemos enraizar certos preconceitos e referências territoriais a uma análise de segurança pública, pois todos identificam a violência urbana de formas diferenciada.

Como ressalta Nogueira (2001, p.72):

“Os estudos da percepção pela Geografia visam muito mais que os esquemas e modelos da linha comportamental. Ela tenta compreender o que une o homem e a terra, o que enraíza, o que dá a sua vivência uma identidade particular aos lugares.”

Seguindo esta linha, logo, o que garante o modelo de enraizamento, além do social, seria a corporação como padrão comportamental a ser mantido. Aos policiais militares (de ambos os sexos) é ensinado o “tipo de comportamento” a ser seguido para as atividades exercidas perante a população. É bom lembrar que todos os policiais passam por um curso de formação para aprender as técnicas necessárias à atividade, assim como disciplina e postura frente ao cidadão.

Aprendemos a reconhecer o mundo com outros olhos. O olhar se torna filtrado, para a identificação de situações que possam vir a se tornar uma cena de crime, seja de qualquer natureza.

Para alguns que vêem a polícia pelo outro lado, a população em geral, os policiais são treinados para não se abalarem com crimes atendidos por eles. Porém, a reação de um policial é a mesma dos demais. Talvez de poder evitar a situação ou, por outro lado, em se colocar dentro do fato. Em uma das entrevistas, uma das policiais relatou uma ocorrência onde uma criança se encontrava morta e fora violentada sexualmente. Assim a PFEM N^o 07 disse: “Todos no quartel ficaram comovidos, porém a dupla que atendeu a ocorrência entrou em choque. O policial ficou horrorizado, pois tinha filhos na mesma idade da criança. Um deles chorou incontrolavelmente.”

O medo social gerado pela violência urbana e a maneira de lidar com ele também se expressam distintamente. O medo, produzido e construído a partir da forma como a violência vem se manifestando na sociedade, cria novas alternativas de sociabilidade, alterando o modo de ser e de agir das pessoas, dos grupos, das comunidades e movimentos populares em seu cotidiano. (BAIERL, 2004, p. 22)

A dimensão dada ao lugar encontra-se a partir de uma representação subjetiva do mesmo. Somos capazes de considerar as simbologias do lugar através do que percebemos com todos os sentidos (visão, tato, olfato, audição e paladar). Deste modo, atribuímos uma lembrança, uma consciência dos lugares a nossa volta. Para a policial feminina, a criminalidade que cerca a função, nos faz perceber a violência, identificar suspeitos e prestar atenção em movimento que outros não identificariam.

A composição de um militar proporciona uma cultura especificamente deste indivíduo. A simbologia que nos atem da leitura do lugar é amplamente estabelecida dentro da corporação Policial Militar do Amazonas. O indivíduo através desse grupo social se relaciona e absorve parte dessa cultura vivenciada diariamente.

Ao analisar a dinâmica da realidade policial e vivenciá-lo enquanto policial militar feminina, percebi que a conceituação de lugar e violência são muito próximos a nosso cotidiano, devido a construção do lugar para o indivíduo. Nos momentos em que desenvolvemos a atividade, estamos “plugadas” no que está acontecendo na cidade a respeito da segurança pública, assumimos essa composição do ambiente.

A policial feminina não deixa de perceber o lugar de acordo com a sua essência militar. Não nos despimos da sensação de pertencimento que a corporação nos imprime. Compartilhamos de uma característica comum a todas as entrevistas, temos orgulho do que somos.

A noção de violência urbana que temos mistifica algumas realidades e desmistifica outras. Como podemos citar o exemplo da PFEM N^o 10: “ Não acho o meu bairro perigoso, eu moro no Tancredo Neves. Já moro lá faz tempo. Não tem tantas ocorrências assim. Eu me sinto segura por lá.” No entanto, se formos observar no capítulo anterior, esse mesmo bairro é considerado pelas estatísticas um lugar violento dentre os índices disponibilizados pela SSP-AM.

Assim como essas, muitas outras disseram a mesma coisa. Podemos observar que o bairro de residência, na maioria das vezes, é indiciado como relativamente seguro, porém o do outro não.

Identificamos que os lugares considerados como seguros são compostos por bairros de classes altas como: Ponta Negra, Adrianópolis, Vieiralves entre outros. Também verificamos que aparece nas falas das policiais femininas, os condomínios fechados como ponto de estabilidade e segurança, independente de onde estiverem localizados. Os condomínios fechados, como já mostramos no primeiro capítulo, são referências em parâmetros de segurança, porém não podemos dizer que são impenetráveis. Entretanto, são objetos de consumo da grande maioria da população.

No entanto, nos bairros que foram considerados perigosos, observamos que a maioria das indicações ou eram bairros que compunham a Zona Leste ou propriamente dita. Neste momento, vemos que existe um pré-conceito com o lugar, pois apesar das estatísticas indicarem a Zona Leste como um lugar de altos índices de criminalidade, não são todos os bairros que possuem indicativo de maior fluxo de crimes. O que caracteriza essa área é por ser considerado um lugar de pessoas humildes, porém o entendimento das pessoas que compõem o lugar restringe e fragmentam o conceito de violência nessa região. Ou seja, não considera seu bairro perigoso e sim o do outro, mesmo que os indicativos de criminalidade mostrem o contrário.

“o homem tem recorrido à sua faculdade de estabelecer fugas por meio do pensamento como meio de escapar de ações aborrecidas, das agruras da vida ou de tentativas de locomoção rumo aos ninhos de amparo, à resolução de problemas ou aos lugares emoldurados por sonhos, esperanças e felicidade.” (MELLO, 2012, p.36)

Nem sempre o que não conhecemos é de fato o que se anuncia. Assim estabelecemos nossa fuga daquilo que é novo para nós experimentarmos.

3.3 MAPAS MENTAIS: A VIOLÊNCIA NA CIDADE DE MANAUS REPRESENTADA PELAS POLICIAIS MILITARES

Buscamos meios de envolver as representações da temática trabalhada, com o objetivo de destacar através da policial militar a observação diária da violência. Para construirmos os mapas mentais a partir dessa perspectiva, vivenciamos diferentes momentos neste trabalho.

Primeiramente, foi necessária a permissão do senhor Comandante Geral de Polícia do Estado do Amazonas para que pudéssemos concretizar a ideia da pesquisa. No segundo momento, o contato foi com os comandantes das unidades que visitamos, os CPA's. Sendo por último, o contato, entrevista e confecção dos mapas. Algumas desconfianças existiram no decorrer do percurso, porém tivemos uma boa aceitação por parte das policiais por nós entrevistadas. A partir daí, dávamos abertura para prosseguimento a análise das entrevistas com a confecção dos mapas mentais que serão mostrados neste capítulo.

A proposta da Geografia em relação à representação do espaço, inicialmente, era justamente como um modelo puramente matemático. Os modelos representados para explicar o lugar eram modelos matemáticos, onde não se admitia a relação do homem-lugar enquanto construtor dos mapas.

A preocupação era com o espaço geométrico, onde se adotou o modelo matemático para explicar os fenômenos espaciais. Hoje já se admite a busca de modelos não euclidianos para descrever essas relações (NOGUEIRA, 2001, p.59)

Os mapas mentais são uma forma mais dinâmica de se representar a realidade. É nas imagens contidas no cotidiano do indivíduo que se reproduz o lugar. A partir da vivência, se constroem símbolos que compõem o lugar no qual se pertence. Não construímos pontos e linhas no papel, fazemos com que o lugar seja entendido sob a ótica daquilo que experimentamos. Os mapas mentais são composições da realidade, pois definem o valor que atribuímos ao lugar. Pensando nisso, nossa preocupação em estudar a policial feminina nos levou a procurar uma forma para representar a dinâmica do dia-a-dia em serviço.

A “estranheza” das policiais femininas referente à pesquisa foi por ser incomum, uma pesquisa deste tipo, ou seja, nenhuma outra pesquisadora havia feito isso na cidade de Manaus, parar para escutar os praças da corporação. Porém, ao me identificar como policial militar a conversa mudava a partir daí, ficavam mais a vontade para falar. Fomos aos quartéis em horários de expediente, algumas das PFEM's não puderam nos dar atenção necessária para entrevista, sendo importante um retorno.

Houve um impasse no momento em que pedimos para serem desenhados os lugares que chamavam atenção no percurso de casa para trabalho na perspectiva da violência. Nem todas as PFEM's aceitaram fazer esta representação.

O mapa mental para o indivíduo que o faz é a percepção do seu lugar de origem. Para um pesquisador é a representação do que o lugar realmente é. A definição de lugar para a geografia humanista está voltada para a construção de uma relação entre homem-lugar.

Procuramos estabelecer um diálogo entre o pesquisador e o objeto de nossa pesquisa, a policial militar feminina. Empenhamo-nos para estudar a ligação que se concebe entre conhecimento empírico e o estudo do lugar. Os mapas construídos aqui estimulam nossa percepção visual, porém nos carregam de emoção, quando se trata de conhecer o lugar através do que percebe o outro.

Os lugares que experienciamos e identificamos em nossos mapas são uma representação do que consideramos importante retratar, mesmo que a informação para uns não seja válida e o significado não esteja, de certa forma, condizente com

a realidade, pois cada um tem uma forma de olhar o lugar. Como ressalta Seemann (2012, p.83): “mapas são como transcrições de nós mesmos.”

É através dessas relações que podemos caracterizar também os medos que se expressam no lugar. Para nós, as discussões ligadas à percepção estão voltadas para a violência apresentada nos mais diversos lugares da cidade de Manaus. Podemos analisar de acordo com os mapas mentais o que as mulheres entrevistadas sentem. Devido às representações, percebemos a violência muito próxima ao lugar por elas experienciado. Dentre os mapas mentais confeccionados durante as entrevistas, podemos verificar que apesar de serem lugares diferentes, a violência está representada em todas as vertentes da cidade de Manaus.

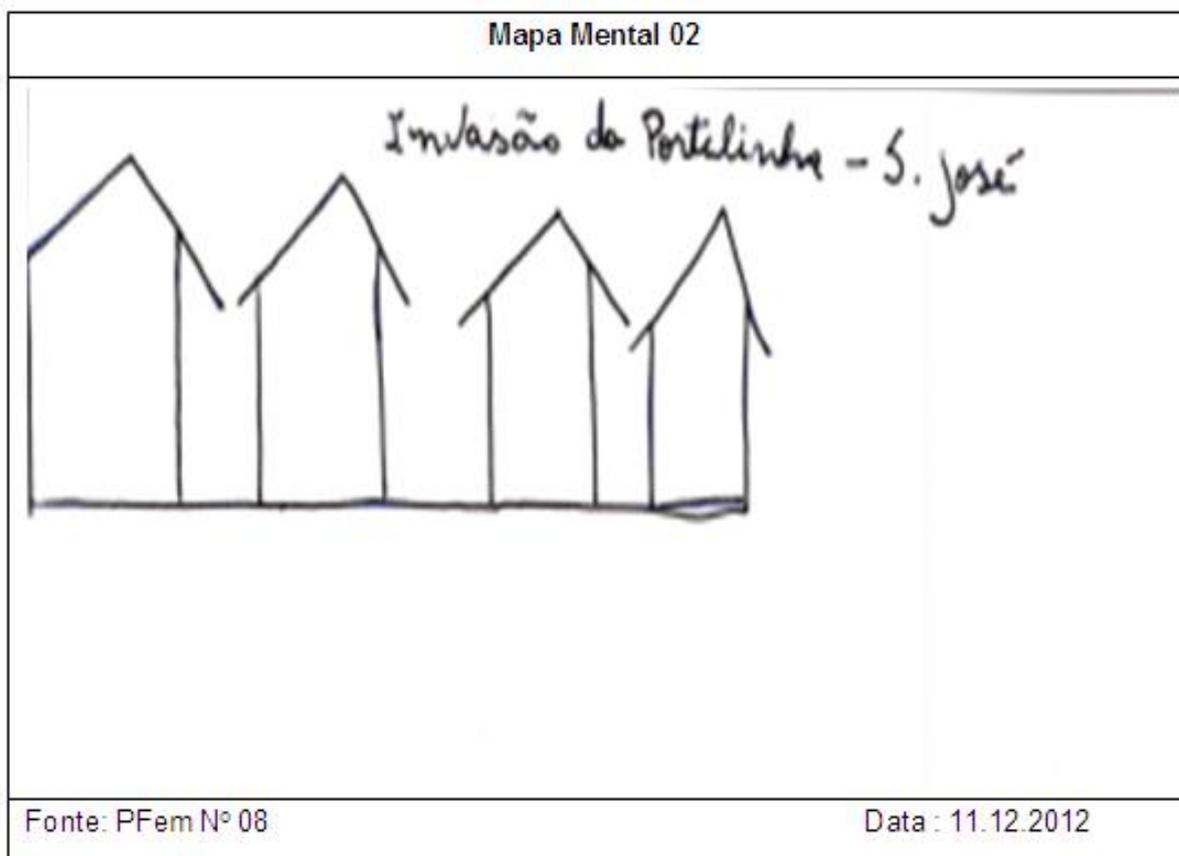
Podemos analisar, de acordo com os mapas mentais, que as mulheres entrevistadas sentem, devido as representações, a violência muito próxima ao lugar por elas experimentado. O conhecimento, no qual estão apoiadas, é aquele que vivenciam em seus serviços nos quartéis de polícia. O valor que é dado a essa relação de policial - lugar vai além da percepção dos fenômenos.

A violência por elas experienciada é muito presente em todas as relações construídas em serviço.

Sendo assim, apresentaremos alguns mapas mentais que foram confeccionados durante nossa pesquisa. As representações presentes aqui não são compostas por formas matemáticas, porém são composições de uma realidade vivenciada pelas policiais militares em seu trajeto de casa para o trabalho. Procuramos identificar a relação de violência sistematizada por elas em seus desenhos.

Mapa Mental 02

No mapa mental 02, a PFEM N° 08 que o descreveu, disse que se tratava de um problema de seu bairro. Ela estava se referindo a “Invasão Portelinha”, onde faz referência no mapa confeccionado. A “Invasão Portelinha” é uma favela no bairro do São José Operário, Zona Leste da cidade. Para ela os problemas que acontecem em torno desta localidade são por conta da Invasão. Apesar de em Manaus as favelas terem outra composição, essa em particular foi construída em torno de uma área comercial, por isso incomoda os moradores do lugar. Contudo, os indivíduos que habitam nesse lugar não reconhecessem os da Invasão, como se não pertencessem ao mesmo ambiente. São José II não é perigoso (A relação com o bairro significa que não importa se é ou não perigoso, mas existe o sentimento de segurança nesse lugar).



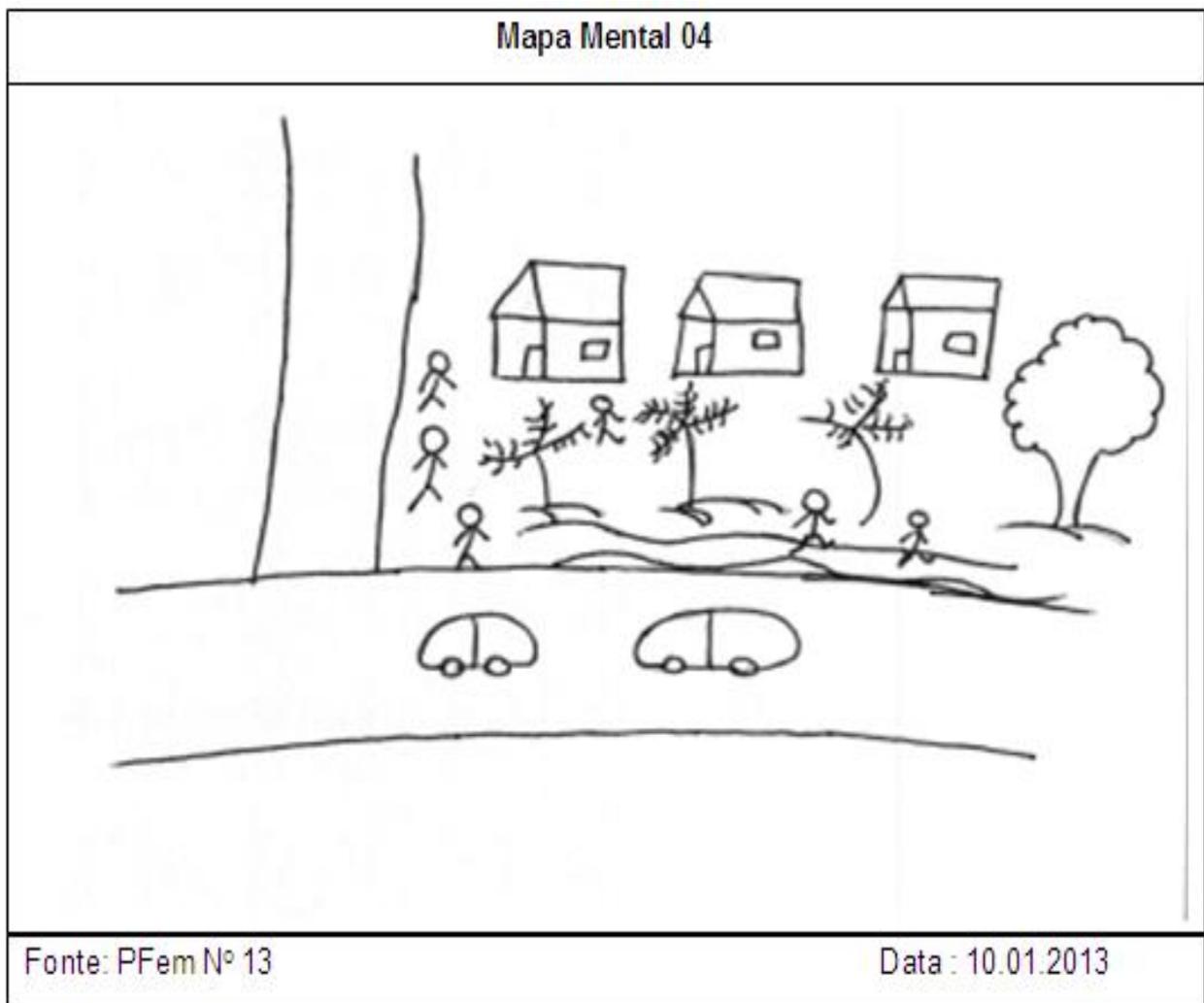
Mapa Mental 03

No Mapa Mental N° 03, a PFEM N° 12 identifica como perigoso o “Hip Hape” do Adrianópolis. A referência da violência urbana para essa policial tem a ver com a proximidade com os igarapés que cortam a cidade de Manaus. Subentende-se que a relação com os igarapés, que fazem parte da paisagem da cidade, são próximos as áreas com população de baixa renda. Sendo assim, a predisposição ao crime esteja muito perto da população. As áreas de igarapés são consideradas em Manaus, lugar de palafitas ou “favelas aquáticas”, onde grande parte da população que mora no entorno tem uma relação de proximidade com o rio ou de morar perto das áreas de grande comércio, por isso se sujeita a morar dentro dos igarapés.



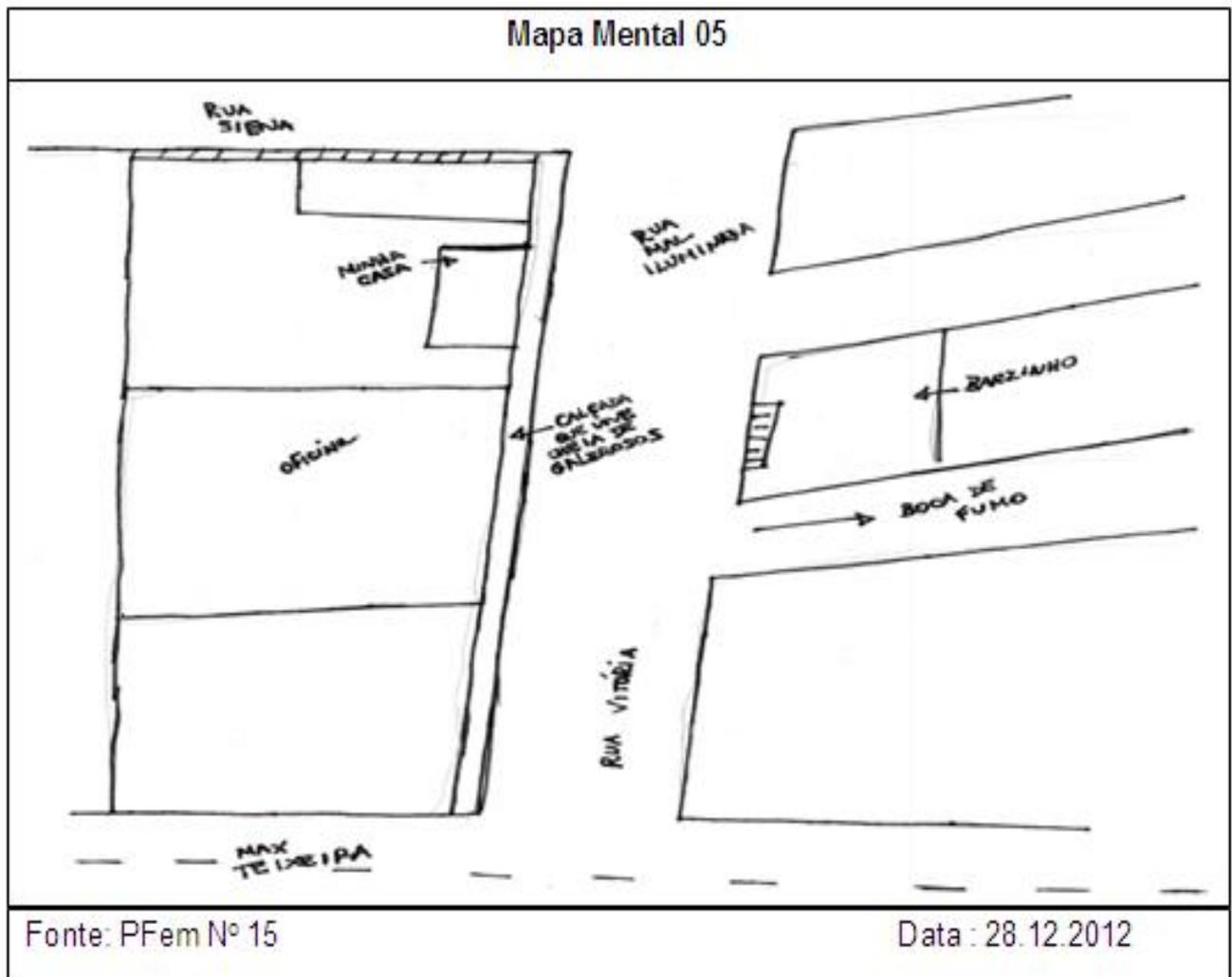
Mapa Mental 04

A PFEM N° 13 ao retratar o seu lugar, percebe que passa em seu percurso por uma série de invasões, sendo um caminho que ela utiliza para ir ao trabalho e retornar. A PFEM relata: “Quando você mora num conjunto, é tranquilo em vista da Zona Leste. Para mim, a cidade é segura dependendo do lugar onde mora. Você ainda consegue andar em Manaus fardada.”.



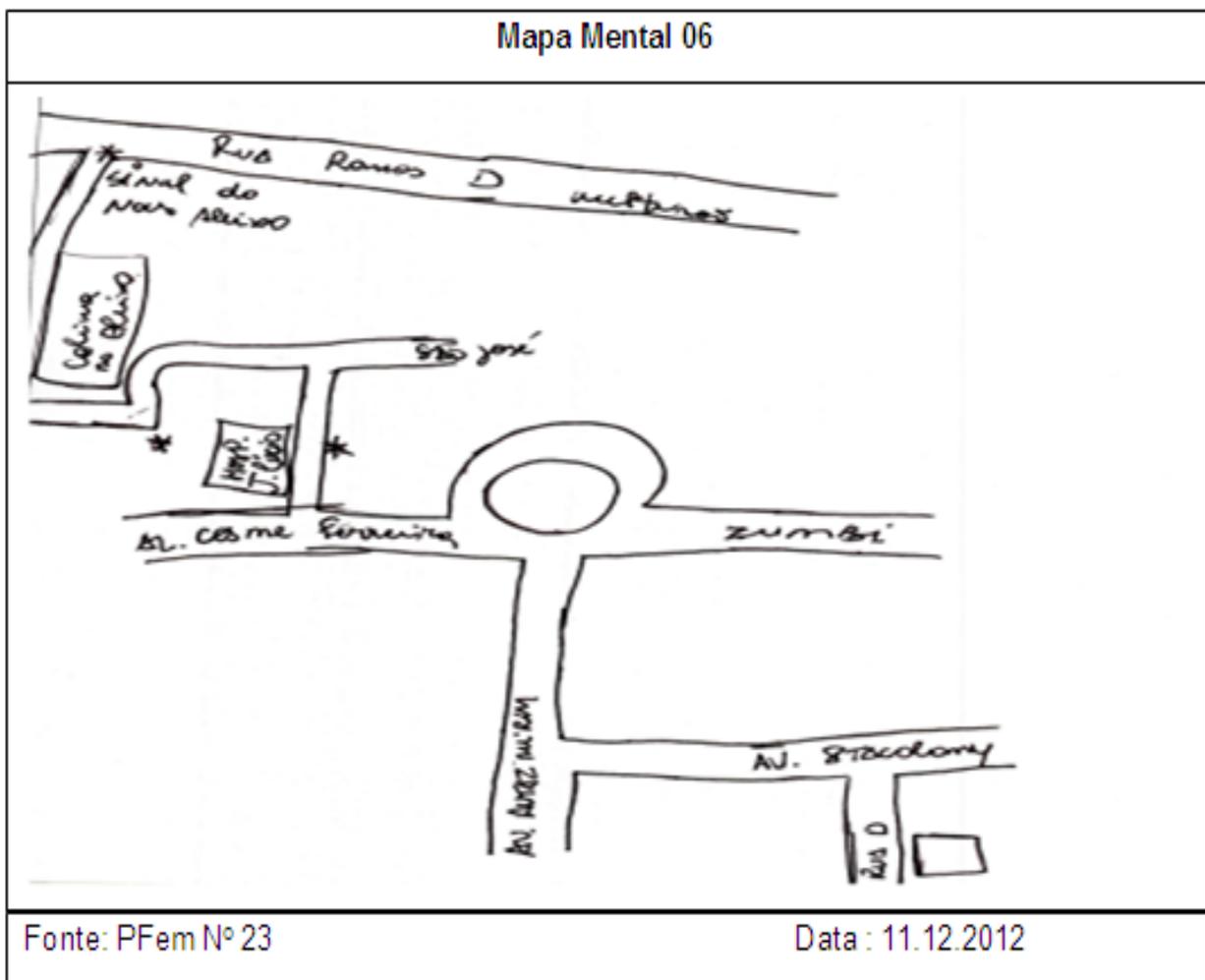
Mapa Mental 05

O mapa mental N° 05 retrata as inquietudes da PFEM N° 15. Ela nos mostra áreas próximas a sua residência. Identificando no seu desenho os pontos, onde verifica serem mais críticos. Em seu mapa mental, nos mostra uma região pertencente ao bairro Cidade Nova, que tem grande fluxo de carros e moradores. Entretanto, nos apresenta uma área um pouco conturbada, onde além de lugares mal iluminados, temos bem próximo a residência da PFEM uma “boca de fumo”.



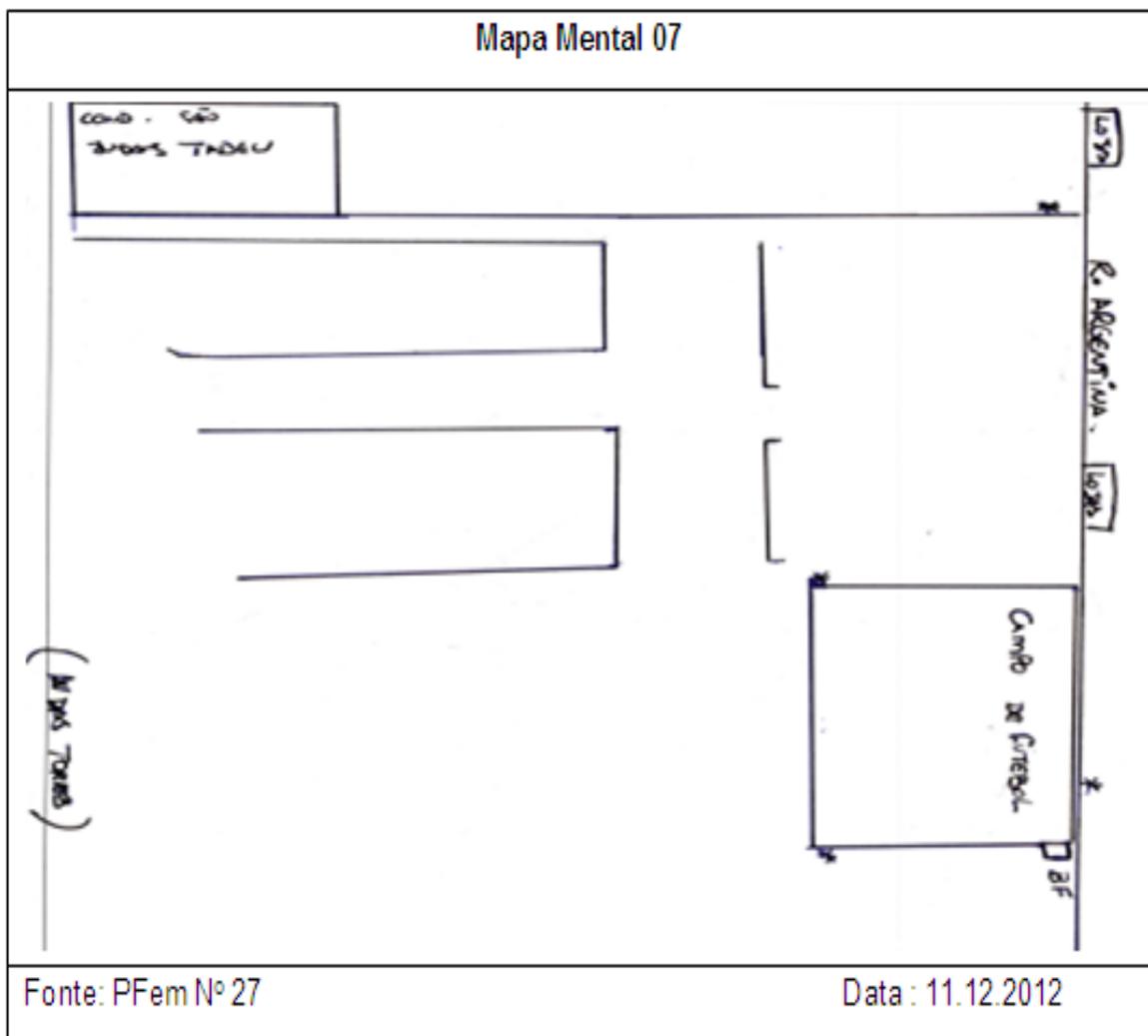
Mapa Mental 06

Identificamos no Mapa Mental 06 a PFEM N° 23, moradora da Zona Leste, percebe no decorrer do seu trajeto para o trabalho pontos de insegurança. Passando pelo bairro do São José Operário, na Zona Leste da cidade, ela aponta lugares próximos ao Hospital João Lúcio, que na visão dela, são de grande perigo. Assim como na entrada do Conjunto Colina do Aleixo, a caminho do Bairro Novo Aleixo. Esses apontamentos são marcados por asterisco (*) dos pontos que incomodam no seu percurso.



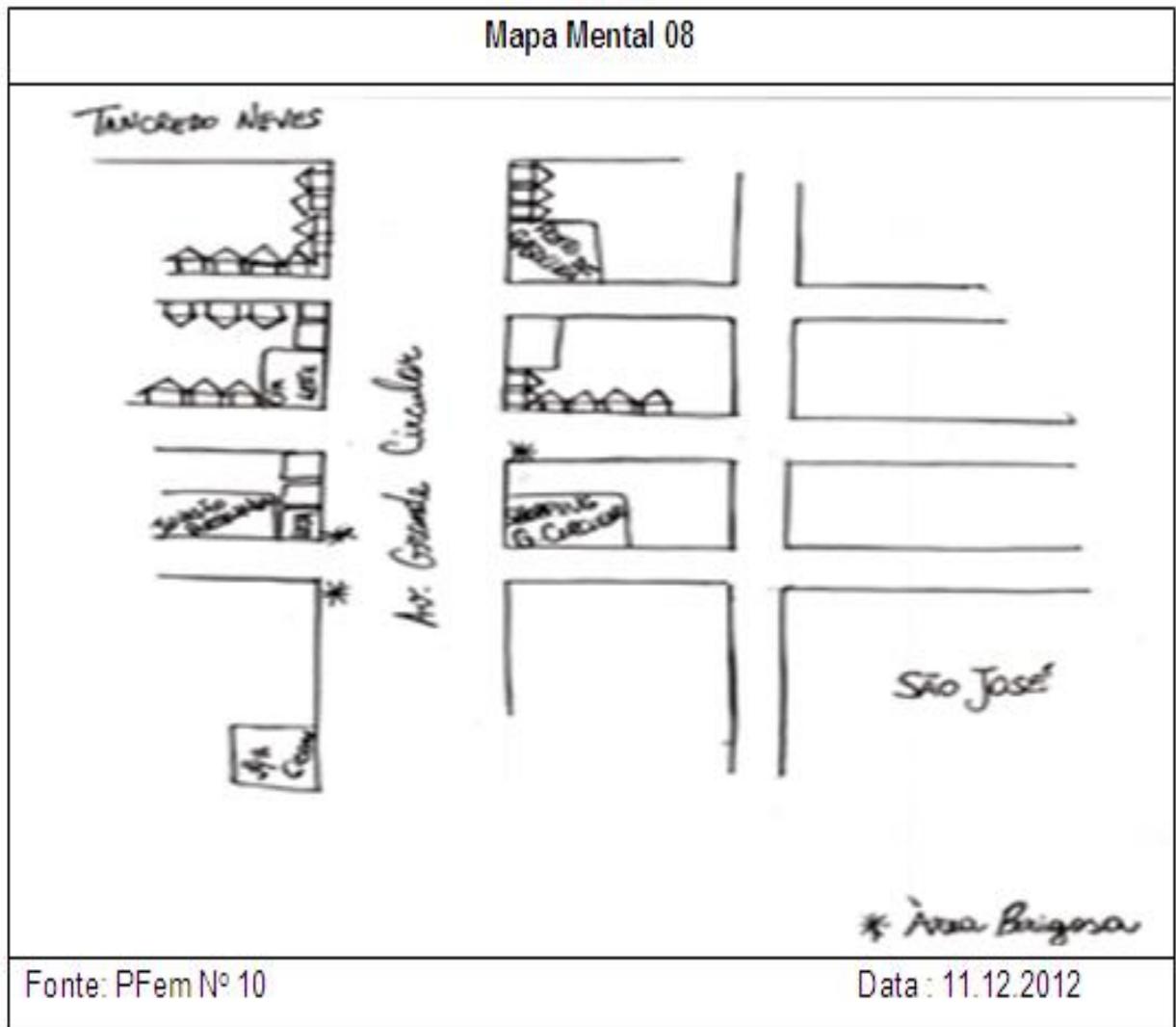
Mapa Mental 07

No mapa mental 07, observamos que a PFEM N° 27 descreveu a área próxima a sua residência, no Parque das Laranjeiras. Conseguimos compor a relação de violência no lugar, devido à identificação da policial militar ao desenhar as ruas próximas a sua casa e fazer alguns asteriscos (*), para mostrar onde são os pontos que caracterizam a criminalidade local. Nesse caso, aparecem no mapa casas próximas ao campo de futebol, que são ponto de tráfico de entorpecente ou bocas de fumo (BF).



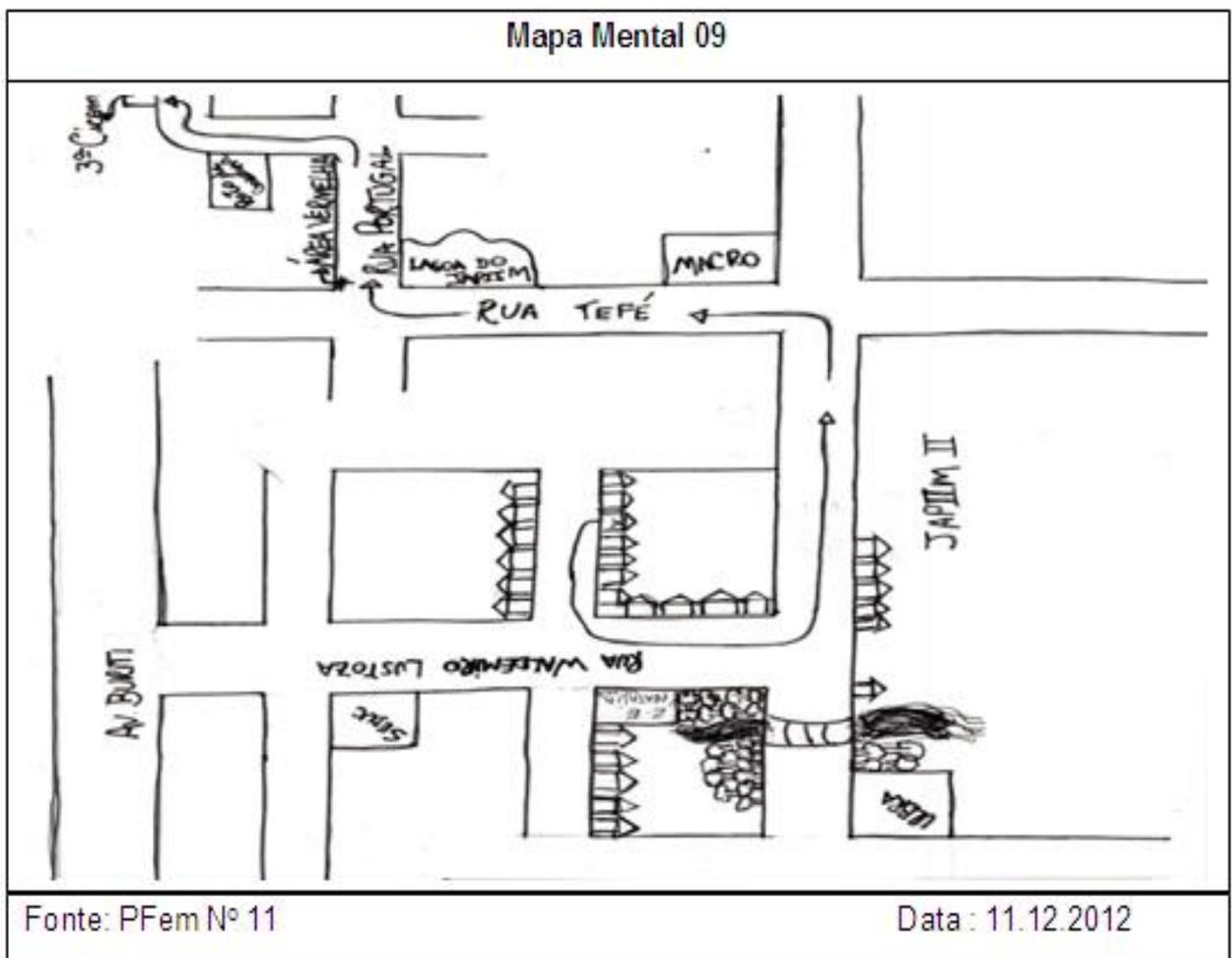
Mapa Mental 08

O mapa mental 08 representa a realidade da PFEM N° 10, que apesar de trabalhar em outra área de serviço, identifica como violento o bairro do São José Operário, na Zona Leste da cidade, sendo que ela mora no bairro do Tancredo Neves que se localiza nas proximidades. Para ela, o seu bairro não é violento, apesar de aparecer frequentemente nas estatísticas produzidas pela SSP- AM. Ela diz: “Eu não acho meu bairro perigoso, moro numa área que não é violenta”.



Mapa Mental 09

O mapa mental 09 identifica o bairro do Japiim como o mais violento. A PFEM Nº11 retrata como é perigoso o referido bairro, pois nas palavras dela “os bandidos não respeitam nem casa de PM. No meu trajeto de casa para o trabalho, utilizo-me das vias principais, mas não ando de farda, coloco a farda no quartel. Passo por uma área vermelha para chegar ao quartel. Acho muito perigoso andar fardada. Aqui no bairro não é assim, como nos outros lugares.”



Ao contar com a relação feminina com o lugar, percebemos que muitas vezes a emoção ultrapassa o racional. A inquietude ao discutir o meio social em que vivemos, nos mostra a vontade que faz parte de uma mudança, mesmo que minimamente percebida. Porém, o que faz toda diferença, seja ela por trabalhar com segurança pública ou pelo fato de ser mulher, mesmo neste universo dominado pela representação masculina da força, sabemos que fazemos a diferença. A nossa vivência é o que nos faz sermos o que somos.

3.4 MEDO SOCIAL: A POLICIAL FEMININA E O PERIGO NAS RUAS DA CIDADE DE MANAUS

Ao compreender o serviço policial militar, logo em seguida, vem o medo da rotina da violência urbana. Somos pagos para trabalhar, portanto a culpa é nossa, como muitos dizem. Mas será que é o policial quem gera a violência? Quem são esses profissionais? Como se sentem com o cotidiano de violência? Ao entrevistarmos as policiais femininas perguntamos: você acha seu trabalho perigoso? O que nos foi dito foi mais interessante ainda.

Sabemos que na cultura do brasileiro, o policial militar só é visto com bons olhos quando se precisa deles. Porém, o medo social ao que estamos constantemente expostos é diferenciado dos demais, sendo assim, fui perguntar das policiais femininas. A grande maioria delas acha o policiamento ostensivo muito perigoso. Cerca de 93% das mulheres entrevistadas responderem positivamente.

A falta de valorização do policial militar é um determinante. Outro motivo para este medo social da violência está em saber o que acontece. Nos relatos das PFEM's, podemos evidenciar que se preocupam com o que vai acontecer com elas no decorrer do seu dia. A PFEM N^o 22 diz: "Fazemos parte do quadro da segurança pública, então somos nós que sofremos o primeiro impacto em uma situação que saia da rotina."

Outra grande queixa é fazer uso da farda. A farda nos coloca em evidência como mencionamos no capítulo anterior. É através da farda que o criminoso identifica aquele que deve sofrer, para que ele saia livre de uma situação de risco.

Como nos relata a PFEM N°23: “A gente se arrisca muito por vestir a farda. É considerado um alvo para os bandidos.” Outra descrição é o da PFEM N° 26: “Vivemos muitas situações de risco em confronto com pessoas diferentes e com reações inesperadas.”

Somos produtos de nossas experiências, o que vivenciamos está ligado ao significado que atribuímos às coisas. O lugar nos integra como um anexo de nós mesmos. Como podemos ressaltar na fala de Mello (2012, p.38): “(...) o lugar integra o âmago dos nossos seres. Além dos seus limites, descortina-se um mundo livre, contudo caótico e temeroso.”

A realidade do policial militar é bem diferente daquilo que nos é mostrado e produzido pela mídia. Somos frutos de intervenções sociais severas, tanto do poder público quanto da população. Ao assumir que se é policial, todos os encargos da profissão se viram contra os mesmos, como ser alvo dos bandidos e da sociedade em geral. Podemos verificar na fala da PFEM N° 07:

Com certeza ser policial sempre é perigoso. Pode ser que você pegue um tiroteio ou alguém te agredir com uma faca, ou alguma coisa assim. É um trabalho que você lida com pessoas que não tem amor a vida, nem pela família. Pessoas que se tiverem que matar, mata como se fosse um bicho.

Essa mesma realidade nos é apontada pela PFEM N° 08:

A nossa profissão é perigosa porque trabalha com todo tipo de indivíduo e todo tipo de situação. A gente é psicólogo, sociólogo, é tudo não é só a função policial militar que a gente faz, na verdade somos gerenciadores de conflitos.

Ser policial militar é admitir estar pronto para as situações de perigo e ser capaz de resolver os problemas que estão presente numa cidade grande, como é o caso de Manaus. Segundo a PFEM N° 19: “Por se tratar de policial militar, as pessoas acham que estamos prontos para qualquer tipo de ocorrência, do furto até um homicídio”.

Quando pensamos em adentrar na corporação policial militar, a busca por independência era uma das premissas que me fizeram crer que seria uma importante decisão ser policial militar. Na verdade, a conquista não foi apenas um caráter de independência, mas uma questão de ter uma nova visão do que vem a ser uma corporação.

A busca do conhecimento se inicia quando olhamos a nossa volta. A descoberta do conhecimento se dá através do interesse em vivenciar as coisas do mundo. Ao atribuímos personalidade aos lugares que experienciamos no decorrer de nossa vida, encontramos meios para descrever tudo aquilo que somos capazes de ver e sentir.

O lugar que conhecemos é a chave para aquilo que somos. Sabemos reconhecer o lugar através de tudo o que vivenciamos, como os interesses que conectamos ao bairro ou a cidade que experienciamos. Os mapas mentais são construídos a partir dos símbolos adquiridos durante a vida em sociedade. A cultura é uma forma de atribuição de valores para a concepção do lugar.

Porém, apesar de todas as dificuldades no decorrer dessa jornada, não posso deixar de dizer que sou policial militar e tenho orgulho de sê-lo. Pois sem todas as adversidades pelas quais passei e por aquelas que ainda passarei, não seria o que sou hoje. Ou como nos diria o Fra Mauro (COWAN,1999, p.34-35): “Tudo que fizemos ou pensamos, tornou-se a viva expressão de nós mesmos”.

Acho que com essas palavras, caracterizo cada uma das mulheres que estiveram nessa pesquisa e que se dedicaram ao participar de algo maior para nos tornamos visíveis, não apenas dentro da corporação policial militar, mas aos olhos da academia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho foi construído dentro dos pressupostos da Geografia Humanista, para mostrar que o lugar pode se diferenciar dentro das mais diversas esferas. Utilizamos as categorias de lugar, percepção, gênero e medo para representar como se formam as identidades de uma policial militar feminina.

No decorrer de nosso trajeto na composição deste projeto, percebemos que tínhamos uma visão errônea sobre a violência urbana e as policiais militares femininas que trabalham no serviço externo. As entrevistas nos mostraram que a diferenciação feita por nós no trabalho, não é tão distinta como estávamos imaginando. A composição de segurança pública que conhecemos dentro dos quartéis é na realidade bem diferente.

O que percebemos durante nossa observação, é que nem sempre o que vemos nas estatísticas como certo, é o que o morador da área vê. Na pesquisa, abordamos a policial militar enquanto moradora e também como profissional. Podemos verificar que no decorrer das entrevistas, as PFEM's abordam explicitamente a reação de moradoras, porém algumas se deixam levar pelas estatísticas.

Muitas dessas policiais acham seu bairro calmo e sem violência, mas apenas na localidade onde moram os seus familiares. Entretanto, a região onde não faz parte de "seu domínio" já caracteriza um bairro como perigoso. Elas fazem distinção de uma localidade pelo que reconhecem como sua área. Um exemplo disso é uma PFEM que se refere ao Tancredo Neves, localizado na Zona Leste de Manaus, como um bairro tranquilo na área de sua residência. No entanto, as estatísticas nos mostram que esse bairro não é tão pacífico quanto à visão da moradora. Para ela, a percepção do bairro é diferenciada.

Trabalhamos com a percepção da policial nessa pesquisa, para sabermos como é que a mulher visualiza toda a questão da violência em torno da sua rotina de serviço e retorno para o lar. A mulher que trabalhamos nesta pesquisa é uma pessoa ligada nas tomadas de decisão, que giram em torno da sua atividade fim. São mulheres empenhadas em conduzir as ocorrências de forma mais branda possível.

Mesmo que seus superiores, muitas vezes, deixem de escutar uma opinião feminina, o trabalho policial militar é a máxima de todas elas.

Conseguimos observar, que nem sempre o que faz parte da estatística é uma afirmação correta. A violência se camufla de várias maneiras, se misturando nas mais diferentes localidades.

A segurança pública exercida por essas mulheres é sem dúvida uma característica que diferencia do contingente masculino. São mulheres, mães, avós, todas empenhadas em proteger a cidade das adversidades da violência urbana. Segundo Tuan (2005, p.321): “Em um lugar seguro estamos cuidados e estamos descuidados. Mas nunca completamente descuidados, porque o mundo está cheio de surpresas.”

Utilizamos as categorias da geografia no capítulo um, para especificar que a análise concretizada por nós nesse momento, tem por base, as características do lugar vivido, percebido e experienciado pela policial militar feminina. Neste capítulo também utilizamos a geografia cultural, para nos ater a realidade social imposta. Sendo uma composição da vida em sociedade, a cultura confere a mulher determinadas obrigações e empenho para manter um lar.

No segundo momento, apresentamos a questão de gênero, comum a identidade da policial militar. Retratamos também a questão da Segurança Pública, em forma de estatísticas oficiais.

Como disse Marcelo Lopes, à questão que gira entorno da segurança pública não se caracteriza como uma demanda estatal apenas, mas sim, precisa ser pensada em conjunto com Universidades e movimentos sociais, que estejam dispostos a contribuir para um planejamento e uma gestão urbana dos espaços públicos, que se constituem em meios para a proliferação de crimes. Não devemos nos deixar dominar pelo medo, muito menos por espaços segregados por nós. Devemos atribuir à justiça social a todos os meios, criando interesse pela causa.

Uma segurança pública mais eficaz requer um desenvolvimento de medidas repressoras, porém, de nada adianta criar programas como o Ronda no Bairro, se o bandido não tiver onde ser alocado e sair de uma prisão pior do que quando entrou. Fazem-se necessárias medidas punitivas diferenciadas, mas acima de tudo medidas de re-inclusão social.

Somos dominados pela ideologia de poderes sociais punitivos. O poder estatal acima de tudo. A punição aplicada após a realização do crime é o triunfo da soberania do Estado. A população admite essa prática como forma de repreensão, servindo de exemplo para futuras ações criminosas.

Para Foucault (2011) a “essência da punição” não seria o simples fato de punir, mas a consciência que se constrói em cima do que não está certo, como o fato de cometer um ato ilícito aos olhos da justiça. Ao se aplicar uma punição, subentende-se que o crime não terá uma reincidência. Ressaltamos a fala de Foucault (2011, p.92): “Polícia e justiça devem andar juntas como duas ações complementares de um mesmo processo”.

No terceiro momento, complementamos a pesquisa ao tratarmos da representação da policial militar. Os mapas mentais foram confeccionados durante nossas entrevistas, o objetivo dos mapas foi de retratar a visão da policial militar no seu trajeto de casa – trabalho. Admito que ao começar a conversar com as policiais femininas, achava que não gostariam de falar sobre sua rotina de trabalho e algumas teriam medos das próprias representações, mas ao me identificar como policial, suas queixas pareceram para mim muito mais importante. Somos o que somos e temos orgulhos de sê-lo.

Portanto, com esta pesquisa, gostaria de ser ouvida enquanto policial feminina e pesquisadora. Nossa proposta é tratar a policial militar como parte importante do todo. A gestão das operações é baseada nas estatísticas produzidas dentro das seções, porém, ouvir a opinião dos “praças” que fazem a base do policiamento, seria uma importante iniciativa. O policial militar que trabalha na mesma área de serviço durante algum tempo, possui percepção aproximada às dos moradores. É neste lugar que as relações de pertencimento acontecem e se traduzem em forma de ações sociais para o bairro. O homem que vivencia o lugar, transforma em conteúdo o que experiencia.

O policial militar é um mediador de conflitos, trabalha com os mais diversos tipos de pessoas e situações, pois é ele quem está envolvido em como resolver as ocorrências referentes ao bairro. Se esse profissional está envolvido com o lugar, ele é capaz de oferecer um serviço de qualidade aos moradores do bairro.

Muitas vezes o “praça” que vai para a rua numa operação, não tem a confiança necessária para lhe ser atribuída certa função, como uma gestão participativa entre os policiais da base e as cúpulas de planejamento. Ouvir o que a policial feminina tem para dizer, opinião das profissionais que estão observando constantemente o trato com o cidadão, pode identificar situações que venham a ser de grande valia para a corporação Policial Militar do Amazonas.

Instituir dentro da corporação grupos de planejamento por área de serviço. Criando nos CPA's maneiras de se concretizarem novas formas de policiamento ostensivo, de acordo com a necessidade da área em questão. Receber apoio do comando da corporação para que as iniciativas implementadas sejam bem sucedidas. Ao invés de tratar o criminoso após o ato consumado do crime, deveria se criar um mecanismo para combater atos de violência antes de acontecer, para isso, é necessário saber que todas as ações representam uma reação. Deve partir do Estado intervenções eficazes para dissociar a população e a violência social. É necessário incluir nesse patamar a própria sociedade.

A autosegregação nos faz reféns do nosso próprio preconceito. Para que exista um melhoramento das condições de Segurança Pública, é preciso permitir uma participação social efetiva na construção de políticas públicas, no decorrer do processo de implementação de novos programas. No entanto, não basta à criação de novas instâncias administrativas para a Segurança Pública, se não forem melhoradas as condições de efetivo das Polícias (sendo mencionados aqui, policiais capacitados, instrumentos para o uso da força e para o não uso da força, tecnologias aplicadas à questão de monitoramento, etc.), o funcionamento do judiciário e do sistema prisional.

É necessário que se obtenha em Manaus, inicialmente, e em seguida para as demais cidades do Estado do Amazonas, condições para caracterizar um funcionamento de excelência, porém, sabemos que esse processo não pode ser pensado em curto prazo, mas sim, determinado com um caráter atemporal, procurando agilizar os meios de combate ao crime e os fatores que o circundam.

Procuramos desenvolver a corporação com a nossa cara, com nosso esforço e como nossa garra de sermos policiais. É através de nossa luta diária que teremos e construiremos cada vez mais uma cidade com menos violência e maior dignidade.

REFERÊNCIAS

BAIERL, Luzia Fátima. **Medo Social - da Violência Visível ao Invisível da Violência**. São Paulo: Cortez, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e Medo na Cidade**. Trad. Eliana Aguiar. Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 2009.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo II: a experiência vivida**. Trad. Sergio Milliet. 2ª Ed. Editora Difusão Européia do Livro. São Paulo, 1967.

BUTTIMER, Anne. **Apreendendo o Dinamismo do Mundo Vivido**. IN: CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da Geografia**. Ed. DIFEL. São Paulo: 1982.

CALAZANS, Márcia Esteves. **Mulheres no Policiamento Ostensivo e a Perspectiva de uma Segurança Cidadã**. Revista São Paulo em Perspectiva, Vol.18; 142-150. 2004.

CLAVAL, Paul. **As Abordagens da Geografia Cultural**. In: Explorações Geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1997.

_____. **O Papel Da Nova Geografia Cultural Na Compreensão Da Ação Humana**. In: ROSENDAHL, Zeny, CORREA, Roberto Lobato (org.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro. EDUERJ, 2001. p. 35-86.

_____. **A Geografia Cultural**. Trad. Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3 ed. Editora UFSC. Florianópolis, 2007.

_____. **Terra dos Homens: A Geografia.** Trad. Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.

CORREA, Roberto Lobato. **Carl Sauer e a Escola de Berkeley.** In: ROSENDAHL, Zeny, CORREA, Roberto Lobato (org.). **Matrizes da Geografia Cultural.** Rio de Janeiro. EDUERJ, 2001. p. 09 - 34.

CORREA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny.(org.) **Introdução A Geografia Cultural.** 3ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2010

COWAN, James. **O Sonho do Cartógrafo: Meditações de Fra Mauro na Corte de Veneza do Século XVI.** Trad. Maria de Lourdes Reis Menegale. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: a Natureza da Realidade Geográfica.** Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DARTIGUES, André. **O Que é a Fenomenologia?** Trad. Maria José J. G. de Almeida. 3ª Ed. São Paulo: Moraes, 2010.

DINIZ FILHO. Luis Lopes. **Fundamentos Epistemológicos da Geografia.** Curitiba: Ed.Ibpex., 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão.** Trad. Raquel Ramallete. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

HOLANDA, Aurélio Buarque. **Mini Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** 8. Ed. São Paulo: Editora Positivo, 2010.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 24 ed. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2009.

LOWENTHAL, David. **Geografia, Experiência e Imaginação: Em Direção a uma Epistemologia Geográfica**. IN: CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982.

MASSEY, Doreen B. **Pelo Espaço: Uma Nova Política da Espacialidade**. Trad. Hilda Pareto Maciel, Rogerio Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MELLO, João Baptista Ferreira de. **O Triunfo do Lugar sobre o Espaço**. IN: MARANDOLA JR, Eduardo., HOLZER, Werther., OLIVEIRA, Livia(org.). **Qual o espaço do lugar?: Geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

NOGUEIRA, Amélia Regina B. **Percepção e Representação Gráfica: A “Geograficidade” nos Mapas Mentais dos Comandantes de Embarcações no Amazonas**. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 2001.

_____. **Uma Interpretação Fenomenológica Na Geografia**. IN: SILVA, Aldo A. Dantas da. GALENO, Alex. (orgs.) **Geografia: Ciência do Complexus: Ensaio Transdisciplinares**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2004.

POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO AMAZONAS. **Manual do Gestor e Operador Ronda No Bairro**. Manaus, AM, p.10.

SEEMANN, Jorn. **Tradições Humanistas na Cartografia e a Poética dos Mapas**. IN: MARANDOLA JR, Eduardo., HOLZER, Werther., OLIVEIRA, Livia(org.). **Qual o espaço do lugar?: Geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SILVA, Joseli Maria. **A Cidade dos Corpos Transgressores da Heteronormatividade**. GEO UERJ. Rio de Janeiro, v. 1, ano 10, n. 18, 2008. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/1343/1132> Acesso em: 31 dez. 2011.

_____.(org). **Geografias Subversivas: Discurso sobre Espaço, Gênero e Sexualidade**. Ponta Grossa:Toda Palavra, 2009.

SOUZA, Marcelo Lopes. **FOBÓPOLE: O Medo Generalizado e a Militarização da Questão Urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2008

RELPH, Edward. **Reflexões sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar**. IN: MARANDOLA JR,Eduardo., HOLZER, Werther., OLIVEIRA, Livia(org.). **Qual o espaço do lugar?: Geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **TOPOFILIA: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

_____. **Geografia Humanística**. IN: CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982.

_____. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Paisagens do Medo**. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: UNESP, 2005.

YUKA, Marcelo. **Minha Alma (A Paz que Eu Não Quero)**. Cd O Rappa - Instituto Coletivo: Ao Vivo. Gravadora Warner. 2001. Disponível em: <http://o-rappa.lyrics.com.br/letras/54982/>. Acesso em: 15 fev. 2012

ANEXO - A

DIÁRIO OFICIAL — SEXTA-FEIRA, 08 DE FEVEREIRO DE 1980

3

ATOS DO PODER EXECUTIVO ESTADUAL**DECRETO N.º 4819 DE 08 DE FEVEREIRO DE 1980****CRIA o Pelotão de Polícia Feminina na Polícia Militar do Estado do Amazonas.**

O GOVERNADOR DO ESTADO DO AMAZONAS, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 43, item IX, da Constituição Estadual, e

CONSIDERANDO que a Inspeção Geral das Polícias Militares se manifestou favorável quanto à criação do Pelotão de Polícia Feminina, e

CONSIDERANDO o disposto no parágrafo único do art. 31 e art. 51 da Lei n.º 1143 de 01 de setembro de 1975, e ainda o que consta do Processo n.º 000101/80-GAGOV,

DECRETA :

Art. 1.º — Fica criado o Pelotão de Polícia Feminina na Polícia Militar do Estado do Amazonas.

§ 1.º — A vaga de Comandante do Pelotão da Polícia Feminina será deduzida do Quadro de Oficiais Policiais Militares e as vagas das Praças, serão deduzidas da dotação dos Graduados, prevista no Quadro de Organização (QO).

§ 2.º — O pessoal necessário ao Pelotão de Polícia Feminina, será incluído na Corporação, mediante concurso de Admissão e Matrícula aos cursos de formação, segundo as dotações previstas, observados os critérios estabelecidos para a matrícula do pessoal masculino, com as adaptações necessárias à natureza do pessoal feminino.

Art. 2.º — O Comandante Geral da Polícia Militar baixará os atos necessários à implantação da organização policial-militar criada por este Decreto, conforme disponibilidade de instalações, de material e de pessoal.

Art. 3.º — Revogadas as disposições em contrário, este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

GABINETE DO GOVERNADOR DO ESTADO DO AMAZONAS, em Manaus, 08 de fevereiro de 1980.

JOSÉ LINDOSO

Governador do Estado

Lincoln Gomes de Almeida

Secretário de Estado da Segurança

DECRETO N.º 4820 DE 08 DE FEVEREIRO DE 1980

O GOVERNADOR DO ESTADO DO AMAZONAS, no uso de atribuições que lhe são conferidas pelo item IV, do art. 43, da Constituição Estadual, e

CONSIDERANDO a regulamentação administrativa estadual, adotada pelo Decreto n.º

CONSIDERANDO a elevada importância do Conselho Estadual de Política Salarial e a necessidade de adequar suas decisões ao processo homologatório vigente,

DECRETA :

Art. 1.º — FICAM homologadas as Resoluções de n.ºs. 001, 002, 003, 004, 006, 007, 009, 010, 011, 012, 013, 014, 015, 016, 017, 018, 019, 020, 021, 023, 024, 025, 027, 028, 029, 030 e 031/79, do Conselho Estadual de Política Salarial expedidas de 29 de junho a 28 de dezembro de 1979.

Art. 2.º — Revogadas as disposições em contrário, este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

GABINETE DO GOVERNADOR DO ESTADO DO AMAZONAS, em Manaus, 08 de fevereiro de 1980.

JOSÉ LINDOSO

Governador do Estado

ANEXO - B

Continuação do BG nº 043	2005
<p><u>PMAM – COMANDO GERAL – 2ª SEÇÃO DO ESTADO-MAIOR GERAL – MEMO. Nº 109/SS-7/2ª SEÇÃO EMG – Manaus/AM, 02 de fevereiro de 2012. – Do TC QOPM - Chefe da PM-2/PMAM – Ao Sr. Cel QOPM – Resp p/ Cmdo da PMAM – Assunto: Autorização para realizar pesquisa (Solicita). – Anexo 01 – Cópia Parte. – Encaminhado Parte s/nº da lavra da SD QPPM ATHÍS LUISE MONTEIRO DE SOUZA BARRETO (19581 SI/PMAM), a qual solicita permissão para aplicar entrevista com alguns praças que compõem o policiamento ostensivo da cidade de Manaus, com o objetivo de realizar objeto de estudo da pesquisa cujo o título é: “Percepção e Representação da Violência na Cidade de Manaus: Os Mapas Mentais do Policial</u></p>	
Segunda-feira, 5 de março de 2012	
Continuação do BG nº 043	2006
<p>Militar”, sendo favorável o parecer desta Chefia. – (a) EBÉR BOH DOS SANTOS – TC QOPM – CHEFE DA PM-2/PMAM.</p> <p>Em consequência: Autorizo.</p>	

ANEXO - C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

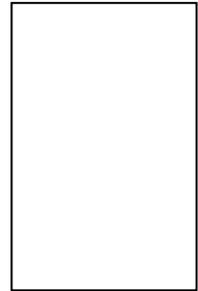
Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa **Percepção e Representação da Violência na Cidade de Manaus: Os Mapas Mentais do Policial Militar**, sob a responsabilidade do pesquisador Thais Luise Monteiro de Souza Barreto, a qual pretende esclarecer qual é a relação que do Policial Militar entre o lugar em que reside e seu lugar de trabalho, qual são seus receios a respeito da violência da cidade de Manaus. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas constando também uma forma de representação da Cidade na visão do policial militar. Os riscos decorrentes da pesquisa seriam os danos morais aos envolvidos, porem os mesmos não serão mencionados pelos nomes e sim por números atribuídos aleatoriamente para identificá-los. Se você aceitar participar, estará contribuindo para gestão de participativa entre o individuo que esta na base da corporação e seus superiores para uma melhoria na atividade desempenhada pela Polícia Militar do Estado do Amazonas, oportunizando uma capacitação e redução dos índices de criminalidade. Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço Av. Gal. Rodrigo Otávio Jordão Ramos - 3000 – Coroado- Universidade Federal do Amazonas- Programa de Pós Graduação em Geografia- Prédio Geografia/Historia - Campus Universitário, Setor Norte-Manaus – Amazonas, Brasil-CEP: 69077-000, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-5130.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Assinatura do participante

Data: ___/___/___



Impressão do dedo polegar

Caso não saiba assinar

Assinatura do Pesquisador Responsável